



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Ana Carolina Siqueira Veloso

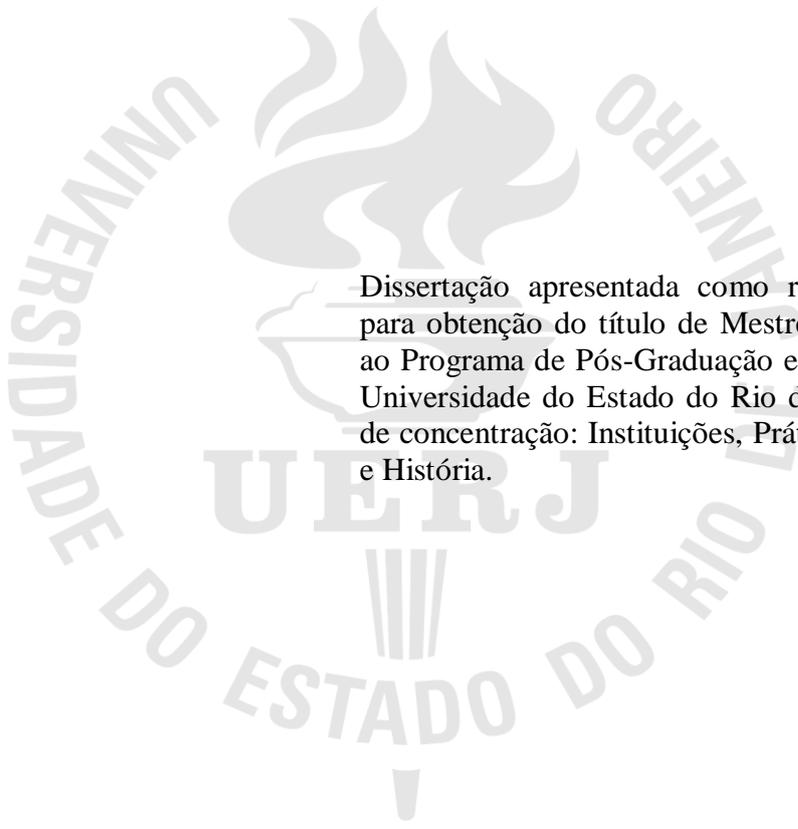
**Perfis femininos em livros infantis de Monteiro Lobato (1920-1940)**

Rio de Janeiro

2013

Ana Carolina Siqueira Veloso

**Perfis femininos em livros infantis de Monteiro Lobato (1920-1940)**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Cabral da Silva

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V443      Veloso. Ana Carolina Siqueira.  
              Perfis femininos em livros infantis de Monteiro Lobato (1920-1940) / Ana  
              Carolina Siqueira Veloso. – 2013.  
              149 f.

              Orientadora: Márcia Cabral da Silva.  
              Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
              Faculdade de Educação.

              1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 – Teses. 2. Literatura infanto-juvenil –  
              Teses. 3. Mulheres na literatura– Teses. I. Silva, Márcia Cabral da. II.  
              Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 821.134.3(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Ana Carolina Siqueira Veloso

**Perfis femininos em livros infantis de Monteiro Lobato (1920-1940)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 12 de agosto de 2013.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Cabral da Silva  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Germana Maria Araújo Sales  
Universidade Federal do Pará

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Crystina Venâncio Mignot  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mirian Hisae Yaegashi Zappone  
Universidade Estadual de Maringá

Rio de Janeiro

2013

Dedico este trabalho à minha família, meus pais e irmãos,  
e ao Leonardo, pelo apoio na trajetória.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, fonte de paz, no qual sempre busco energia e inspiração para superar os desafios que se apresentam durante minha trajetória.

Aos meus queridos pais, Ana Paula e Jayme Jorge, que, se não puderam todas as noites contar-me uma história, se fizeram presentes com incontáveis demonstrações de amor e carinho. Impulsionaram-me a observar o mundo de maneira mais poética, através de suas paixões pela palavra, especialmente na forma musicada.

Aos meus irmãos, Ana Clara e Pedro Arthur, que, por serem mais novos do que eu, renovam meu acervo cultural, ao compartilharem suas histórias e, o mais importante, através de suas maneiras singulares de agir, alimentam minha esperança e crença na possibilidade de mudar situações cristalizadas.

Ao companheiro Leonardo, agradeço a paciência e o acolhimento nos momentos de ansiedade e esgotamento durante os primeiros meses de matrimônio, que foram também os de finalização da dissertação.

À amiga Paula e aos amigos Rafael Bruno e Rodrigo, que demonstraram um interesse afetuoso pelas minhas palavras e pelas de Lobato: agradeço as conversas, as revisões e o incentivo. Também aos amigos e companheiros de grupo de pesquisa e docência, agradeço as trocas de experiência, os encontros em que pudemos dividir inquietações e sorrisos.

Às integrantes da banca examinadora, professora Ana Magaldi — que desde a graduação em Pedagogia me instigou ao debate historiográfico acerca das famílias e dos papéis desempenhados por seus componentes femininos — e professora Germana Sales, agradeço a disponibilidade e a leitura minuciosa. Também agradeço às professoras Ana Chrystina e Mirian Zappone, pela disponibilidade de contribuir para minha formação.

À minha querida orientadora, Márcia Cabral, que contribuiu com o meu amadurecimento acadêmico, agradeço o apoio desde meus primeiros passos como pesquisadora, em 2007, e por, até o presente momento, orientar, escutar e apoiar meu trabalho, além de ser um modelo de comprometimento e ética em sua trajetória.

Aos funcionários do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedae —Unicamp) pela presteza e cuidado com que me receberam, e ao CNPq pelo apoio através de bolsa de estudo ao longo da iniciação científica e do mestrado.

A mulher aqui é um colosso! Bateram o homem em tudo e agora o pobre é que anda a pensar em igualdade de direitos. O coitado tropica para pôr-se legalmente em pé de igualdade à Sua Majestade Oniponte a Mulher Americana. Matar mulher? Uma ova. Isto assombra-me pois venho de uma terra onde se mata mulher com a mesma impunidade com que se mata um porco.

*Monteiro Lobato (1927, apud:NUNES, 1983, p. 15)*

## RESUMO

VELOSO, Ana Carolina Siqueira. *Perfis femininos em livros infantis de Monteiro Lobato (1920-1940)*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

O presente estudo apresenta dados de uma pesquisa de caráter histórico, que visa contribuir para as análises de representações acerca dos perfis femininos nos anos de 1920 a 1940, a partir do diálogo com personagens criadas pelo escritor Monteiro Lobato em alguns de seus livros infantis do mesmo período. Os livros analisados são *Serões de Dona Benta* (1937), *Histórias de tia Nastácia* (1937), *Reinações de Narizinho* (1931), *Memórias de Emília* (1936) — títulos selecionados, pois cada um possui como protagonista uma das personagens femininas analisadas —; *História do mundo para crianças* (1933), *História das Invenções* (1937) e *O poço do Visconde* (1937) — em que as questões da modernidade e da história são destacadas pelo autor. Os livros compõem a coleção *Obras Completas de Monteiro Lobato* — Literatura Infantil (2ª série). Neste estudo, inserido no campo da história da educação, o principal *corpus* documental é o material literário e, por isso, foi necessária a aproximação com a história cultural, com a história do impresso e com a micro-história. Em um primeiro momento, ressalta-se a interferência das inovações tecnológicas e culturais na trajetória do intelectual Monteiro Lobato, que desempenhou diferentes papéis — escritor, editor e distribuidor — no circuito de comunicações no âmbito brasileiro nas primeiras décadas da República. Ademais, de maneira interdisciplinar, através de pesquisa bibliográfica, o estudo se debruça sobre o conceito de modernidade, que possibilitou a apreensão das relações da escrita fictícia de Lobato com discursos e práticas femininas, aos quais se teve acesso por meio de cartas e impressos da época analisada, assim como revistas e manuais de civilidade. Observa-se que as caracterizações das personagens apresentavam a modernidade ligada principalmente aos meios culturais, artefatos tecnológicos e ao debate educacional. Todavia, as práticas desses discursos renovadores dependeram, igualmente, das origens sociais, étnicas e econômicas das personagens representadas naquele contexto.

Palavras-chave: Educação das Mulheres. Literatura infantil de Monteiro Lobato. Modernidade.

## ABSTRACT

VELOSO, Ana Carolina Siqueira. *Female profiles in children's books by Monteiro Lobato (1920-1940)*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

This study presents data from historical character research which aims to contribute to the analysis of representations about female profiles in the years 1920 to 1940, from dialogs of characters created by writer Monteiro Lobato in some of his infantile books from the same period. The analyzed books are “Serões de Dona Benta” (1937), “Histórias de tia Nástacia” (1937), “Reinações de Narizinho” (1931), “Memórias de Emília” (1936) – selected titles because each of them has one of the female characters analyzed as protagonist –, “História do mundo para crianças” (1933), “História das Invenções” (1937) and “O poço do Visconde” (1937) – in which the issues of modernity and history are highlighted by the author. All the works are included in the collection “Obras Completas de Monteiro Lobato”– Children’s Literature (2nd series). In this study, entered in the field of the history of education, the main documentary corpus is the literary material and, therefore, it was necessary to approach theories of cultural history, history of printed and micro-history. At a first moment, the interference of technological and cultural innovations in the path of Monteiro Lobato, the intellectual, who filled different papers – writer, editor and distributor – in Brazilian communications system in the early decades of the Republic. Furthermore, in an interdisciplinary manner, through bibliographical research, the study deals with the concept of modernity that enabled the apprehension of the relationship Lobato’s fictional writing with female discourses and practices, in which access has been acquired through letters and letterpresses from the analyzed time, as magazines and manuals of politeness. It is observed that the characterization of the characters were mainly linked to the modern cultural media, technological artifacts and to the educational debate, but that the practices of these renovator speeches depended, equally, to social, ethnic and financial beginnings of the characters represented on that context.

Key words: Women’s Education. Children’s Literature of Monteiro Lobato. Modernity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Serões de Dona Benta, 1957, p.5 .....	73
Figura 2 –	História das Invenções, 1957, p.259 .....	76
Figura 3 –	Serões de Dona Benta, 1957, p. 171 .....	77

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>DESTINO E ARTE – MESCLAS NA TRAJETÓRIA DE UM JOSÉ</b> .....	16
1.1	<b>Entre as camadas sociais e o “núcleo do cometa”:</b> Lobato e as inovações do início do século XX .....	18
1.2	<b>Lobato, um intelectual amigo das mulheres</b> .....	46
2	<b>DONA BENTA E TIA NASTÁCIA: REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NOS ANOS DE 1920-1940</b> .....	64
2.1	<b>Dona Benta: Dona de casa e mestra moderna</b> .....	69
2.2	<b>Tia Nastácia: Cozinheira e contadora de histórias populares</b> .....	89
3	<b>LÚCIA E EMÍLIA: A PRIMEIRA MENINA DO MUNDO E SUA BONECA DE CARNE E OSSO</b> .....	99
3.1	<b>Narizinho: Uma menina na medida de seu tempo</b> .....	104
3.2	<b>Emília: A dona da palavra</b> .....	117
3.3	<b>Lúcia e Emília noivas: Um sonho de amor e de poder</b> .....	126
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	132
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	138
	<b>APÊNDICE A – Obras Completas de Monteiro Lobato – Literatura Infantil...</b>	146
	<b>APÊNDICE B – Livros escolhidos</b> .....	149

## INTRODUÇÃO

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra - a entrelinha - morde a isca, alguma coisa se escreveu.

*LISPECTOR, 1984, p. 120*

Escrever é gravar reações psíquicas. O escritor funciona qual antena - e disso vem o valor da literatura. Por meio dela, fixam-se aspectos da alma dum povo, ou pelo menos instantes da vida desse povo.

*LOBATO, 1933, p. 7*

Palavras, não-palavras, ideias, livros, histórias literárias que influenciam trajetórias individuais ou marcam gerações; por outras vezes, história de indivíduos, fatos políticos ou contextos sociais que inspiram narrativas ficcionais. Nessa perspectiva, a pesquisa em análise se alinha às fronteiras entre Literatura e História, especificamente ressalta os perfis femininos criados por Monteiro Lobato - Dona Benta, tia Nastácia, Narizinho e Emília – personagens que habitam o Sítio do Picapau Amarelo e alguns discursos e práticas femininas brasileiras no período entre os anos 1920-1940.

Ficção e realidade se misturam dia após dia, entremeiam nossas escolhas e relacionamentos: ao trazer para o primeiro plano a diferença entre o que se diz, o que se pretendia dizer e o que o outro escuta. No caso da língua escrita, observam-se as lacunas entre o que se escreve para um leitor ideal e o que leitor real compreende da mensagem elaborada por um autor distante, baseado, conscientemente ou não, no que é vivido e observado por cada um. Entrelinhas, que dizem respeito às experiências do leitor e do escritor, captando os enunciados do texto ficcional ou histórico.

Apesar de reconhecer a necessidade de um afastamento do objeto analisado, para que a discordância e a curiosidade fizessem surgir novas questões, o interesse pelo material literário, produto do “escritor-antena” Monteiro Lobato, em meio aos obstáculos que se apresentaram durante o período de pesquisa e elaboração desta dissertação, incentivou e renovou o prazer de ler, escrever e reescrever. Interesse que nasceu do envolvimento da leitora, da mediadora de leituras em sala de aula e da pesquisadora - três papéis assumidos

pela mesma persona -, que, apesar da multiplicidade de objetivos e “olhares”, se deliciou com as asneiras de Emília.

Ademais, os debates acerca dos limites entre história e literatura têm sido recorrentes nas formulações de outros pesquisadores e são muitas as reflexões pertinentes aos modos de operar com esse tipo de documento e a análise do discurso dos próprios historiadores. Peter Gay (1990, p. 177), por exemplo, chama a atenção para a subjetividade presente, mesmo nos trabalhos escritos com o objetivo de compartilhar “histórias reais”, pois “existem tantas maneiras de contar **a mesma história** que o próprio sentido de **a mesma** corre perigo.” (grifos do autor).

Nosso objetivo é que nas páginas que se seguem, conscientes da subjetividade presente nos escritos de Lobato, e de nós pesquisadores, captemos, com os pressupostos extraídos da historiografia e da teoria literária, “instantes” da vida moderna feminina nas primeiras décadas da República Brasileira.

As questões que envolvem o objeto livro estão presentes nos meus horizontes de estudo desde o período da graduação em Pedagogia (2009) <sup>1</sup> e participação nos estudos desenvolvidos no âmbito do grupo de pesquisa *Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação*, assim como na atual pesquisa bibliográfica e documental sobre os títulos da *Coleção Menina e Moça*<sup>2</sup>, editados pela Livraria José Olympio Editora entre os anos 30 e 50. Observamos, nos títulos da coleção, forte acento prescritivo, que acrescentaram novas questões à minha curiosidade no que concerne ao debate sobre as representações do gênero feminino e da modernidade.

As disputas travadas no campo da literatura voltada para a infância e para meninas e moças nos instigaram a investigação da obra daquele que parece ter renovado a literatura infantil brasileira, como indica a historiografia clássica sobre o assunto (ARROYO, 1968; LAJOLO, 2000; COELHO, 1998). Estima-se que um dos segredos de Lobato era, justamente, escrever para o público de crianças, inserindo elementos geralmente empregados nas histórias para adultos: temas como a Segunda Guerra Mundial, a economia brasileira e o desenvolvimento industrial eram recorrentes nas aventuras do Sítio do Picapau Amarelo.

---

<sup>1</sup> A *Leitura do Jovem: Concepções e Práticas*, realizada entre os anos de 2007 e 2009, no âmbito da Faculdade de Educação da UERJ, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Cabral da Silva. Contou com o financiamento do CNPQ e foi desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa *Infância, Juventude Leitura, Escrita e Educação*, constituído no ano de 2006. Esta pesquisa teve como principal objeto de estudo o jovem leitor da cidade do Rio de Janeiro (VELOSO, 2007).

<sup>2</sup> Os títulos da *Coleção Menina e Moça* são traduções da Bibliothèque de Suzette, uma série de romances franceses idealizados para educar a infância e a mocidade feminina. (SILVA, 2013)

Como a *Coleção Menina e Moça*, constituída de romances “cor de rosa”, “açucarados”, podia ser editada e vendida no mesmo contexto das obras protagonizadas pela irreverente Emília criada por Monteiro Lobato? Como o público poderia se interessar por material de leitura com ideologias tão diferentes? Se no primeiro conjunto encontramos os preceitos da Igreja Católica e as mulheres voltadas para a família e a missão da maternidade (SILVA, 2013); no segundo, configura-se um sítio, governado por uma mulher, que discute política, e meninas e moças, que se preocupam com guerras e outros problemas sociais da humanidade:

– Não há tal, minha filha. A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro desse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata vovó de lá, como eu, e fere uma netinha como você ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. É uma perversidade tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração anda cheio da dor de todas as avós e mães distantes, que choram a matança de seus pobres filhos e netinhos (LOBATO<sup>4</sup>, 1957, p. 8).

Em um primeiro momento, através de estudo comparativo entre as coleções<sup>3</sup>, estimamos que algumas possíveis respostas relacionavam-se com o contexto histórico, bastante turbulento e que acarretou mudanças no campo da política, da educação, das artes e, conseqüentemente, nos papéis atribuídos aos indivíduos dos gêneros femininos e masculinos.

Essa primeira hipótese confirmou-se já nas leituras preliminares da obra intitulada *Sítio do Picapau Amarelo*<sup>4</sup>: nas histórias de Monteiro Lobato, podemos entrever continuidades e rupturas no fazer-se “mulher moderna” no cenário dos anos 20 a 40. As contradições do período emergem também na dimensão das representações do feminino: as mulheres, das camadas médias, do início do século XX, vislumbram no âmbito doméstico as

<sup>3</sup> Destaco o trabalho “Perfis femininos na literatura infantil: uma abordagem histórica e comparativa (1930-1950)” apresentado no V Simpósio Internacional de História: Cultura e Identidades (PUC-Goiás/2011). O artigo mais tarde foi escrito em coautoria com a Prof<sup>a</sup> Márcia Cabral da Silva, para o dossiê publicado na revista Mosaico (Revista do mestrado em História /PUC-Goiás). O dossiê foi aceito em janeiro de 2012 e publicado em fevereiro de 2012. O acesso à revista on-line é possível a partir site: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/issue/view/147/showToc>

<sup>4</sup> Refiro-me aos livros publicados na coleção *Obras Completas de Monteiro Lobato – Literatura Infantil*, publicada de 1931 a 1944 pela Editora Brasiliense. Lobato publicou outras histórias infantis, inclusive que não se passavam no Sítio de Dona Benta e também não contavam com a participação das personagens do “Picapau Amarelo”. No entanto, seleciono essas versões, pois tratam exclusivamente das aventuras do Sítio do Picapau Amarelo, série que o consagrou como escritor infantil, e contém as últimas revisões do autor. Monteiro Lobato modificava seus livros de uma publicação para a outra, “raspando os excessos de literatura”. Considero importante analisar essas narrativas, pois são as que ainda circulam nas escolas, livrarias e bibliotecas. Para ampliar o debate, consultar a Tabela 1, onde registro os títulos da coleção e dos livros publicados.

divergências entre os preceitos morais e científicos, cabendo-lhes conciliar os deveres familiares e as inovações tecnológicas, para administrarem adequadamente seu lar.

De maneira a contemplar essas questões, a dissertação foi estruturada em três capítulos, por meio dos quais se pretende examinar, respeitando os limites temporais dos anos 1920 a 1940, a representação dos perfis femininos em alguns dos livros infantis escritos por Monteiro Lobato, por meio das personagens Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho e Emília. Analisamos sete livros da coleção *Obras Completas de Monteiro Lobato – Literatura Infantil (1931-1944)* – e a escolha dos livros se deu em dois blocos de interesse<sup>5</sup>. Quatro livros foram selecionados, pois cada um deles possui como protagonista das narrativas uma das personagens elencadas acima, são eles: *Serões de Dona Benta (1937)*, *Histórias de tia Nastácia (1937)*, *Reinações de Narizinho (1931)* e *Memórias de Emília (1936)*.

No *Serões de Dona Benta*, a avó resolve ensinar física aos meninos e, em vários serões, desenvolve um expressivo curso da matéria com muitas experiências, desenhos e observações em seu laboratório. Em muitos trechos podemos observar os preceitos de uma educação voltada para a prática do estudante e bastante racionalista, nos quais a ciência parece poder explicar tudo.

Em *Histórias de tia Nastácia*, observamos um movimento inverso: as histórias populares do nosso folclore são contadas por tia Nastácia tal e qual ela as ouviu de sua mãe e de outras pessoas do povo. As narrativas são duramente criticadas pela falta de coerência. No final de cada história, Narizinho, Emília e Pedrinho comentam fatos sobre os personagens e a moral dos contos, revelando um senso crítico aguçado.

No livro *Reinações de Narizinho*, dedicado às primeiras aventuras da menina Lúcia, estão reunidos contos e histórias publicadas pelo autor a partir de 1920, que foram adaptadas e tornaram-se capítulos de uma única história. O primeiro livro sobre a menina Lúcia, por exemplo, *A menina do narizinho arrebitado (1920)* é, nesta publicação definitiva, o 1º capítulo.<sup>6</sup> Entre uma aventura e outra, somos apresentados aos demais personagens que habitam o Sítio: Pedrinho, o Visconde, Rabicó, Quindim, o Burro Falante, dentre outros.

---

<sup>5</sup> Ver Tabela II.

<sup>6</sup> Em 1920, Monteiro Lobato lança o seu primeiro livro infantil **A menina do Narizinho Arrebitado**, álbum cartonado de 46 páginas. Devido ao sucesso, em 1921 é transformado em **Narizinho Arrebitado**, segundo livro de leituras para uso das escolas primárias. No ano seguinte, 1922, Lobato escreveu mais dois pequenos livros infantis – **O Sítio do Picapau Amarelo** e **O Marquês de Rabicó** – e até 1930 publicou mais 8 títulos: **O Noivado de Narizinho (1927)**, **Aventuras do Príncipe (1927)**, **O Gato Félix (1927)**, **Cara de Coruja (1927)**, **O Irmão de Pinóquio” (1927)**, **O Circo do Escavalinho (1927)**, **A Pena de Pagagaio (1930)** e **O Pó de Pirlimpimpim (1930)**. Em 1931 essas histórias foram transformadas em capítulos do livro **Reinações de Narizinho**. (CAVALHEIRO, 1956)

Por último, temos a irreverente Emília que resolve contar suas memórias, ditando-as ao Visconde de Sabugosa. No livro *Memórias de Emília* nos chamam atenção as considerações filosóficas e polêmicas da menina-boneca acerca de conceitos como verdade, mentira e memória, além das observações sobre as maneiras de ser de cada um de seus amigos do Sítio.

Os outros três livros foram escolhidos, pois repercutem nas narrativas a preocupação do escritor com a evolução humana e com a história. Por meio deste exame, buscamos entender as representações nos discursos das personagens sobre as inovações tecnológicas e outras modernidades.

Em *História das Invenções* (1937), D. Benta reconta o livro *História das invenções – O Fazedor de Milagres*, do cientista e filósofo Hendrik Van Loon<sup>7</sup>. Os estudos das invenções são desenvolvidos através da ampliação dos sentidos humanos: invenções que ampliaram o poder das mãos e dos pés, do ouvido, da visão, do nariz etc.

No livro *História do mundo para as crianças* (1933), D. Benta trata da evolução humana e da história da humanidade no planeta. As crianças recebem lições sobre Roma e Grécia, sobre a descoberta da América e as grandes navegações. No último capítulo, a narradora reflete sobre seu próprio tempo e o classifica como a era dos milagres.

Em *O poço do Visconde* (1937), Lobato, com a ajuda das crianças do Sítio e do Visconde, “realiza” o sonho de encontrar petróleo em terras brasileiras. O Visconde vira geólogo, faz conferências, ensina a teoria e depois passa à prática, e, com a fundação da Companhia Donabentense de Petróleo, consegue abrir o primeiro poço de petróleo do Brasil: o Caraminguá nº 1.

Por tratar-se de material literário, fez-se necessário construir a análise tendo como base uma pesquisa de caráter interdisciplinar: a representação do feminino examinada a partir da abordagem da teoria literária assim como da histórica, principalmente aquelas que envolvem estudos da cultura e da educação. Para verificar as semelhanças entre as práticas anunciadas nos livros de Monteiro Lobato e aquelas das mulheres não ficcionais, buscamos representações nos discursos registrados em cartas, jornais e revistas da época.

No desenvolvimento da dissertação, o primeiro capítulo será dedicado ao escritor, editor e intelectual Monteiro Lobato. Em um primeiro momento, através de seus escritos e inserção na política e economia brasileira, intentamos mapear as transformações ocorridas no

---

<sup>7</sup> Hendrik Willem Van Loon era historiador e escritor holandês admirado por Lobato. Além de trazer reflexões do autor em seus textos infantis, Lobato traduziu seus escritos para o público brasileiro, como é o caso do livro *História da Bíblia* (1940). (CAVALHEIRO, 1956)

início do século XX e a modernidade, que emergem no país, principalmente nas cidades paradigmáticas: Rio de Janeiro e São Paulo. Na continuação do capítulo, analisamos as consequências dessas mudanças sobre o “dever ser” mulher. Ainda sobre esse aspecto, encontramos nas relações do escritor com suas filhas, esposa e editadas pistas sobre a condição da mulher moderna.

O segundo capítulo tem como foco as representações acerca das personagens adultas Dona Benta e Tia Nastácia. Essas personagens se aproximam das mulheres do tempo em que foram criadas? Encontramos trechos em que elas desempenham o papel de empregadas domésticas, professoras, enfermeiras. Essas e outras ocupações eram talhadas para serem exercidas por mulheres “como que uma sequência e uma ampliação das suas virtudes maternais” (SOUZA, 1995, p. 47) no período dos anos 1920/1940. Todavia, as origens sociais e culturais das personagens e parece-nos que também das mulheres reais influenciavam na escolha das ocupações/profissões.

No último capítulo, analisamos as personagens Narizinho e Emília, meninas encantadas com os príncipes e princesas dos contos de fada e também com piratas. Elas sonham com o casamento? São educadas para a função de esposas? Por vezes são caracterizadas e elogiadas pelo desempenho na cozinha, auxiliando as mulheres adultas; em outros casos, desconsideram a sacralidade do casamento, importando-se apenas com o título e patrimônio dos pretendentes.

Importa destacar, por último, que os trechos dos livros literários citados na dissertação foram transcritos conforme a ortografia da época em que foram publicados, pois não comprometem a leitura que, desejamos, instigue outros pesquisadores ao debate das questões educativas sobre o gênero feminino.

## 1 DESTINO E ARTE: MESCLAS NA TRAJETÓRIA DE UM JOSÉ

José nasceu em uma fazenda de café, no interior do Estado de São Paulo, ao final do século XIX. Como era herdeiro de tal propriedade, sua vida teve marcas semelhantes às de inúmeros filhos ou netos dos “Barões do Café” brasileiros: alfabetizou-se em casa, frequentou escolas da região durante o ensino primário e, preparando-se para o ensino superior, estudou em sistema de internato na capital. Conforme o desejo do patriarca da família, formou-se em Direito e, ao retornar bacharel para sua cidade, logo assume um cargo de promotor público, nomeação para a qual a influência de seus parentes teve grande peso. Casa-se, tem filhos e, quando o avô morre, recebe a fazenda e outros bens de herança; é levado, então, a abdicar do serviço público para cuidar dos cafezais.<sup>8</sup>

Essa história — que é a de muitos “Josés”, homens nascidos na classe média de um Brasil regido pela economia de exportação de produtos agrícolas e governado por um regime oligárquico — em parte é a trajetória de José Renato Monteiro Lobato. Ou José Bento Monteiro Lobato, como passou a se chamar em 1893<sup>9</sup>.

Poderia ser este indivíduo um desconhecido, não fosse a arte uma revolta contra o destino do homem (MALRAUX, 1998). Não se trata apenas da arte exposta em museus, matéria a ser avaliada pelos críticos literários, musicais, etc. Refere-se aqui à capacidade criadora de cada ser humano, a arte de viver e conviver, isto é, de produzir cultura. Arte potencializada na tinta e na pena do escritor, materializada em diferentes histórias e projetos gráficos, que o distanciou de tantos outros “Josés”; mas, também, a arte presente na trajetória dos demais artistas anônimos, dos que, por não terem se tornado homens públicos, quase nada conhecemos: suas práticas e ligações sócio-afetivas. Por isso, algumas vezes, parecem tão homogêneos, desprovidos de sonhos e vontades, ou seja, de individualidade.

A par de conceitos filosóficos e abordagens historiográficas que valorizam as práticas dos indivíduos, os “Josés” e “Marias” fazem-se diferentes entre seus iguais. Se considerados

---

<sup>8</sup> Esse primeiro e breve parágrafo apresenta ao leitor alguns períodos da extensa biografia de José Bento Monteiro Lobato. Para maiores informações sobre as diferentes etapas da vida do escritor e editor, conferir a exímia obra de Edgard Cavalheiro, dividida em dois tomos que traçam a partir de cartas, jornais e outros escritos – que faziam parte do acervo pessoal de Lobato, doado ao biógrafo em 1946, ano em que o criador do Sítio muda-se para a Argentina - além de relatos de amigos e familiares, sua trajetória desde a infância até o falecimento em 4 de julho de 1948. (CAVALHEIRO, 1956)

<sup>9</sup> Segundo os relatos de Edgard Cavalheiro (1956) e Marisa Lajolo (2000), no ano de 1893, José Renato Monteiro Lobato decide mudar seu segundo nome para Bento, que era também o nome de seu pai, com o intuito de posteriormente utilizar uma bengala de mármore que pertencia ao mesmo. Na bengala estavam gravadas as iniciais JBML.

os estudos com base na história cultural e na micro-história, ampliam-se as possibilidades de se trabalhar com os indivíduos.<sup>10</sup> Ademais, a história não é linear e os sujeitos não são meros espectadores das rupturas ou continuidades de seu tempo, mas agentes do processo:

O fato do homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso, mais uma vez, só é possível porque cada homem é único, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. Desse alguém que é único pode-se dizer verdadeiramente que antes dele não havia ninguém. Se a ação, como o início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como um ser distinto e único entre os iguais. (ARENDRT, 2010, p. 223)

O presente capítulo destina-se à análise de questões acerca da modernidade e do gênero feminino nos anos 1920 à 1940 através do exame da rede de sociabilidade e produções literárias do indivíduo Monteiro Lobato. Indivíduo que, como todos os outros, representa diversos papéis ao longo de sua vida. Nas páginas que se seguem por vezes aparecerá como escritor, intelectual, pai e esposo. Conscientes da complexidade de personas representadas por ele e contextos visitados, elegemos Lobato e parte significativa de sua obra infantil como objeto e fonte de pesquisa, tomando-o não como o único artista de sua geração, mas como homem que soube utilizar o discurso para efetivação de sua pluralidade. Sublinha-se, aqui, a partir da escrita de Hannah Arendt (2010), que, apesar de ele ser único, mesmo suas ditas inovações sofreram influências do Brasil que se construía em meio às contradições e modernidades<sup>11</sup>, ou seja, beberam na arte de outros “Josés” e “Marias”.

---

<sup>10</sup> A escolha dessa abordagem teórica favorece o exame da trajetória de um indivíduo, no caso deste estudo de Monteiro Lobato, e o diálogo deste com seus amigos, familiares e leitores. Intento como no “(...) texto um tanto provocador de C. Ginzburg e C. Poni que propõe fazer do ‘nome’ – do nome próprio, ou seja, da marca mais individual, menos sujeita à repetição que existe – a baliza que permitiria construir uma modalidade nova de uma história social atenta aos indivíduos percebidos em suas relações com outros indivíduos. Pois a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve. (REVEL, 1998, p. 21)

<sup>11</sup> O período estudado foi emblemático para a construção de uma nova imagem nacional. Segundo HERSCHMANN e PEREIRA (1994, p. 29-30), este período caracteriza-se como um “momento de descoberta do Brasil — pelo menos para boa parte dos intelectuais de então — e de busca de um rompimento definitivo com o provincianismo, o formalismo e a repetição de velhas fórmulas que não mais davam conta de um cotidiano cada vez mais urbano e industrial”.

## 1.1 Entre as camadas sociais e o “núcleo do cometa”: Lobato e as inovações do início do século XX

Nada de imitar seja lá quem for. Eça ou Ésquilo. Ser um Eça II ou Ésquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Ésquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.

*LOBATO, 2010, p. 78<sup>12</sup>*

Nesta inspiradora epígrafe, há a sugestão de que Monteiro Lobato, de algum modo, compartilhava com a filósofa Hannah Arendt concepções acerca do ser humano. Sua capacidade criadora e a individualidade são louvadas pelo escritor como único meio de alcançar a borboleta de asas de fogo<sup>13</sup>. No entanto, ele mesmo reconhece, em carta ao amigo Godofredo Rangel<sup>14</sup>, ser esta uma missão impossível, já que “é inconscientemente que vamos, no decurso de nossas vidas, adquirindo, ou, antes, colhendo as coisas novas – ideias e sensações – que o estudo ou a observação nos deparam” (LOBATO, 2010)<sup>15</sup>.

Compreende-se nesta pesquisa que homem e sociedade estão associados na passagem do tempo: o indivíduo não é um mero espectador de sua trajetória; ele cria e se apropria dos artefatos de modos diferentes, interfere na sociedade. No entanto, não é o único autor de sua vivência, pois sofre cerceamentos e é também configurado pelas características culturais, sociais e econômicas da comunidade de que faz parte. Seja na função de noivo, escritor ou editor, o desafio é analisar as ações sociais de Monteiro Lobato, em outras palavras:

---

<sup>12</sup> Trecho da carta escrita em 15 de novembro de 1904 por Monteiro Lobato para o amigo Rangel.

<sup>13</sup> Na carta dirigida ao amigo Godofredo Rangel, datada de 15 de novembro de 1904, Monteiro Lobato faz referência à arte literária através da seguinte metáfora: “Somos vítimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo - se a não pegarmos, seremos infelizes; e, se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos...” (LOBATO, 2010, p. 77).

<sup>14</sup> José Godofredo de Moraes Rangel (1884-1951) bacharelou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde conheceu Monteiro Lobato. Exerceu o cargo de juiz, mas também se dedicou à literatura através da tradução e da criação de contos e romances. O escritor correspondeu-se por quarenta anos com o inventor do Jeca Tatu, mas não quis publicar suas cartas, alegando ser tímido, como fez Lobato em *A Barca de Gleyre*. (CAVALHEIRO, 1956)

<sup>15</sup> Carta publicada em *A Barca de Gleyre* (LOBATO, 2010, p. 60).

(...) empregar um modelo mais realista do comportamento humano, empregando um modelo de ação e conflito do comportamento do homem no mundo que reconhece sua – relativa – liberdade além, mas não fora, das limitações dos sistemas normativos prescritivos e opressivos (LEVI, 1992, p. 135).

Assim, se observadas pelas lentes da micro-história, percebe-se que é importante “não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral” (LEVI, 1992, p.158). Ou talvez, no geral, existam individualidades que através da abstração subvertem os fatos. Considero José Bento Monteiro Lobato um desses indivíduos: muito antes de se tornar o escritor querido<sup>16</sup> por crianças e adultos, em sua trajetória encontram-se práticas que burlaram o contexto social.

Aos quatorze anos, Monteiro Lobato já “deitava” a pena no jornal estudantil *O Guarani*, impresso no Colégio Paulista de Taubaté, sob o codinome Josben. No entanto, insatisfeito por ser apenas um dos publicados, “edita” seu próprio jornal, *H2O*, em que pode, com maior liberdade, escrever sobre os outros alunos:

Era um jornalzinho manuscrito que mantive naquele colégio, e que eu mesmo lia em voz alta no recreio todos os sábados, dentro de um “quadrado de defesa” (...). Cada semana, o ‘H2O’ bulia com um grupo e poupava os demais. Estes eram convidados a formar o “quadrado de defesa”, contra os ‘ataques de cavalaria’ dos ‘bulidos’, os quais avançavam furiosos para empastelar o pasquineiro (...) (LOBATO, 1961, p.171).

Durante os três anos em que estudou em regime interno, no Instituto de Ciências e Letras (1887-1899), Lobato também publicou pequenos contos em jornais estudantis e explorou outros talentos, através de pinturas e desenhos. No entanto, no último ano de internato, o escritor, já órfão de pai e mãe, mesmo pretendendo cursar Belas Artes, tinha de obedecer ao avô e ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo. Suas ações sociais, que já haviam experimentado alguma liberdade, por exemplo, no ataque aos colegas pela escrita do *H2O*, são limitadas pelo sistema à escolha do avô cafeicultor<sup>17</sup>.

Ao chegar à capital do Estado, o jovem Lobato descobre o frenesi da cidade grande em formação, uma São Paulo de “italianos que anunciam coisas friescas, mais os bondes e os

<sup>16</sup> Monteiro Lobato recebia muitas cartas de seus pequenos leitores e, algumas vezes, compartilhava trechos de suas missivas com Godofredo Rangel. Destaco um parágrafo de uma carta recebida pelo escritor no ano de 1943: “Querido Monteiro Lobato: chamo-o assim porque desde pequenina me habituei tanto a você, ‘tivemos’ tantas palestras juntos na minha imaginação, que não teria jeito de tratá-lo de outra forma. Creio que somos íntimos.” (F. In: LOBATO, 2010, p. 555)

<sup>17</sup> Para obter maiores informações sobre o estudante Monteiro Lobato, conferir o capítulo *A insofrida adolescência* (p.33-56) da biografia escrita por Edgard Cavalheiro. (1956)

autos”<sup>18</sup>. Ele acompanha o nascimento de um mito da modernidade brasileira - a Babel invertida:

O mundo novo, representado por São Paulo, onde primeiro o branco se fundia com o índio, depois os descendentes destes se cruzaram com os negros, e agora as novas gerações se consorciavam com os fugitivos da Europa convulsionada, é a nova terra da promessa, onde se vão erguer as torres sólidas das “novas arquiteturas da sociedade futura”, a Babel invertida, a Babel que une (...) (SEVCENKO, 2009, p.38),

Mas é “um horror de barulho”<sup>19</sup>. Inicialmente, a configuração da cidade atrapalha suas leituras, todavia, vista por outro ângulo, impregna suas práticas sociais e perpassa a narrativa epistolar e ficcional.

Durante o período da faculdade, seus “dedos trôpegos”<sup>20</sup> exploram textos acadêmicos, mas também são premiados pelo conto *Gens Ennuyes* no jornal acadêmico “XI de Agosto”. Provas de que, apesar de a escolha não ter sido sua, no período em que cursou direito, Lobato aproveitou algumas oportunidades e, mesmo que de maneira indireta, aumentou seu capital intelectual<sup>21</sup> na convivência com os mestres e estudantes. (CAVALHEIRO, 1956)

Um grupo seletivo de amigos, denominado Cenáculo, discutia e compartilhava impressões sobre as obras de Zola, Flaubert, Daudet, Victor Hugo e seus próprios escritos. O lema dos “cenaculóides” já apresentava o perfil irreverente do grupo: “Aqui só se come o pão do espírito”<sup>22</sup>, de modo a declarar o interesse do grupo pelos livros, que saciavam os jovens escritores, e afastavam os interessados na janta. Os encontros na república estudantil “Minarete” estimulavam a formação não só de um público leitor, mas também de críticos e produtores de literatura, que,

(...) se não formava propriamente uma intelligentsia, isto é, um grupo de intelectuais reunidos em torno de projetos e afinidades comuns (...), compunha um grupo social dotado de um *ethos*, de um corpo de práticas e de uma “estrutura de sentimentos” comuns, suficientemente homogêneos para garantir sua coesão. E são essas

<sup>18</sup> Os trechos destacados ao longo deste parágrafo são extraídos de carta datada de 15 de novembro de 1904, endereçada a Godofredo Rangel. (LOBATO, 2010, p.60).

<sup>19</sup> Os trechos destacados ao longo deste parágrafo são extraídos de carta datada de 15 de novembro de 1904, endereçada a Godofredo Rangel. (LOBATO, 2010, p.60).

<sup>20</sup> Nas cartas ao amigo Godofredo Rangel, encontramos referências às leituras e escritas de estudante, sendo um exemplo o trecho retirado da correspondência do ano de 1903: “Ainda com dedos trôpegos dum interminável ponto de Direito de Falências que acabo de copiar, venho responder à tua carta (...)” (LOBATO, 2010, p.43).

<sup>21</sup> Derivação do conceito de “capital cultural” do sociólogo Pierre Bourdieu, a conferir em *Os três estados do Capital Cultural* (1998).

<sup>22</sup> (LOBATO, 2010, p.35)

características que movem seus membros a elaborar projetos e planos literários e, mais importante, a investir elevadas porções de energia para sua concretização (...) (PASSIANI, 2002, p. 117).

O plano literário “era brincar de escrever” e “derrubar a situação municipal dominante”<sup>23</sup> nas páginas do jornal *O Minarete*<sup>24</sup>. A não ser pelos artigos encomendados – onde, ainda assim, gozavam de bastante liberdade, podendo até inventar cidades e *fatós* – para afundar a Câmara Municipal, os escritores tinham liberdade suficiente para escrever sobre quaisquer temas e sob a influência de qualquer estilo literário. Hélio Bruma e Guy d’Hã, por exemplo, declaravam seu amor a *Edelweiss*, por meio de poemas.

Não eram dois poetas apaixonados pela mesma dama, mas dois pseudônimos para o mesmo escritor: Monteiro Lobato. Nesses poemas dedicados à Pureza Natividade<sup>25</sup>, ou, como costumava chamar *Edelweiss* carinhosamente, uma bela flor do campo europeu, Lobato já aponta algumas marcas da modernidade de São Paulo em seu texto:

Vai-se-me...  
 Cadeiras pretas, e um sofá, e o piano,  
 (oh, que salinha deliciosa aquela!)  
 E uns quadros e no lustre uma arandela  
 Que nunca acende... Aí durante um ano  
 Acostumei-me a vê-la. Ora dançava...  
 (e como errava o passo se comigo!)  
 Ora tocava... (mas para meu castigo  
 Nunca tocava “Il neige...” Ora brincava...  
 (que judiarias me fazer, a má)  
 Agora vai partir. Não volta mais.  
 Vai esquecer-me: tem galãs por lá.  
 E a contemplar a lua, a não comer,  
 A não dormir, choroso, a soltar ais,  
 Mais um Romeu cá fica a emagrecer... (LOBATO, 2011, p. 184-185)

Nos primeiros versos, o escritor parece tirar uma fotografia da sala e nomeia os objetos espalhados pelo ambiente: cadeiras, sofá e piano. Após uma rápida descrição do cenário, o quarto verso passa a narrar uma pequena história, como se assistíssemos a um filme. Como se estivesse em frente à tela, ordena os acontecimentos com um pretenso

<sup>23</sup> (LOBATO, 2010, p.39)

<sup>24</sup> Faz-se necessário esclarecer que Minarete era o nome de uma república estudantil - que “ (...) por tratar-se de um lugar alto, por seus frequentadores aspirarem à sacralidade da arte” buscam inspiração no vocábulo islâmico que denomina ” a torre da qual os fiéis são lembrados dos momentos de suas orações” (LAJOLO, 2000, p. 17) - e depois, tornou-se o nome de um jornal de Pindamonhangaba, criado por Benjamin Pinheiro, um amigo dos moradores da referida república. (LAJOLO, 2000)

<sup>25</sup> Maria Pureza Natividade Lobato era prima do escritor, com quem se casou em 28 de março de 1908. (LOBATO, 2011, p. 174)

distanciamento e, ao analisar o enredo previsível, como dos romances hollywoodianos, antecipa para o leitor o final do “Romeu”: o choro, os “ais”, o emagrecimento e a solidão.

No poema, tem-se uma redução do tempo real, um “instantâneo fotográfico”<sup>26</sup>: o sofrimento que já dura um ano é reduzido a uma sequência rápida – dançar, tocar e partir -;no momento em que revê a pequena salinha, através da fita em sua memória, o narrador adapta sua história a poucos segundos.

Convém destacar que essa é considerada uma das características da literatura brasileira entre o final do século XIX e o início do XX, que, aos poucos, interagiu com as novas técnicas e máquinas. Nesse e em outros poemas, como os de Mário de Andrade e Adelino Magalhães, entrevê-se:

(...) uma percepção baseada na superfície. Uma percepção sobre duas dimensões e cujos eixos são a linha e o plano. Uma superfície que tanto pode ser a do registro fotográfico quanto a do cartaz ou das charges veiculadas pelos jornais. E que parecem atuar de modo decisivo sobre o processo de construção de personagens na literatura do período. Contornos nítidos, apenas os traços mais característicos das situações ou dos personagens enfocados (...). (SUSSEKIND, 1987, p. 107)

Em 1905, o jovem escritor dizia ao amigo Rangel para “rangelirizar” a sua lira e fugir do casamento, para que não visse a triste transformação da noiva em mulher: “se a primeira o hálito recendia a rosas da Pérsia, a segunda cheirava a estomago azedo”.<sup>27</sup> Por paradoxal que pareça, três meses depois, estava noivo. Em março de 1906, descrevia-se apaixonadíssimo por sua *Edelweiss*. Ao final de uma carta, pedia: “meu Bem, minha Vida, meu Amor, meu Futuro! Escreve ao teu noivo e quer-lhe bem – basta a metade... quer-lhe bem como ele te quer”<sup>28</sup>. Porém, ao amigo, mostrava-se bem menos animado e em algumas linhas informava que estava noivo de uma prima distante – “loura e linda” – e que haviam combinado de “casar um dia”<sup>29</sup>.

Nas cartas de amor, Lobato derrama seus sentimentos, cobra as declarações da noiva, a quem julga extremamente fria<sup>30</sup> e premia os leitores com imagens da vida brasileira no início

<sup>26</sup> Nomenclatura que se refere à fotografia revelada através do sistema positivo-negativo, no início do século XX no Brasil. (SEVCENKO, 2009).

<sup>27</sup> Fragmento de carta enviada a Godofredo Rangel em 27 de setembro de 1905. (LOBATO, 2010, p.98)

<sup>28</sup> Fragmento da carta endereçada a Pureza Natividade em 1906. (LOBATO, 2011, p.22)

<sup>29</sup> Carta escrita por Monteiro Lobato ao amigo Rangel em março de 1906. (LOBATO, 2010, p.106)

<sup>30</sup> Para exemplificar, destacam-se os seguintes trechos: “Queres-me muito bem? Dize-me – não sejas má – dize-o. Tens-me amor? Não creio, nem uma só vez tocaste em semelhante palavra”. Parece que Purezinha não satisfazia os pedidos do noivo, pois, em outra carta, escrita em Taubaté em 1906, repete-se o pedido e, dessa

do século XX. A máquina fotográfica é uma de suas invenções favoritas. Esse invento, que apareceu no Brasil em 1833, e nos anos de 1900 já utilizava o sistema positivo-negativo para fazer inúmeras cópias<sup>31</sup>, era companheira de viagens de Monteiro Lobato. Nas viagens, ele registra os lugares e os amigos através das fotografias e faz questão de enviá-las para a amada:

O divertimento aqui é criar apetite devorador e a ocupação caçar e fotografar-nos mutuamente. É assim que além das que foram ontem mando-te hoje diversas outras fotografias. Entre elas vai uma tirada em Areias no sábado de aleluia (LOBATO, 2011, p. 83).

A fotografia tem o potencial de diminuir distâncias, ao menos em sensação. Por isso, o jovem está sempre a enviar fotografias junto às cartas. Interessante observar como a imagem tornara-se importante para o escritor: se não estava com a câmera, fazia questão de “fotografar” os espaços com um lápis. Enviava muitos desenhos à amada, para mostrar-lhe aspectos da natureza e as belezas dos locais por onde passava. Outras vezes, fazia alusão ao maquinário para explicar o amor. De acordo com o apaixonado, assim como o gel revela no papel fotográfico as belezas de uma imagem, Pureza revela em si as paisagens do amor:

Já viste trabalho em fotografia? Revelar uma chapa? Chapa é uma placa de vidro recoberto duma leve camada de gelatina sensibilizada, de aparência branca e opaca. Pões-na, porém, dentro do banho revelador e a imagem que existia misteriosamente oculta dentro da gelatina delinea-se aos poucos, vai ganhando contornos e nitidez até de todo se revelar com perfeição. Tu foste para mim o que o revelador é para a chapa. Onde parecia nada existir que não fosse aridez e revolta, e orgulho e pessimismo e tédio, tu arrancaste mil qualidades preciosas e inestimáveis – amor, ternura, otimismo, alegria, bondade. Agora vejo que tudo isso existia em mim latentemente e só esperava a forte simpatia duma criatura como tu para se expandir. E sou-te grato, imensamente, por isso. E quanto mais tu te abres e me desvendas os tesouros da intimidade, mais cresce-me o Amor, a Ternura, a Alegria, a Bondade. Tu me transformas por força do teu amoroso influxo (Areias - 23/ 05/ 1907) (LOBATO, 2011, p. 91).

Neste trecho, pode-se deduzir que Lobato não era apenas um admirador ou espectador das novas tecnologias; ele conhecia o funcionamento do maquinário. Sua explicação sobre a revelação da fotografia vai ao encontro das descrições de Boris Kossoy, pesquisador emblemático a respeito do tema, sobre os quais se debruçam os estudos literários de Flora Sussekind (1987, p. 33):

---

vez, a resposta não precisa ser sincera: “Mas escreve-me, Purezinha, dá-me o imenso prazer de te ler, dize-me que me amas, inda que seja de mentira” (LOBATO, 2011, p. 47).

<sup>31</sup> SEVCENKO, 2009, p.31.

O uso de papel albuminado para as cópias começa lentamente a perder terreno em relação aos novos papéis fotográficos com emulsão à gelatina à base de cloreto de prata e brometo de prata, muito mais sensíveis que o anterior’, explica Kossoy. E ressalta que, ‘em 1882, Alberto Henschel, já operava certamente com chapas secas à base de gelatina’.

Em outra carta, as metáforas se expandem e, dessa vez, a saudade do noivo encontra melhor forma de expressão em outra manifestação da modernidade, o cinema:

Todos os dias, quando acordo, passo momentos deliciosos, mergulhado numa sonolência acordada da manhã. A minha imaginação põe-te ao meu lado e mentalmente temos conversas longas, sussurradas ao ouvido. A imaginação e a memória, que preciosas faculdades mentais são elas! Uma recompõe o passado e por ela te vejo em mil ocasiões e em mil atitudes como se te visse por um cinematógrafo. A outra compõe o futuro, arquitetando-o com os materiais reunidos pela primeira (Areias - 15/09/1907) (LOBATO, 2011, p. 120).

Outra paixão de Monteiro Lobato – como ele expressa no trecho acima – e dos jovens da época era o cinematógrafo. O escritor, certa vez, alugara a sala de sua casa em Areias para a instalação de um cinematógrafo. De acordo com sua descrição, o espaço era ideal, pois era a maior casa plana da cidade<sup>32</sup>. Assim, é possível inferir que não havia muitas salas de cinema em Areias e que Lobato, além de assistir aos filmes, de certa forma, fomentava a cultura local, compartilhando os divertimentos da grande São Paulo com os indivíduos do campo. Essa era a solução para os amantes das fitas até meados de 1908, quando as salas de cinema fixas começaram a se proliferar nas capitais, o que se tornou possível por outro advento moderno: a energia elétrica.

Por meio das palavras de Lobato, pode-se vislumbrar a magia que emoldurava esses artefatos modernos. Já de manhã, quando o cinema estava sendo montado, pessoas rodeavam a casa, fascinadas por verem o maquinário. Verifica-se relação, mais uma vez, com a pesquisa de Flora Sussekind (1987). De acordo com a ensaísta,

(...) o que se ia ver, então, não eram as cenas de brigas de galos ou dança, mas o próprio aparelho. A técnica era a verdadeira atração. (...) Como se tão interessante quanto as fitas, naquele momento, fosse o espetáculo dos próprios maquinismos em ação (SUSSEKIND, 1987, p. 39).

---

<sup>32</sup> Referência à carta de 22 de fevereiro de 1908: “A minha casa está um rebuliço. O Quim alugou a sala de jantar a um cinematógrafo (a sala tem dezesseis metros de comprido) e o homem está desde cedo a montar o maquinismo. Uma feira de basbaques rodeia-os constantemente” (LOBATO, 2011, p. 169).

Em que pesem as contradições sociais do início do século XX<sup>33</sup>, tem-se o vislumbre de uma modernidade que está intrinsecamente ligada ao horizonte técnico, especificamente àquele que elabora imagens: as fotografias, os cinematógrafos, as charges e os cartazes de propaganda. De acordo com Susan Sontag (1981), nesse período, uma sociedade é considerada moderna quando:

(...) uma de suas principais atividades passa a ser a produção e o consumo de imagens, que possuem poderes extraordinários para determinar nossas exigências com respeito à realidade e são elas mesmas substitutas cobiçadas da experiência autêntica, tornam-se indispensáveis à boa saúde da economia, à estabilidade política e à busca da felicidade individual (SONTAG, 1981, p. 48).

A partir da concepção de modernidade sublinhada, entende-se Monteiro Lobato como um sujeito moderno, pois constrói a própria subjetividade e compreende os impulsos de seus sentimentos na relação com essas novas técnicas. Além de essas se manifestarem de forma espontânea em sua mente, são também construídas para comunicar, fazem parte do diálogo que o escritor estabelece com a sociedade e os indivíduos do seu tempo.

No entanto, os debates sobre o conceito de modernidade são complexos, visto que apontam para definições que compreendem mais do que objetos e tecnologias. Para os pesquisadores Micael Herschmann e Carlos Pereira (1994), por exemplo, mais do que artefatos ou maquinário, o conceito de modernidade refere-se a um conjunto de procedimentos ou questões que mobilizam e orientam a maneira dos indivíduos pensarem o mundo em determinada época. Desta maneira, faz-se necessário, por tratar-se de um conceito plural, especificar o modelo de sociedade sob análise e, conseqüentemente, qual modernidade a reveste.

O Brasil que se apresentava no início do século XX emerge tão conformado por contradições quanto o próprio Monteiro Lobato, que se dividia em um plano ideal – a escrita, as máquinas, São Paulo – e na vida prática – a faculdade de direito, a fazenda, Areias<sup>34</sup>. As rupturas no tempo histórico não são definitivas; no entanto, alguns períodos apresentam as discontinuidades e transformações das práticas e das mentalidades com maior intensidade. O

<sup>33</sup> Recomendamos a leitura do *Orfeu Extático na Metrópole* (2009), nesse livro o historiador Nicolau Sevcenko apresenta como a modernidade tecnológica foi sendo assimilada e utilizada pelos indivíduos na capital paulista no início do século XX. Apresentaremos alguns desses aspectos no decorrer da dissertação.

<sup>34</sup> Referência à carta de 2 de junho de 1904, na qual Lobato declarava: “Estou prestes a fechar o meu curso. Entro na ‘vida prática’ em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideias) está a pingar o ponto final. Vou morrer – vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos, e te dê receita para acabar com o piolho das galinhas” (LOBATO, 2010, p.63).

momento histórico vivido por Lobato é tido, pois, como um período efervescente de mudanças no cenário brasileiro:

O período que vai do último quartel do século XIX ao começo dos anos 20, no Brasil, é de profundas e rápidas transformações sociais e políticas. A abolição da escravatura em 1888 e a proclamação da República em 1889 haviam aberto o sinuoso caminho para a construção de uma nova sociedade capaz de absorver idéias (...). Saía-se do escravismo e ingressava-se no processo de construção de uma sociedade de tipo capitalista urbano-industrial (HERSCHMANN; OLIVEIRA, 1994, p.11-12).

No cenário geral, a sociedade capitalista abarca mais do que novos objetos; ela vem acompanhada de um novo discurso técnico e científico, que legitima e conforma os corpos e tem como missão civilizar<sup>35</sup>. Para encontrar esses contornos modernos mais sutis – e que hoje parecem naturais –, é preciso estar atento às descrições do cotidiano, tentar capturar nos dias comuns as marcas do novo.

De tal modo, o dia 27 de maio de 1907 foi para Monteiro Lobato um dia semelhante a muitos outros e não mereceu longas descrições para a noiva. Contudo, aos olhos do pesquisador, podem indicar vestígios de algumas concepções do universo capitalista:

O dia passamo-lo a lidar com fotografias, a bater pelota quando o frio apertava, a respirar fonogramas e a comer. Ah! Nesta última parte é que nos temos revelado uns verdadeiros heróis. (LOBATO, 2011, p. 88)

O dia do “F” – fotografia, futebol e fonograma – aponta as principais distrações da juventude masculina paulista. Tratando-se de sua parcela feminina, bastaria trocar o futebol pelo foxtrote<sup>36</sup>. Através da dança e principalmente pelos esportes, o importante era exercitar o corpo, já que

(...) de par com as últimas descobertas tecnológicas, de fato como um desdobramento delas, se destacou a noção de que o corpo humano em particular e a sociedade como um todo são também máquinas, autênticos dínamos geradores de energia (SEVCENKO, 2009, p. 45).

---

<sup>35</sup> De acordo com HERSCHMANN e PEREIRA (1994), “o Brasil do século XIX viu surgir, em seu interior, um conjunto de valores e modelos que a elite dirigente desejava incorporar como referência para a sociedade. Eram inspirados no modelo puritano, ascético e europeu e ganharam corpo nas reformas sanitárias, pedagógicas e arquitetônicas deste século”.

<sup>36</sup> Dança de salão de origem norte-americana que se popularizou no Brasil em meados de 1912 (SUSSEKIND, 1987).

Nesse cenário, o futebol, esporte de origem inglesa, invade as ruas e torna-se mania nacional. Para alguns rapazes, como no caso do jovem Lobato, ainda estudante de direito, era melhor do que namorar:

E cá estou de novo em São Paulo – mas ainda atribulado. Mudei-me para um quarto de frente na rua Araujo 26, com um lampião de rua bem junto à minha janela. Tenho luz de graça. E defronte há uma vizinha namoradeira que já piscou. Em vez d'namorá-la, meti-me no futebol – Palmeiras. Joguei vários dias seguidos e fiquei mais derreado que com as léguas do sertão. (...) Isto deve ser o que na Vida Intensa o Theodore Roosevelt quer. O futebol empolgou-me de alma e corpo; escrevo crônicas de futebol e jogo<sup>37</sup>. Diz o Tito que é mania – e diz-lhe o Raul: 'Jacques, tu es un âne'. Seja como for, asseguro-te o futebol apaixonou e contunde (LOBATO, 2010, p. 64)<sup>38</sup>.

O futebol despertava muitos admiradores, pois, ao contrário de outras atividades que necessitam de locais previamente preparados – como é o caso da equitação, da canoagem e da patinação, também incentivados na época –, podia ser praticado até mesmo nas ruas e vilas, estava ao alcance de todos. Nas palavras de Nicolau Sevcenko (2009, p. 60):

O fenômeno esportivo em geral, futebolístico em particular, é uma manifestação plenamente urbana, que palpita de um modo ou de outro por todos os desvãos da cidade e preenche o tempo ampliando as horas de lazer.

Importa destacar que essas transformações ocorrem com maior ou menor intensidade nos diferentes espaços. Em São Paulo, o alvoroço era maior: bailes, automóveis, cinemas, futebol, o flerte acontecendo nas ruas, etc. Já em Taubaté ressaltam-se as fazendas, a igreja, o exílio:

Aqui no exílio a modorra é um mal ambiente que derruba até os mais fortes. Exílio, Rangel, pura verdade! Saltar da libérrima vida estudantina de São Paulo e cair neste convencionalismo de aldeia, com trabalhos forçados... Sinto-me rodeado de conspiradores; todos tramam o meu achatamento. Tudo quanto mais prezávamos – o nosso individualismo etc. é crime de lesa-aldeia, de que o vigário, os parentes e as mais 'pessoas gradas' nos querem curar. O ideal é fazer de nós mais uma 'pessoa grada', mais um 'cidadão prestante'. É arredondar-nos como um pedregulho, lixar-nos todas as arestas – as nossas queridas arestas! Um homem aqui só fica bem 'grado' quando se confunde com todos os outros e é irmão do Santíssimo Sacramento (LOBATO, 2010, p.80)<sup>39</sup>.

<sup>37</sup> Nicolau Sevcenko aponta que muitos eram os escritores que dedicam poemas e crônicas aos esportes, mas alguns não o faziam com a mesma paixão. Se Olavo Bilac e João do Rio enalteciam a febre pelo culto aos músculos, Lima Barreto compreendia a epidemia de corridas e de partidas de futebol como estímulos à violência e à competição nas cidades (SEVCENKO, 2009).

<sup>38</sup> Carta de Lobato a Godofredo Rangel. 11/06/1904.

<sup>39</sup> Carta de 30 de dezembro de 1904.

No exame preliminar, parece que Lobato superou as adversidades e conseguiu escapar do total “achatamento”, já que, em alguns momentos, como as cartas indicam, ao contrário, o jovem bacharel até mesmo ampliou o universo do interior. Sucumbiu ao destino social e, como neto de *Visconde*, recebeu uma promotoria em Areias. No entanto, conforme destacado, levou um pouco da modernidade consigo e alugou o cômodo de sua casa para um cinematógrafo. Em pouco tempo, estava colaborando nos jornais locais e era considerado a única autoridade crítica da terra<sup>40</sup>.

Aparentemente conformado e cansado da liberdade pessoal, aceita servir<sup>41</sup> no casamento. Em 28 de março de 1908, casa-se com Purezinha, mas ainda cultiva antigos amores: os contos, as traduções e os desenhos. Nos primeiros anos de casado, o jovem escritor consegue inclusive pagar a casa com os proventos recebidos da colaboração em inúmeros jornais:

Temos jornal. Tito assumiu a redação da Tribuna de Santos, com 700 por mês. Promete ‘pagar’ a minha colaboração. Havemos todos de mamar na vaca (4/08/1908) (LOBATO, 2010, p.179);

-----

Tenho mandado uns artigos para A Tribuna de Santos e publicado n’O Estado de S.Paulo umas traduções do Weekly Times – esse meu meio de neutralizar Areias. Leio o Times em Areias! (01/07/1909) (LOBATO, 2010, p. 202);

-----

Ando a colaborar no Fon-Fon. O que aparece lá assinado H.B. é meu. Desenhos e caricaturas (23/07/1909) (LOBATO, 2010, p. 209);

-----

Já encetei a série de artigos para a Tribuna e já fiz jus a 40 mil-réis. *Com isso pago dois meses de aluguel da casa.* Pagar a casa com artigos – que maravilha, hein? Recebi carta dos fundadores dum semanário ilustrado em São Paulo, gênero Fon-Fon, pedindo colaboração. Eles montam as revistas e saem com o pires... Chama-se Lua. Promete mundos e fundos – menos morrer do mal dos sete números. (Areias - 15/09/1909) (LOBATO, 2010, p.223, grifos nossos)

<sup>40</sup> Em carta de 24 de janeiro de 1905, Lobato conta ao amigo Rangel: “O povo olha-me com uma espécie de terror sagrado, tantas foram as coisas bonitas que, em estilo de atelier de Paris, eu disse na análise dos quadros de Georgina – chama-se Georgina. O meio de sermos admirados pelo povo é não sermos entendidos. Outros artistas da terra, geniosinhos municipais, procuram-me; querem também que eu diga deles coisas incompreensíveis. E diretor do jornal fez-me a honra de declarar que sou a ‘única autoridade crítica da terra’. Quer dizer que também não me entende” (LOBATO, 2010, p.84).

<sup>41</sup> De acordo com Monteiro Lobato, “o casamento é o nosso serviço militar.” Ainda na carta de 20 de janeiro de 1904, Lobato diz que uma das vantagens do casamento é “acobertar todas as fraquezas, dubiedades, incapacidades e inaptidões orgânicas dum homem”. Se antes não tinha a quem culpar por suas falhas, agora poderia dizer que não escreveu esse ou aquele artigo por conta das reclamações da esposa e do barulho das crianças. (LOBATO, 2010)

O número de cartas que se referem às publicações em jornais e revistas evidencia o fluxo de produção do escritor no período. Assim como Monteiro Lobato, o próprio Rangel vendeu inúmeros artigos para a imprensa. E não foram somente os dois amigos que usufruíram desse benefício. De acordo com a pesquisadora Flora Sussekind (1987, p.74):

(...) além de ampliar o número de interlocutores para o texto literário, a colaboração na imprensa se apresentava, no período, como a única trilha concreta em direção à profissionalização para os escritores.(...) E se Bastos Tigre, com mais freqüência, ou Bilac e Emílio Meneses obtinham alguns rendimentos graças aos seus versos-reclame e, às vezes, graças a algumas legendas para fitas de cinema, foi para o jornalismo que se dirigiu a maior parte dos homens de letras, no país, na virada do século.

Todavia, em 1911, o Visconde de Tremembé falece e Monteiro Lobato recebe de herança, junto com as duas irmãs, as terras, casas e fazendas em Buquira. O jovem escritor muda-se com sua família para a fazenda e, aos poucos, com a necessidade de tomar posse dos negócios, diminui o tempo de dedicação ao trabalho literário – até mesmo as cartas para o confidente e amigo Rangel têm número bastante reduzido<sup>42</sup> – e Lobato passa a se preocupar com a terra: envolve-se com plantação e colheita de café, feijão e milho, constrói chiqueiros<sup>43</sup>.(CAVALHEIRO, 1956)

No entanto, a vivência na fazenda, a terra e os caboclos continuam a alimentar sua imaginação e, se os frutos não brotaram imediatamente, floresceram nos livros e contos ao longo da vida do escritor. Isso porque:

(...) uma das vantagens do romancista brasileiro é poder lidar só com virgindades. Nenhum tema nosso tem “barriga suja”. A literatura faz pendant com a lavoura; ambas só lidam com matas virgens. Tudo está por fazer. Aqui em São Paulo, quanto elemento de primeira ordem à espera dos Balzacs e Zolas, pedreiros que saibam assentar tijolos (LOBATO, 2010, p. 256)<sup>44</sup>.

A despeito da vida na fazenda, Lobato mantém uma relação contundente com a escrita. Ele a descreve como uma expressão natural, uma necessidade biológica, que emerge de maneira involuntária. Inúmeras vezes, o autor se refere ao ato de escrever como o de

<sup>42</sup> Na publicação de *A Barca de Gleyre* (2010), há 28 cartas escritas por Lobato no ano de 1910; em 1911, esse número se reduz para apenas nove.

<sup>43</sup> Marisa Lajolo (2000) também destaca o esforço empreendido na modernização da fazenda Buquira: “Instalado a partir de 1911 na sua fazenda, o proprietário Monteiro Lobato empenha-se em torná-la rentável, através de projetos que incluem a modernização da agricultura, a importação de cabras, galinhas e porcos, o recurso a especialistas, o cruzamento para melhoria da criação.” (p. 24)

<sup>44</sup> Carta de Monteiro Lobato a Rangel. 9/11/ 1911.

“parir, ejacular e outros mecanismos fisiológicos do corpo humano”<sup>45</sup>. Ele revela que escreve quando não pode mais conter as ideias, não procura assuntos ou palavras, já não pode contê-las. Quando perguntavam o porquê ou como escrevia, Monteiro Lobato respondia:

Escrevo porque tenho que escrever, porque sou forçado a escrever, para dar vazão ao pus dum furúnculo scribendi de incurável intermitência – não para conquistar nome, glória, o que seja (LOBATO, 2010, p. 383)<sup>46</sup>.

Todavia, Angela de Castro Gomes (2004), em introdução ao livro que tematiza *Escritas de si, escritas da história*, chama a atenção do pesquisador para a subjetividade que compõe a escrita epistolar como documento histórico:

(...) a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua verdade’. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p. 14).

Mesmo em meio à crise econômica e aos problemas da fazenda, pode-se indagar se não é justamente pela necessidade de sair dessa crise que Lobato volta a “parir” literatura. Os contos *Urupês* e *Velha Praga*<sup>47</sup> são aplaudidos pela crítica e pelo público, em parte pelo teor de virgindade que o escritor enunciava, mas também pela habilidade com que assimila em suas narrativas a linguagem oral e os eventos sociais:

Ao longo do período 1870-1937, assistimos ao desenvolvimento de várias estratégias e construção de um novo ordenamento político-cultural nacional, de uma República capaz de romper com o esquema das oligarquias regionais, consagrando assim, definitivamente, a emergência de uma sociedade urbano-industrial. A partir da promulgação da Constituição republicana de 1891, evidenciam-se ondas de institucionalização que visavam à implementação de um universo cognitivo modernizante que, em última instância, libertaria o Brasil de seus resquícios rurais-coloniais. (HERSCHEMANN; OLIVEIRA, 1994, p. 12).

Um dos resquícios considerados rurais-coloniais era o próprio caboclo que, segundo o ideário da época, maltratava a terra, com suas queimadas e crendices. Monteiro Lobato, em seus contos, trazia a crise da economia para o universo ficcional, sob o ponto de vista

<sup>45</sup> Destaca-se, como exemplo, um trecho da carta de 7 de dezembro de 1915: “Sinto pruridos, ânsias de vômito, esquisitices. Consulto o Chernoviz e meu quadro de sintomas encaixa-se no artigo GRAVIDEZ. Estou grávido, Rangel! Grávido do livro – o Livro!” (LOBATO, 2010, p.335) (grifos do autor).

<sup>46</sup> Carta de Lobato ao amigo Rangel. 7/12/1916.

<sup>47</sup> Para maiores informações sobre o enredo, a recepção da crítica e as mudanças entre as diferentes edições dos livros *Urupês* e *Velha Praga*, conferir a tese de doutorado de Milena Martins. (2003)

modernizante, ou seja, segundo a tentativa de eliminação do olhar romântico sobre o caboclo. De acordo com Enio Passiani, o sucesso se deu na mistura entre o talento do escritor e o sentimento de revolta de uma grande parcela da sociedade paulista:

A vida como fazendeiro acabou por trazer ressonância literária mais ou menos inesperada. Mais ou menos porque a reação de Lobato, travestida sob a forma do Jeca Tatu, não representa apenas a reação individual dele, Lobato, mas de todo um setor consideravelmente importante da sociedade paulista, uma oligarquia rural em crise (PASSIANI, 2002, p. 122).

Com a publicação dos contos, Monteiro Lobato aumenta expressivamente o prestígio literário e recebe novos convites do próprio *O Estado de São Paulo* e de um dos mais importantes veículos da produção intelectual brasileira da época: a *Revista do Brasil*. Essa revista, que já era uma *griffe*, em poucos anos se confunde com a trajetória do próprio escritor. O periódico – fundado em 1916 por Júlio de Mesquita, Luís Pereira Barreto e Alfredo Pujol – instaurou por missão o resgate de nossa brasilidade, ou seja, a valorização da língua e do folclore nacionais, em detrimento dos modismos culturais e literários europeus. E essa não era também uma das preocupações de Monteiro Lobato? Antes mesmo de comprar a renomada revista, seus projetos seguiam propósitos semelhantes aos da linha editorial do consagrado periódico<sup>48</sup>.

Cansado da vida de fazendeiro e vislumbrando amplas possibilidades literárias na capital, Lobato decide vender a fazenda de Buquira, o que lhe rende mais um conto<sup>49</sup>. Ao chegar a São Paulo, no ano de 1917, é bem recebido pela intelectualidade local: Monteiro Lobato não era um desconhecido, há mais de um ano escrevia regularmente para os principais periódicos da capital. Sentia-se, então, encorajado para se arriscar a novos projetos.

Lobato abre um inquérito sobre a mitologia brasileira, mais especificamente sobre o Saci-Pererê e conta com a correspondência de seus leitores para publicar as histórias desta personagem. Ao final da pesquisa, realizada no jornal *O Estado de São Paulo*, sob o

---

<sup>48</sup> Nas palavras da pesquisadora Tania Regina de Luca: “Os objetivos do novo periódico foram expostos nas páginas que abriram o seu primeiro número, provavelmente redigidas por Júlio de Mesquita. Trata-se de um manifesto-programa que ensaiava um diagnóstico a respeito dos problemas do país, propondo caminhos para solucioná-los. O texto esclarecia que ‘o que há por traz do título desta revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de construir um núcleo de propaganda nacionalista.’” (1999, p. 46)

<sup>49</sup> Lobato escreve para se vingar de um comprador que já estava na fazenda por quatro dias. Em suas palavras: “Um deles, “O Comprador de Fazendas”, foi para vingar-se de um sujeito que lá passou quatro dias “vendo a fazenda para comprar”. Desconfiado do real interesse do sujeito, Lobato trama a vingança, mas relata que esse não foi um plano preestabelecido: “E Lobato foi para o escritório e pariu, também de um jato, e sem plano nenhum preestabelecido, esse conto, “O Comprador de Fazendas”, que anda traduzido em tantas línguas.” (LOBATO, 1938 – In: NUNES, 1984, p. 52)

pseudônimo de Demonólogo Amador, Monteiro Lobato organiza os “causos”, depoimentos e obras de arte sobre o saci e lança *O Sacy-Pererê – Resultado de um inquérito* (1918). (CAVALHEIRO, 1956)

Apesar de ter escrito o prefácio, o epílogo e as notas desta obra, e dessa apresentar ao longo das páginas características da literatura lobatiana - a valorização dos temas populares e da mitologia brasileira - estudiosos, como Passiani (2002), não o consideram o livro de estreia de Lobato, pois<sup>50</sup>:

Faltavam elementos, no entanto, para avaliar o tratamento formal que moldaria a matéria bruta, em que medida a experimentação estética seria também um instrumento de investigação da “realidade” brasileira. A ousadia estilística do autor pode ser percebida em seu próximo empreendimento literário, *Urupês*, agora sim a considerada estréia no mundo das letras (PASSIANI, 2002, p. 160).

É importante frisar o engajamento do escritor<sup>51</sup>. Tanto em seu livro de estreia como na literatura infantil, Lobato denuncia questões sociais que emergem no país: queimadas, saneamento, corrida pelo petróleo, etc. Esse mesmo engajamento norteará parte de suas atividades editoriais. Ao comprar a *Revista do Brasil*, em 1918, Monteiro Lobato publica textos de Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia e de outros escritores que discutiam a identidade nacional, como também artigos-campanhas sobre saneamento básico<sup>52</sup>.

---

<sup>50</sup> Também a pesquisadora Milena Martins (2003) considera *Urupês* como seu livro de estreia, ainda que não exista uma unidade temática entre seus contos: “Nem todos os contos do livro, porém, têm vínculos com a ideia desenvolvida em *Urupês*, o universo rural, o caipira. “Os faroleiros” e “O engraçado arrependido”, os dois primeiros contos do livro não são ambientados no meio rural nem apresentam personagens caipiras. Talvez por isso eles tenham sido dispostos lado a lado, na abertura do livro, deixando assim os demais contos formarem um só bloco, unidos pela identidade temática e de ambientação. Mas são, nos dois casos, referências secundárias, diferentemente do que acontece nos demais contos, em que o universo rural está entremeadado ao caráter dos personagens e/ou ao desenvolvimento da ação. Esse universo rural, caipira, está presente em todos os outros contos de *Urupês*, estabelecendo possíveis diálogos entre as diferentes narrativas, e entre as narrativas e o artigo. O livro passa a ter, então, dois fios condutores da leitura: um dado pelo título (e pelos artigos *Urupês* e *Velha praga*) e outro pela história da edição do livro, em que se descobre o título primitivo, em função do qual se pode estudar, talvez, uma filiação dos contos lobatianos à narrativa trágica. (MARTINS, 2003, p. 165-166)

<sup>51</sup> O engajamento era uma demanda do próprio tempo histórico. Outros escritores, como Euclides da Cunha e Graça Aranha, e mais tarde os próprios modernistas, buscavam alternativas para a emancipação econômica e cultural do país, o qual politicamente experimentava a conquista da República. (SEVCENKO, 1995)

<sup>52</sup> No livro *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação(1999)*, a pesquisadora Tania Regina de Luca relata que : “A *Revista do Brasil* publicou abundante material sobre a questão sanitária. Ela passou às mãos de Lobato em meados de 1918, exatamente no momento em que os debates em torno do tema atingiam seu ponto de maior efervescência. Uma de suas primeiras atitudes à frente do periódico foi providenciar a organização de uma edição especial dedicada ao problema, que acabou não se concretizando pelo fato de os artigos não terem chegado em tempo hábil. A revista acabou por publicá-los separadamente ao longo de vários números.” (LUCA, 1999, p. 211)

As publicações eclodem, apesar da rixa entre os representantes da Semana de Arte Moderna de 22<sup>53</sup> e o criador do Jeca Tatu. Em 1917, Monteiro Lobato havia aborrecido os modernistas com considerações sobre a exposição de Anita Malfatti.<sup>54</sup> No artigo *Paranóia ou mistificação?*, Lobato criticava o fato de que uma pintora com “talento vigoroso” escolhesse se arriscar pelos “ismos” estrangeiros<sup>55</sup>, ao invés de aproveitar e se apropriar dos elementos brasileiros. Seu artigo causou grande agitação, pois atacava o movimento justamente no que defendiam ser sua bandeira: a brasilidade.

Apesar de inicialmente sua entrada no campo editorial parecer despreziosa do ponto de vista comercial, devido às condições do “público” — “Tenho esperanças de que desta brincadeira de *Revista do Brasil* me saia uma boa casa editora. Pena morarmos num país em que o analfabetismo cresce. Cresce com o aumento da população” (LOBATO, 2010, p. 486) —, o editor não esmorece e, em 1920, realiza seu desejo de adquirir uma editora: a Monteiro Lobato & Cia<sup>56</sup>. O sonho de ter uma editora era também o de encher o Brasil de livros, de preferência de sua lavra:

Para Monteiro Lobato, editar livros no período 1918-1930 foi também um meio de divulgar sua obra de escritor. Enquanto outros escritores iniciantes dependiam da acolhida dos poucos editores ligados às casas estrangeiras para publicar livro, Monteiro Lobato tornou-se o empresário de sua produção intelectual. E, ao procurar negociar sua produção intelectual, Monteiro Lobato buscou inovações para a empresa de livros no Brasil (KOSHIYAMA, 2006, p.67).

Essa é a formula que o próprio escritor apontava e indicava para autores iniciantes alguns anos depois. Vejam-se a esse respeito os conselhos que Lobato transmitiu ao escritor Flávio Campos<sup>57</sup>:

<sup>53</sup> A semana de 11 a 18 de fevereiro de 1922 foi a culminância de um período repleto de agitações. Grande parte dos intelectuais brasileiros se mostrava insatisfeita com as manifestações artísticas que se guiavam pelos moldes estéticos europeus antigos e buscava uma expressão da brasilidade na literatura, nas artes plásticas etc. Participaram do movimento Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Anita Malfatti, dentre outros (SEVCENKO, 2009).

<sup>54</sup> Para aprofundar análise sobre o tema consultar (CAVALHEIRO, 1956), (LAJOLO, 2000)

<sup>55</sup> Técnicas vindas da Europa: o Cubismo, o Expressionismo e Futurismo.

<sup>56</sup> A esse respeito, conferir também (PASSIANI, 2002), (BIGNOTTO, 2007).

<sup>57</sup> Flávio Seabra Pires de Campos (1903-1947), assim como Monteiro Lobato, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, escreveu para inúmeros periódicos, desempenhando a função de crítico literário, teatral e cinematógrafo. Estreou como poeta em 1926, com “Os Poemas Verdes da Melancolia”, e como romancista em 1939, com *Planalto*. Este último foi prefaciado por Monteiro Lobato, que o considerou “um grande escritor” (NUNES, 1986).

Tivesses 24 anos e coração pequenino, e eu te diria: Faze o que fiz. Vira-te editor, e então terás sempre editor em casa absolutamente conforme aos teus desejos e caprichos. Foi como fiz em 1917 e deu certo. E como faço ainda hoje. Entrei como sócio para a Editora Brasiliense e tirei meus livros do Octales; e agora vou na Argentina estudar o lançamento da Editora Continental, com muitos elementos dinheirosos daqui. Por quê? Para também lá ter editor como quero para os meus livros. Era o que eu te aconselharia, meu caro Flávio, a você sol novo que anunciei mais ainda sempre impedido de soltar raios (LOBATO In: NUNES, 1986, p. 71).

Com dois sucessos editoriais, *O Saci-Pererê* e *Urupês*<sup>58</sup>, Lobato tem mais segurança e estabilidade econômica para convidar outros escritores a publicar na Monteiro Lobato e Cia. Começa pelos amigos Godofredo Rangel e Leonardo Vaz<sup>59</sup> e procura também nomes já conhecidos, como, por exemplo, Lima Barreto. No entanto, a visão do escritor, preocupado com as questões nacionais, não “cega” o comerciante Lobato. Mesmo não havendo necessidade de contrato entre amigos, o editor não deixa de exercer seu papel, e submete a transformações, mesmo que forçosas, alguns aspectos do livro, que, a seu ver, podem atrapalhar a venda:

Recebi Vida Ociosa. Parece-me aconselhável **trocar a simples enumeração dos capítulos, coisa anticomercial, pela denominação dos capítulos, coisa comercialíssima**. Acho horrivelmente árido um romance de capítulos numerados. E é fértil em que cada capítulo tem um titulozinho tentador. Como faz Mestre Machado. O do Léo Vaz também é assim. Tudo que nos livros predispõe bem o público leitor e comprador é agradável a Deus. Se queres, eu mesmo batizo os capítulos – ou então mandas-me daí os nomes (08/02/1919) (LOBATO, 2010, 433) (grifos nossos);

-----

Queria pregar-te uma surpresa: dar a Vida Ociosa pronta quando menos esperasses. Mas o sentimentalismo entrou em conflito com o utilitarismo – e lá vão as provas para o teu repasse final. Falha a surpresa, mas escapas ao perigo de erros por descuido aqui. Creio que entre nós não é preciso contrato. Tudo meio a meio, como já combinamos. **Mas é forçoso que cortes o final com que toda gente – e com carradas de razão – se implica**. (04/08/1920) (LOBATO, 2010, p.455) (grifos nossos).

<sup>58</sup> Na carta a Godofredo Rangel de 9 de julho de 1918, Lobato relata: “Os Urupês vão se vendendo melhor do que esperei e neste andar tenho de vir com a segunda edição dentro de três ou quatro semanas. Há livrarias que no espaço duma semana repetiram o pedido três vezes, e como os jornais ainda nada disseram, julgo muito promissora essa circunstância. O Saci-Pererê [a essa altura, escrito de forma mais brasileira, com “í”, e não mais com “y” também se vende bem; estou já só com um resto – talvez um quarto da segunda edição” (LOBATO, 2010, p.421).

<sup>59</sup> Léo Vaz foi o maior nome da Monteiro Lobato e Cia., depois de seu proprietário e editor: “Estrondoso triunfo está tendo o Léo Vaz. A primeira edição de ‘Jeremias’ esgotou-se antes que os jornais tivessem tempo de falar – um pouco mais de 15 dias!...”. O trecho é da carta a Rangel de 14 de fevereiro de 1920. (LOBATO, 2010, p. 453)

Mas nem tudo é sucesso: o livro *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto, por exemplo, acaba prejudicando os negócios da editora. Não saíu da primeira edição e houve algumas devoluções. O editor elenca como razões para o fracasso o título, que destaca a vida de um “zé-ninguém”<sup>60</sup>, e a capa, “esverdeada como estrume de vaca”<sup>61</sup>, que logo é trocada por uma redesenhada, desta vez laranja, para chamar a atenção do leitor.

Com essas pequenas mudanças, Monteiro Lobato “sacode” o mercado editorial. Além de editor, algumas vezes, assume o papel de gráfico e distribuidor, publicando anúncios dos lançamentos de sua editora em revistas e jornais, por exemplo. E é por entender o livro como mercadoria que consegue, em certa medida, concretizar o sonho de “entupir este país [Brasil] com uma chuva de livros” (LOBATO, 2010, p.296).

Primeiro, insere ilustrações de famosos pintores brasileiros, como Di Cavalcanti e Anita Malfatti, nas capas de suas edições; aprimora a diagramação e a qualidade do papel em que as narrativas são impressas; e ainda lança um novo formato (16,5 cm x 12 cm), menor e, conseqüentemente, mais econômico para ele e sua clientela. Depois, passa a intervir no sistema de distribuição dos livros, ao propor em cartas, para mais de 1.200 comerciantes, suas edições em consignação, ou seja, dos livros vendidos os comerciantes teriam 30% de comissão, se não venderem poderiam, dentro de um determinado período de tempo, devolver a mercadoria. (KOSHIYAMA, 2006)

Lobato despontará como intelectual brasileiro<sup>62</sup> pelo engajamento que caracteriza suas ações como escritor e editor, preocupado com as questões comerciais, sim, mas também atento às lutas sociais e políticas brasileiras de seu tempo. Se a experiência de Lobato como editor for avaliada do ponto de vista cultural, perceber-se-á que foi positiva, na medida em que auxiliou a conformar o campo intelectual brasileiro acima de intrigas pessoais, editando modernistas, por exemplo. Quando não os editou, foi por questões de mercado:

(...) talvez, porque ele percebia, como editor, o “desnível intransponível entre o produtor e o consumidor”. Sua posição de editor lhe permitia avaliar mais de perto

<sup>60</sup> Nas palavras de Monteiro Lobato: “Aquele livro do Lima Barreto enalhou por causa disso. Que importa a alguém a vida dum M. J. Gonzaga de Sá que ninguém sabe quem é, nem quer saber?”. (02/02/27) (LOBATO, 2010, p. 517)

<sup>61</sup> Sobre esta publicação, maiores detalhes em *Páginas Vadias*, de Léo Vaz. (1957)

<sup>62</sup> Sirinelli (2003) no ensaio “Os intelectuais”, discute a conformação da historiografia sobre a função dos intelectuais e conclui, com a seguinte assertiva: “Estas [invariantes sociais] podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento” (p. 242). Seja qual for das duas acepções a escolhida, Monteiro Lobato pode ser considerado um intelectual, já que foi um mediador da leitura não só na função de escritor, e, nessas funções, esteve engajado nas principais questões sociais brasileiras do período.

esse desnível, que provavelmente interferia de modo negativo nas vendas. Optou, em grande parte de suas edições, por agradar o público, recorrendo a fórmulas já consagradas e institucionalizadas, em lugar de tentar renovar o gosto dos leitores com novas fórmulas. (BIGNOTTO, 2007, p. 257)

Essas e outras considerações acerca de suas práticas em relação à mediação da leitura, não só como escritor, como também na função de editor, ajudam a compreender o sistema ideológico de suas obras adultas e infantis. As evidências do circuito de comunicações<sup>63</sup>, do qual Monteiro Lobato fez parte, contribuem para refinar o olhar do pesquisador sobre as múltiplas facetas que conformam esse escritor. Somente lidando com a totalidade da trajetória do objeto livro, como propõe Robert Darnton, é possível inferir significados para esse suporte cultural, já que “as partes não adquirem seu significado completo enquanto não são relacionadas com o todo” (DARNTON, 2010, p.126).

Do ponto de vista comercial, no entanto, Lobato fracassou. Tanta modernidade lhe custou a continuação dos trabalhos da editora: as dívidas das compras de maquinário, a crise de energia em São Paulo e seu romance futurista (*O Presidente Negro-1926*) comprometeram a produção editorial e levaram a editora Monteiro Lobato & Cia. à falência em 1925<sup>64</sup>.

O próprio Monteiro Lobato parece ter sido “assassinado” pelo grupo de intelectuais em ascensão. Mário de Andrade assina seu obituário, no artigo “Post-Scriptum Pachola”, impresso nas páginas do jornal *A Manhã* do dia 13 de maio de 1926, e sela a morte simbólica do autor<sup>65</sup>, considerando-o representante de um passado que devia ser esquecido. Inclusive pelas aproximações ideológicas: a valorização do folclore brasileiro, da oralidade e a aversão à Academia<sup>66</sup>. Destaque-se aqui trecho esclarecedor escrito pelo sociólogo Enio Passiani (2002, p.82):

As afinidades temáticas e formais que Lobato possuía com o grupo de Mário, Oswald e cia., somadas ao seu prestígio, fama, reconhecimento social e o fato de, como um importante editor do período, ter o poder de selecionar obras e escritores, tornava Lobato antes um inimigo que um aliado, pois se o movimento modernista

<sup>63</sup> Segundo Darnton, o circuito das comunicações é formado por autor, editor, gráficos, fornecedores, distribuidores, livreiros, leitores. O conceito é amplamente discutido por ele no livro *O beijo de Lamourette* (2010).

<sup>64</sup> Segundo Alice Koshiyama, a falência de Monteiro Lobato não era caso isolado, pois outros empresários, a maioria fabricantes maiores, também faliram. “As falências coincidiram com a execução, pelo governo federal, de uma política deflacionária, implantada como tentativa de contornar a crise econômica e social vigente. As empresas menores, as mais descapitalizadas, as que dependiam de empréstimos bancários para suas operações diárias, foram aniquiladas”. (2006, p. 96-97)

<sup>65</sup> Monteiro Lobato faleceu somente em 4 de julho de 1948.

<sup>66</sup> A Academia Brasileira de Letras representava o passadismo literário, um excesso de literatura à qual Monteiro Lobato era avesso e a qual ia de encontro por meio da escrita, que incorporava a linguagem oral. Para aprofundar a questão, consultar (PASSIANI, 2002).

girasse em torno de sua figura havia a possibilidade de que o próprio modernismo fosse apagado em detrimento da luminosidade de Monteiro Lobato, evitando a partilha dos dividendos simbólicos que o modernismo pudesse gerar devido à monopolização que Lobato talvez empreendesse; e o modernismo e os modernistas não podiam correr o risco assim tão grande.

Em 1926, Monteiro Lobato já não era dono de uma prestigiada editora, e seu mais novo romance<sup>67</sup> recebe duras críticas, ou seja, diminuiria seu capital intelectual; não era mais um inimigo à altura dos modernistas. Todavia, o escritor não desiste. Com Octalles Marcondes Ferreira, monta a Companhia Editora Nacional, agora a empresa:

(...) será só editora – imprimirá em oficinas alheias. A indústria editora é uma e a impressora é outra. E como nada faremos a crédito (que por felicidade não teremos), a nova árvore crescerá com solidez de granito, à prova de secas, terremotos e vulcões. (LOBATO, 2010, p.502)<sup>68</sup>

Pelo menos esse era o sonho que o escritor cultivava à época.. Outro sonho de Monteiro Lobato era o de escrever para crianças, livros em que elas pudessem morar. Lobato já havia escrito um livro de leitura escolar, *Narizinho Arrebitado* (1921), que preocupava sua esposa, Purezinha, pela quantidade editada de 50.500 livros. Era um número expressivo e Lobato se apressou a fazer propagandas de páginas inteiras, para vendê-lo como Gelol<sup>69</sup>.

As vendas aconteceram mais rápido do que ele esperava: o Estado de São Paulo comprou 50.000 exemplares para distribuir nas escolas públicas. Antes de sua primeira editora<sup>70</sup> falir, já havia lançado mais quatro histórias infantis, com personagens do sítio — *Fábulas de Narizinho* (1921), *O Saci* (1921), *O marquês de Rabicó* (1922) e *A caçada da Onça* (1924) —, um álbum ilustrado com noções de higiene para crianças — *Jeca Tatuzinho* — e o livro *O Garimpeiro do Rio das Garças* (1924). No entanto, somente depois dos percalços de 1925-1926 é que ele se diz enjoado de escrever para adultos e se dedica à

<sup>67</sup> Enio Passiani (2002) indica motivos para o romance *O Presidente Negro* (1926) não ter sido bem recebido pela crítica e pelo público. Além do tema polêmico envolvendo questões raciais e de gênero, tratava-se de uma narrativa ficcional científica, que se desenrola nos Estados Unidos. Ademais, o movimento literário se tornava cada vez mais brasileiro.

<sup>68</sup> Carta de Lobato a Rangel. 7/08/1925.

<sup>69</sup> Referência à carta de 21 de maio de 1921, na qual Monteiro Lobato relata a Rangel: “O meu Narizinho, do qual tirei 50.500 – a maior edição do mundo! – tem de ser metido bucho adentro do público, tal qual fazem as mães com óleo de rícino. (...) Gastei 4 contos num anúncio de página inteira num jornal daqui. Faz de conta que é Gelol. ‘Dói? Gelol’” (LOBATO, 2010, p. 463).

<sup>70</sup> Referimos-nos a editora Monteiro Lobato e Cia.

literatura infantil<sup>71</sup>, publicando diversas histórias organizadas em 28 livros para crianças<sup>72</sup>. Para alguns estudiosos, o motivo maior foi:

Só com a perda de poder no campo (editorial) e a diminuição do seu status literário é que Lobato foi empurrado a investir energia e o capital (principalmente simbólico) que lhe restava num outro ramo da literatura, um território praticamente inexplorado nas letras brasileiras, e nele fincar sua bandeira de desbravador e, ainda hoje, senhor – pelo menos é essa a opinião de tantos autores de histórias infantis, como Ziraldo, Ruth Rocha e Tatiana Belinky (PASSIANI, 2002, p. 244).

Fosse por interesse econômico ou por querer agradar as crianças, o fato é que Monteiro Lobato é considerado o “pai” da literatura infantil brasileira.

Se o escritor não foi identificado como modernista nos títulos da literatura adulta, inúmeras vezes é apontado como escritor que transferiu as inovações da literatura dos “Barões Modernistas” para o livro dedicado ao público infantil<sup>73</sup>. Sobretudo, como destaca a pesquisadora Marisa Lajolo, Lobato preocupa-se com a formação crítica de seus pequenos leitores:

No conjunto destes livros [infantis], as críticas à escola são frequentes e impiedosas, mas nem por isso comprometem – antes reforçam – o valor formativo da obra infantil lobatiana. Se seus livros têm alguma grande lição, esta é da irreverência, da ironia, da leitura crítica e do questionamento, da independência e do absurdo! (LAJOLO, 2000, p.61)

Nelly Novaes Coelho (1998) corrobora com o pensamento de Lajolo. Também para ela, Monteiro Lobato foi quem, “entre nós, abriu caminho para que as inovações que começavam a se processar no âmbito da literatura adulta (com o Modernismo) atingissem

<sup>71</sup> “Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas, para as crianças, um livro é todo um mundo” (07/05/1926) (LOBATO, 2010, p. 513).

<sup>72</sup> O escritor organizou as aventuras das personagens do Sítio do Picapau Amarelo em 22 títulos, compilados em 17 volumes na Coleção Obras Completas de Monteiro Lobato (1946) da Editora Brasiliense, são eles: 1- *Reinações de Narizinho*/ 2- *Viagem ao céu e O Saci* / 3- *Caçadas de Pedrinho e Hans Staden*/ 4- *História do mundo da criança* / 5- *Memórias de Emília e Peter Pan*/ 6- *Gramática e Aritmética da Emília* / 7- *Geografia de Dona Benta* / 8- *Serões de Dona Benta e História das invenções*/ 9- *D. Quixote das crianças* / 10- *O poço do Visconde* / 11- *Histórias de Tia Anastácia*/ 12- *O Pica Pau Amarelo e A reforma da natureza* / 13- *O Minotauro*/ 14- *A chave do tamanho* / 15- *Fábulas e histórias diversas* / 16- *Os doze trabalhos de Hércules* (1.º tomo) 17- *Os doze trabalhos de Hércules* (2.º tomo). Lobato teve mais cinco livros infantis editados na Argentina: *O garimpeiro do Rio das Garças*, *Uma fada moderna*, *A lampreia*, *No tempo de Nero*, *A casa da Emília* e *O centaurinho*. (LAJOLO, 2000, p. 94)

<sup>73</sup> Destacamos o projeto de pesquisa coordenado pela pesquisadora e crítica literária Marisa Lajolo, que já em seu título – *Monteiro Lobato e outros modernismos* - sugere relações, nem sempre diretas, de Monteiro Lobato com os anseios e propostas de modernização da arte brasileira, defendida pelos participantes da Semana da Arte Moderna de 1922. No site do programa encontramos ensaios e teses sobre a trajetória e literatura de Monteiro Lobato, além de extensa bibliografia e algumas cartas endereçadas ou escritas por ele. Acessado em: 05/01/2013. <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/>.

também a infantil” (NOVAES COELHO, 1998, p. 138). Regina Zilberman (2004, p. 33) é mais enfática e escreve que “ele só não fez poesia para crianças, tornando-se assunto de filmes, peças de teatro, histórias em quadrinhos e seriados de televisão”.

Segundo João Luís Ceccantini, a criação da série do *Sítio do Picapau Amarelo* foi fomentada pela união de preocupações de Monteiro Lobato sobre o objeto livro:

A valorização da materialidade do livro e, em particular, o gosto pelas ilustrações casaram-se perfeitamente com outra iniciativa importante de Lobato, que, no futuro, seria objeto de sua principal ocupação: a aposta em livros, séries e coleções voltados a públicos específicos, especialmente o caso dos livros de circulação escolar e dirigidos às crianças e jovens. (...) Descontente com a má qualidade dos títulos disponíveis no mercado destinado às primeiras letras – boa parte deles literatura estrangeira – Lobato decide ele mesmo escrever para crianças (...) (CECCANTINI, 2009, p. 77).

O estudioso da obra de Lobato, Cassiano Nunes (1998), também é contundente ao elogiar a obra infantil de Monteiro Lobato e acaba por mistificar a figura do autor, apontando apenas suas inúmeras qualidades:

Que Lobato tenha inserido quase que inconscientemente nas suas histórias do Picapau Amarelo referências a problemas nacionais e universais não comprova o seu espírito realista e a sua translação para um cenário de magia e entretenimento? Ao contrário do que muitos pensam, o realismo não consiste em falar só em assuntos sexuais ou econômicos. A arte é sempre uma seleção, uma destilação. A superioridade de Lobato sobre seus confrades, no gênero em referência, explica-se por uma personalidade rica, ímpar, que domina o instrumento da língua e a técnica literária como só raros fazem (NUNES, 1998, p. 223).

A declaração acima parece ingênua, quando observadas de modo detalhado. Em suas cartas, o próprio Lobato revela a intencionalidade de tratar dos temas abordados nas suas narrativas para o público infantil. Muitas de suas missivas apontam o interesse do autor em tornar o público crítico, questionador da realidade do país e do planeta, como se observa em um fragmento de correspondência trocada com o amigo Rangel:

Diz o Neves que você gostou d’A Chave do Tamanho. Isso me deu prazer. A Chave é filosofia que gente burra não entende. É demonstração pitoresca do princípio da relatividade das coisas (LOBATO, 2010, p. 551).

No entanto, até nos trabalhos mais recentes que pretendem tratar o autor com maior distanciamento, destacando suas intenções e as escolhas influenciadas por fatores financeiros, percebe-se que Monteiro Lobato inovou no diálogo com o leitor de pouca idade. Segundo ele, público capaz de pensar tal qual os de idade avançada e ainda mais livre de preconceitos. Nessa perspectiva, Enio Passiani (2002, p. 245) destaca:

Lobato elaborou, na nova região que adentrava, um novo projeto artístico, segundo o qual a literatura se convertia num poderoso e, ao mesmo tempo, divertido instrumento de aprendizagem, dirigido a um público que antes de Lobato era tratado de maneira equivocada, pois as crianças eram vistas pelos escritores como adultos em miniatura.

Após um exame preliminar da obra infantil escrita pelo autor, observa-se que os livros para esse público apresentam características semelhantes às de outras produções de Monteiro Lobato: sua obra destinada ao público adulto e sua escrita epistolar. O autor faz questão de marcar a época em que escreve, inserindo, como nos trechos abaixo, personagens do cinema hollywoodiano:

Narizinho a tremer, olhou para êle e franziu a testa. ‘Eu conheço esta cara!’ – pensou consigo. **‘É Tom Mix, o grande herói do cinema!...** Mas quem havia de dizer que êsse famoso cow-boy tão simpático, havia de acabar assim, feito chefe duma quadrilha de lagartos?... (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 57) (grifos nossos).

-----  
- Emília – disse ela (Narizinho) de ouvido à escuta, êste miado está me parecendo miado do **gato Félix...**

Era a primeira vez que a boneca ouvia falar em semelhante personagem.

- Quem é esse cidadão? – indagou.

- Oh, é um gato que você nem imagina que gato é, de tão inteligente e reinador! Mete-se nas maiores aventuras, **aparece nas fitas de cinema**, pinta o sete. Ninguém pode com a vida dêle. O gato Félix sai vencendo sempre. (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 123, grifos nossos).

Esses trechos apontam a personagem Narizinho como fã do cinema não por acaso. Essa invenção marcou as gerações dos anos 1920-1930 e causou furor até mesmo nas capitais europeias. Ao atingir a capital brasileira, na época, o Rio de Janeiro, foi enaltecida como a maior de todas as invenções, pois venceria a morte. Muito além de fotografia, lembrança estática de um ente querido, essa nova técnica permitiria ver o indivíduo em “ação”. Mais tarde, permitiria, até mesmo, ouvir-lhe a voz. De acordo com Sevckenko (2010, p. 598-599):

Desde inícios dos anos 1920, impulsionado pela situação privilegiada da indústria cinematográfica americana, o mercado de distribuição cresceu rapidamente e as salas de cinema se multiplicaram por toda parte, se tornando mais imponentes, suntuosas, edificadas segundo o código modernista e ousado do art déco. Ir ao cinema pelo menos uma vez por semana, vestido com a melhor roupa, tornou-se uma obrigação para garantir a condição de moderno e manter o reconhecimento social.

Lobato, ao inventar um sítio moderno, repleto de representantes cinematográficos, inicia um diálogo com os leitores. No entanto, em uma segunda leitura, percebe-se que, nessas narrativas, as personagens perdem, em parte, o simbolismo de Hollywood. Aparecem em

situações inusitadas, como chefes de uma quadrilha de lagartos, ou não são reconhecidos por uma parte do público. E essa é mais uma característica do movimento literário do período: a desmistificação da cultura estrangeira e a valorização da cultura nacional.

Em outros momentos, o autor registra nomes de marcas que tinham reconhecimento popular na década de 30:

Hoje temos por aqui muitas fábricas de fósforos, marca *Ôlho*, marca *Pinheiro*, etc. Tempos houve, porém, em que só usávamos o fósforo vindo da Suécia, por sinal que excelente. Lembro-me perfeitamente deles. Um letreiro amarelo em língua sueca e a palavra *Jonkoping* embaixo. O povo dizia que eram fósforos do João dos Copinhos... (grifos do autor) (LOBATO<sub>2</sub>, 1957, p. 242).

Mais uma vez, o autor aponta as contradições sociais de seu tempo. Mesmo com tantas inovações, uma grande parte da população ainda tinha dificuldades de acesso à leitura<sup>74</sup>. O que não era o caso de suas personagens: elas estavam a par das mudanças, deslocavam-se em certa medida em relação às camadas populares<sup>75</sup>. A análise de Sevcenko sobre este período histórico corrobora o exame das passagens destacadas das obras de Lobato:

A modernidade, afinal de contas, chegava diferente, em proporções desiguais, mais atingia a todos. O que cada um fazia com o que obtivesse era um novo fator aleatório e estranhamente imprevisível (SEVCENKO, 2010, p. 611).

Neste caso, as camadas populares transformam o *Jonkoping* em “João dos Copinhos”. Em outros momentos de suas narrativas, a desigualdade destes “brasis” e a modernidade dos habitantes do Sítio tornam-se ainda mais claras.<sup>76</sup>

O debate educacional do período<sup>77</sup> também deixa suas marcas na ficção de Lobato. Dona Benta, muitas vezes, é representada como uma mestra:

---

<sup>74</sup> O trecho destacado é parte do livro *História das Invenções* que foi editado pela primeira vez em 1935. Segundo a pesquisa de Marisa Lajolo (2000), até os anos de 1940, o Brasil tinha mais de 45 milhões de habitantes e apenas 3.302.857 estavam matriculados no Ensino Fundamental.

<sup>75</sup> De acordo com a filósofa Marilena Chauí (2007): “(...) não só os populares marcam a diferença, também os Grandes não cessam de marcá-la referindo-se ao povo de modo a estigmatizá-lo (zé-povinho, povão)” (p. 125)

<sup>76</sup> O tema será discutido de maneira específica no segundo capítulo.

<sup>77</sup> De acordo com Libânia Nacif Xavier (2004): “A dificuldade de se acomodar ao real, diante dos problemas advindos de séculos de escravidão, somada ao sentimento de isolamento provocado pelo fato de viverem em um país de analfabetos, levará os intelectuais das décadas de 1920-1930 a se engajar na dupla tarefa de interpretar a sociedade brasileira (com base em referenciais que não os de raça ou ‘de meio tropical’) e, ao mesmo tempo, estruturar um campo cultural no Brasil, alimentando a idéia de reforma da sociedade por meio da reforma do ensino” (p. 23).

No outro dia Dona Benta abordou um assunto importante para os filósofos: se a matéria pode ser criada ou destruída.  
 - Estamos num ponto muito sério do estudo da matéria – se pode ser criada ou destruída. Um grande sábio, do tempo da famosa Revolução Francesa, disse uma coisa que parece bem certa: Nada se cria, nada se destrói na natureza. (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 72)

Nas atitudes da personagem, emergem indícios do ideário relacionado ao movimento pedagógico reformador<sup>78</sup>. Ademais, experimentação é conceito-chave para compreender a pedagogia de John Dewey, norte-americano que influenciou algumas mudanças educacionais brasileiras. O filósofo e pedagogo norte-americano era enaltecido, por exemplo, pelo educador Anísio Teixeira (1930, p. 21), um dos educadores que assinaram o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*<sup>79</sup>:

John Dewey, a quem coube a formulação mais demorada e mais completa desse método de filosofia (mais do que sistema filosófico), muito se esforçou para afastar as confusões e desinteligências, e a sua contribuição foi decerto das maiores, se não a maior, na empresa de integrar os estudos filosóficos de nossa época no campo dos estudos de natureza científica, isto é, fundados na observação e na experiência, na hipótese, na verificação e na revisão constante de suas conclusões.

As hipóteses sobre a proximidade do escritor com aquele ideário tornam-se melhor delineadas quando, com base na escrita epistolar de Monteiro Lobato, constata-se a intimidade do escritor com Anísio Teixeira. Por intermédio de Lobato, Anísio conheceu Fernando Azevedo, que, ao final dos anos 1920, dirigia a instrução pública no Distrito Federal. Em sua carta de apresentação, Monteiro Lobato dizia:

Fernando: ao receberes esta, pára. (...) Solta o pessoal e dá toda a atenção ao apresentado, pois ele é o nosso grande **Anísio Teixeira, a inteligência mais brilhante e o maior coração** que encontrei nestes últimos anos de minha vida (LOBATO. In: BIGNOTTO, 2011, grifos nossos)<sup>80</sup>.

<sup>78</sup> Referência aos educadores ligados ao movimento educacional dos anos 1920-1930, que ficou conhecido como Escola Nova, que propagava uma escola única e brasileira, reconhecendo o nacionalismo como um movimento de proteção e consciência de iminentes adversidades, dentre outras tendências. (XAVIER, 2004).

<sup>79</sup> O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, datado de 1932, foi escrito durante o governo de Getúlio Vargas. Redigido por Fernando de Azevedo e assinado por outros 26 intelectuais, entre os quais estavam Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto e Cecília Meireles, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbravam a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação (MAGALDI e GONDRA, 2003).

<sup>80</sup> BIGNOTTO, Cilza. Monteiro Lobato e a infância na república velha. (2011) Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/RepublicaVelha.html>

Anísio Teixeira<sup>81</sup>, por sua vez, compartilhava com suas filhas as aventuras das personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Além de leitor entusiasmado com a brasilidade dos livros, o educador parece entusiasmado com as questões e curiosidades de sua filha Baby, estimulada pelo teor crítico das narrativas lobatianas. No trecho a seguir, observamos que além de ser um apreciador da prática de leitura de D. Benta, algumas vezes era adepto de seus métodos:

Querido Lobato: quando me chegou a sua carta sobre a “Grande Síntese”, andava eu, com toda a minha tribu, quatro sólidos tupiniquins, assaltando a sua literatura infantil, com uma ponta de lança nas Caçadas de Pedrinho, as Reinações cercadas, constituindo um bolsão em ação de limpeza e as patrulhas avançadas rondando o Sacy. E diante de nós, todos os outros catorze ou quinze volumes para a grande aventura da conquista. Eramos, pois, todos Lobatos em casa. Nada mais liamos. (...) **Lia e relia, porque a minha leitura tem que ser “diferente”, como a de D. Benta, com explicações, comentários e resposta as perguntas de Baby** e a impaciência ansiosa de Marta, diante das questões um tanto ‘emílicas’ da primeira (cinco anos). (TEIXEIRA, 1944, grifos nossos)<sup>82</sup>.

A amizade de Anísio não é a única aquisição que Monteiro Lobato faz no exterior. É também nesse período que ele conhece o Sr. Ford, sua empresa, e se encontra na “modernidade” dos Estados Unidos<sup>83</sup>:

Rangel: eu sou um peixe que esteve fora d água desde 1882, quando nasci, e só agora caio nela. Isto aqui é o mar do peixe Lobato. Tudo como quero, como sempre sonhei. (...) Como você sabe fui tradutor do Ford no Brasil, e ao chegar a New York, quem encontro no cais do Hoboken? O agente geral da Ford em Nem York. Abordou-me, deu cartão e disse que tinha ordem de Mister Ford para receber-me e facilitar-me tudo. (...) Vê que gente gentil? Eu diante de Ford sou pulga magra diante do Everest. Pois o Everest desce das alturas, põe o microscópio no olho, enxerga a pulga magra e, em vez de esmagá-la entre as unhas, acolhe-a como se fosse gente! Será que pulga também é gente aqui? (LOBATO, 2010, p.522)<sup>84</sup>.

Importa destacar que é a partir desse momento que se intensificam as campanhas de ferro e petróleo em contexto brasileiro. Monteiro Lobato dedica-se como homem de negócios e de literatura à modernização da economia do país. Seu amigo Anísio Teixeira também sonha com o Brasil do ferro e da máquina:

<sup>81</sup> Anísio Teixeira (1900-1971) foi um educador da Escola Nova no Brasil. Reformou o sistema educacional da Bahia e do Rio de Janeiro, exercendo vários cargos executivos. Além de signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, fundou a Universidade do Distrito Federal, em 1935. (MENDONÇA, 2004).

<sup>82</sup> Carta de Anísio Teixeira a Monteiro Lobato. 26/08/1944. CPDOC/FGV. Ref: AT c 1928.06.22.

<sup>83</sup> Em 1926 Monteiro Lobato mudou-se para os Estados Unidos como adido comercial brasileiro. (NUNES, 1986)

<sup>84</sup> Carta de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel. 17/08/1927.

Que impressão me deixou? A da capa. A palavra ferro, e mais, a coisa ferro, ficou-me a tinir no cérebro, enquanto por traz dela acordavam ao seu chamado viril as usinas, as fábricas, a mass production, a prosperidade... Fora disso, porém, ficou-me ainda a impressão que eu chamaria artística de livro. E contato com o seu espírito. (...) No Brasil, ninguém convence os outros pela palavra. A palavra deve servir para chicote. A palavra deve castigar e ridicularizar. E no mais, é ação. Só por esse meio podemos não convencer, mas vencer o Brasil. E se o pequeno grupo que pensa poder realizar, – se a palavra for bastante forte para escorraçar os Marios Pintos Servas – então sobre o que for feito se levantará o Brasil – ferro e o Brasil-máquina (TEIXEIRA, [1929?])<sup>85</sup>.

Durante a estadia nos Estados Unidos, Monteiro Lobato acaba por acompanhar e sofrer com a crise de 1929. Atraído pela Bolsa de Valores, vende as ações da Companhia Editora Nacional que fundou com Octalles Marcondes e perde suas últimas economias no *crash* americano. Em pouco tempo, perde também o cargo como adido comercial em Nova Iorque e retorna ao Brasil.

Em território brasileiro, seu alvo é o governo. Getúlio, que acabava de assumir a República, recebe cartas, relatórios e outros documentos sobre a experiência americana de Lobato e a necessidade de transformar o petróleo na base da economia brasileira. O “peixe” Lobato fura poços no Sítio do Picapau Amarelo e no Brasil — Companhia Petróleo Nacional, a Companhia Petrolífera Brasileira, a Companhia de Petróleo Cruzeiro do Sul e a maior de todas, a Companhia Mato-grossense de Petróleo. Mas, em vez de nadar livre no mar de ouro preto, acaba preso<sup>86</sup>.

É um tempo de desencantos – prisões, guerras, bombas –. O mundo considerado moderno e civilizado que Lobato admirava, primeiro na São Paulo do início do século XX e, depois, nos Estados Unidos, parece ruir, e ele prefere emudecer:

Meu caro, todas as vozes do mundo estão emudecendo porque o ambiente das vozes livres se chama Liberdade. O eclipse progressivo da liberdade as irá emudecendo todas. Há alguma que ainda se manifeste na Alemanha, na Itália, na Rússia? Sem oxigênio ninguém respira. Sem liberdade, que é o oxigênio do pensamento, cessa o clima do pensamento. Num país em que essa maravilha de inteligência e caráter que se chama Anísio Teixeira vive escondido<sup>87</sup>, só há um protesto dos que têm voz: o silêncio (LOBATO<sup>88</sup>, In: NUNES, 1986, p. 49).

<sup>85</sup> Carta de Anísio Teixeira a Monteiro Lobato. 07/07/1937. CPDOC/FGV. Ref: AT c 1928.06.22 - 39:128.

<sup>86</sup> A primeira prisão ocorre em 14 de janeiro de 1941 e a segunda (com duração de três meses) no dia 20 de maio do mesmo ano. (CAVALHEIRO, 1956)

<sup>87</sup> De acordo com a pesquisadora Clarice Nunes (2010), Anísio Teixeira em 1935 é nomeado secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, mas no mesmo ano pede demissão do cargo e com a chegada do Estado Novo, é banido da vida pública e recolhe-se no interior da Bahia até meados de 1945.

<sup>88</sup> Carta dirigida ao amigo Flávio Campos em 15 de fevereiro de 1938.

Verifica-se, todavia, que o silêncio se faz na relação com os leitores adultos. Para as crianças, Lobato parece ter muito a dizer. Inclusive sobre temas tidos como impróprios para os pequenos: a guerra mundial, por exemplo. Em 1942, lança *A chave do tamanho*, em que a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) se faz presente não só na fala das personagens:

- Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sôbre a cidade. Um colosso de **bombas**. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. **Mortos** à besa (...) (LOBATO<sub>4</sub>, 1957, p. 7, grifos nossos).

Do mesmo modo, a guerra é tema central da narrativa. O problema a ser resolvido estará a cargo de um dos moradores do Sítio, uma personagem infantil – Emília – e com a ajuda do superpó criado pelo Visconde de Sabugosa:

Esta guerra já está durando demais, e se eu [Emília] não fizer qualquer coisa os famosos bombardeios aéreos continuam, e vão passando de cidade em cidade, e acabam chegando até aqui. **Alguém abriu a chave da guerra**. É preciso que outro alguém a feche. Mas onde fica a chave da guerra? Pessoa nenhuma sabe. Mas se eu tomar uma pitada do superpó que o Visconde está fabricando, poderei voar até o fim do mundo e descobrir a Casa das Chaves. (LOBATO<sub>4</sub>, 1957, p. 7, grifos nossos).

Ainda nos anos 1940, a convite de Caio Prado Junior<sup>89</sup>, um dos fundadores da Editora Brasiliense, Monteiro Lobato prepara sua coleção de obras completas adultas e infantis<sup>90</sup>. O escritor já não está bem de saúde, passa por uma operação no pulmão no ano de 1945. Todavia, tem a oportunidade de ver seus livros virarem programa de rádio<sup>91</sup>, peça de teatro<sup>92</sup> e ainda batizar escolas<sup>93</sup>. Na Argentina, o sucesso com o público infantil também é grande. Suas “vacas” internacionais davam leite suficiente para que não precisasse recorrer ao “rebanho” do Brasil:

---

<sup>89</sup> Caio Prado Junior foi um importante intelectual no período dos anos 1930 – 1940. Participou das articulações da Revolução de 30 e logo depois se filiou ao Partido Comunista do Brasil. Além de livre-docente em Economia Política na Universidade Estadual de São Paulo, onde se bacharelou em Direito em 1928, publicou estudos de cunho histórico e geográfico sobre a formação do país, como o clássico *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942). (PAULA, 2006)

<sup>90</sup> Referência à coleção *Obras Completas de Monteiro Lobato* (1931-1944). A primeira série, Literatura Geral, traz 13 volumes, e a segunda, Literatura Infantil, possui 17 volumes.

<sup>91</sup> Em maio de 1945, estreia, na Rádio Globo, a radionovela *A Menina do Narizinho Arrebitado*, baseada nas aventuras do Sítio do Picapau Amarelo.

<sup>92</sup> Referência à opereta em cartaz em Salvador, *Narizinho Arrebitado*, de Adroaldo Ribeiro da Costa (1947).

<sup>93</sup> Na carta de 20 de outubro de 1943 à amiga Eoys Black, Monteiro Lobato relata que já tem uma “lista” de escolas com seu nome: “Muito bem. Inscrevo na minha lista a escola Monteiro Lobato daí (Argentina) – e sabe, amiga, que já deve haver mais de cem?” (NUNES, 1983, p. 35).

Cada livro considero uma vaca holandesa que me dá o leite de subsistência. (...) meu estábulo na Argentina conta 37 cabeças. Grande total lá e cá: 102 cabeças. O produto do leite vendido na Argentina (e mais países hispânicos) fica depositado lá mesmo, de modo que para mim uma temporada lá não tenho que recorrer ao leite daqui (LOBATO, 2010, p.574)<sup>94</sup>.

É na Argentina que conhece pessoalmente Nize Therezinha, professora gaúcha e uma de suas principais interlocutoras no período da Segunda Guerra Mundial. A esposa do advogado criminalista e professor de Direito, Appio Cláudio de Lima Antunes, recebia os conselhos e consolos do amigo Lobato, no período em que seu então noivo esteve preso por ser acusado de comunista.

À época era comum a amizade entre homens e mulheres? E a correspondência entre os indivíduos de sexos diferentes era bem vista? Monteiro Lobato se correspondeu com muitas mulheres ao longo de sua vida: mais novas ou mais velhas, casadas ou solteiras, e editou muitas delas. Pode-se dizer que, além de amigo das crianças, Lobato era amigo das mulheres? Minha hipótese será explicitada nas próximas páginas.

## 1.2 Lobato, um intelectual amigo das mulheres

— Por que motivo, disse uma dama russa a Agorio, havemos de trazer sapatos apertados, que nos magoem o pé, se, trocando-os, podemos tê-los cômodos? Ora, o nosso coração não merece menos que o nosso pé, além de que as feridas nele abertas são de muito maior duração que as causadas pelo sapato defeituoso.

Na Rússia não. Mme. Bovary não se suicida. Solta o primeiro marido, inservível por insuficiência de glândula tiróide (devia ser isto), e vai sucessivamente casando até encontrar o eleito da sua fantasia. E acha, pois as almas andam aos pares, a afinidade eletiva é um fato e o tudo é que a sociedade não as impeça de se engancharem.

*LOBATO, 1933, p. 62-63*

Se não é possível afirmar que José Bento era um adepto do movimento feminista dos anos 1920-1940, já que não localizamos seu nome nos registros e associações da época, pode-

---

<sup>94</sup> Carta de 16 de março de 1946.

se levantar a hipótese de que, além de ter um relacionamento de amizade com várias mulheres, era simpatizante de algumas de suas causas<sup>95</sup>. Sua visão sobre o gênero feminino difere da maioria dos intelectuais e movimentos da época, já que Estado, Ciência e Igreja defendiam o casamento higiênico e a impossibilidade de outras uniões após o divórcio. José Bento Monteiro Lobato, por muitos anos, foi contrário a tal instituição e, conforme se lê no trecho destacado acima, extraído do artigo *Bacillus Vírgula*, quando o defendeu, Lobato advogava pela legítima e livre escolha feminina de seus ‘parceiros’, até o encontro do que melhor se adequasse aos seus ideais. Para ele, a mulher não era apenas indivíduo-objeto a ser escolhido, mas também tinha desejos e ideais traçados em relação a seus esposos.

A brasilianista Susan Kate Besse (1999) esclarece que a emancipação das mulheres era motivo de alarme entre homens conservadores e reformistas, e, contraditoriamente, entre as próprias mulheres. Conforme a classe social, as mulheres gozavam de maior ou menor liberdade.

Para que as mulheres de classes abastadas pudessem circular nas cidades e continuar os estudos, as mulheres da classe operária necessitavam substituí-las, com baixos salários e precárias condições nos afazeres domésticos. Agora, ao invés de ativistas, elas eram percebidas como marginalizadas:

As mulheres da classe operária (das quais grande porcentagem ainda era analfabeta) não foram só marginalizadas do poder político, por lhes ser negado o direito de voto; mais do que isso, por serem incapazes de competir com os homens pelas posições no setor industrial moderno, tiveram diminuída a importância que antes possuíam como ativistas do movimento operário. Igualmente importante, a proliferação de novas organizações caritativas de mulheres de classe alta reforçava a tutela estatal sobre as mulheres operárias. Empenhadas em exercer uma influência “moralizadora” sobre as mulheres de origem mais humilde, essas mulheres caritativas, muitas vezes conscientemente, aliaram-se à Igreja, aos industriais, aos órgãos de assistência social, aos médicos e aos educadores para resolver o ‘problema social. (BESSE, 1999, p. 10)

O problema social era, nessa perspectiva, a falta de harmonia na família, célula de ordem social, menor parte do Estado. As mulheres precisavam ser moralizadas, por exemplo, para não se renderem à prostituição. Estudos de Monteiro Lobato sobre o tema e a quantidade de autores por ele citados confirmam que a preocupação em relação à posição da mulher era

---

<sup>95</sup> Nesse período, o principal movimento feminista, liderado por Bertha Lutz, era conhecido como “moderado”. Grande parte de suas representantes e as fundadoras da Liga Feminina não reivindicavam a equiparação dos sexos, porém, uma melhor qualidade de vida para as mulheres, com o intuito de que essas desempenhassem melhor suas funções de mães e esposas. No entanto, mesmo que por fora do movimento oficial, outras mulheres — mais radicais — lutavam pelas questões de profissionalização e insubmissão feminina. (BESSE, 1999)

grande no período<sup>96</sup>. No entanto, o que chama a atenção é o tom aplicado pelo escritor ao falar da prostituição: ele parece, se não defender as mulheres, entender as condições que as levam ao trabalho e, ao invés de responsabilizar unicamente o indivíduo do sexo feminino, indigna-se com o homem:

As Prost se tornaram coisas que o publico usa quando deseja, e joga no lixo quando as depravou. No seu farisaísmo, tem mesmo a insolência de tratar esse comercio vergonhoso, como se não fosse tão vergonhoso comprar como vender nesse mercado. (LOBATO,193-)<sup>97</sup>

E quem são essas mulheres? Monteiro Lobato e outros escritores parecem identificá-las principalmente como mulheres das camadas desfavorecidas, em sua maioria ex-domésticas, que, devido as péssimas condições de trabalho e ao esforço braçal diário, preferem a vaidade e outras “vantagens” da prostituição:

É digno de nota que, pelas suas condições de vida, são as empregadas domésticas as que mais se assemelham às prostitutas. Como estas últimas, elas formam uma classe à parte; não têm direito às pequenas atenções ou considerações que as outras mulheres recebem; em alguns países são até mesmo registradas como prostitutas; não é de se admirar que, sofrendo das desvantagens da prostituta, às vezes desejem possuir as vantagens daquelas. Lily Braun (Frauenfrage) apresenta com detalhes as condições desfavoráveis do serviço domestico relacionando-o com a tendência das empregadas de se tornarem prostitutas. R de Ryckere, no seu importante trabalho, *La Servante Criminelle* (1907), estuda a psicologia da empregada doméstica. Constata que seus característicos são: imprevidência, vaidade, falta de iniciativa, tendência à imitação e mobilidade espiritual. Estas características aproximam-na da prostituta. Ryckere calcula a percentagem de ex-domesticas entre as prostitutas na razão de uns 50%, e acrescenta que o que chamamos de ‘tráfico de escravas brancas’ encontra nelas suas vitimas mais fáceis e dóceis. Observa, entretanto, que a prostituta ex-domestica não é tanto imoral quanto amoral. (Havelock Ellis – *Sex in Relation to Society* – 1910)<sup>98</sup>

Pode-se inferir, portanto, que essas anotações de estudos sobre sexualidade e gênero feminino foram realizadas pelo escritor durante ou anteriormente à criação do livro *Na*

---

<sup>96</sup> O estudo a que se faz referência é um conjunto de citações de diversos autores e reflexões de Lobato acerca do tema intitulado *Empregadas Domésticas*, que compõe três páginas datilografadas. (LOBATO, CEDAE-IEL/UNICAMP, Ref: MLb 4 1 00060)

<sup>97</sup> Trecho do estudo *Empregadas Domésticas*, atribuído a Monteiro Lobato. CEDAE-IEL/UNICAMP. Ref: MLb 4 1 00060.

<sup>98</sup> Trecho do estudo, *Empregadas Domésticas*, atribuído á Monteiro Lobato. CEDAE-IEL/UNICAMP. Ref: MLb 4 1 00060.

*antevéspera*<sup>99</sup>, visto que a confluência dos temas abordados é visível. Se neste há defesa do divórcio e novas uniões, nos escritos, Lobato explica que:

Não é... o numero de amantes que torna a mulher prostituta, mas a natureza de suas relações para com eles. Mas nenhuma mulher é prostituta a menos que use os homens como fonte de proventos pecuniários, 247.<sup>100</sup>

É no mínimo interessante perceber que o mesmo indivíduo que advertia o amigo Godofredo Rangel dos problemas do casamento defendia a possibilidade de esta união acontecer mais de uma vez, ou que as mulheres também pudessem ter diversas relações sexuais. Os dados indicam que Monteiro Lobato era contrário ao modelo de casamento de seu tempo, com base nas necessidades financeiras e que encerrava as possibilidades de crescimento e liberdade de ambos os sexos. O intelectual, ao longo do tempo, muda de opinião sobre a união conjugal e apresenta mais claramente seu pensamento contrário a essa instituição divina<sup>101</sup>. Se os artigos publicados sobre o tema são poucos, as cartas podem ajudar nesse percurso.

Se anteriormente Lobato negou a instituição do casamento, advertindo o amigo sobre os problemas que a relação com as esposas acarreta e suas transformações em peste e gordas matronas, o intelectual reconhece, agora, que esta consequência não é culpa exclusiva das mulheres e aconselha que elas também não se casem:

Que pena ela casar-se. Vai a senhora perder uma excelente companheira, privando-se, assim, da coisa saudável que era ver rir aquela adorável criatura. Nunca hei de esquecer da lindeza que era o rir de Zulmira. Dora em diante, nicles, há um estafermo de marido a estragar tudo. E planta-lhe filhos, e começam os trabalhos, e logo está como um canhão. Que pecado. (LOBATO [1928]. apud: NUNES, 1983, p. 116)

<sup>99</sup> Referimo-nos aos contos, que, de acordo com o próprio escritor, contém “uma série de reações ocorridas num período bem atormentado da vida brasileira. (...)Era a República Velha que agonizava na presidência Bernardes”.(LOBATO, 1933, p.8) Dentre eles, destacamos aqueles que apresentam como personagens principais mulheres ou problematizam as representações sociais e políticas dos indivíduos do gênero feminino:*Manuelita Rosa, Idéias Russas, Doloí Stid, A feminina, O bocejo da leoa, As cinco pucelas e Em pleno sonho.* (LOBATO, 1933)

<sup>100</sup> Trecho do estudo *Empregadas Domésticas*, atribuído a Monteiro Lobato. CEDAE-IEL/UNICAMP. Ref: MLb 4 1 00060.

<sup>101</sup> Como já dito anteriormente, nas cartas ao amigo Godofredo Rangel, o escritor inúmeras vezes alertava o amigo dos perigos do casamento: a mudança da linda noiva em esposa azeda, a falta de liberdade, os custos financeiros etc. Destaque para o trecho de uma de suas longas missivas, “Casar criança é uma barbaridade, apesar das “pontinhas róseas dos dedos dela”, apesar do “lindo moreno da pele” etc. Acho que é cabeçada, e por isso berro, apelo para que os esbirros d’El-rei, sempre que vejo um homem de mente sã correr com uma braçada de coisas preciosas – liberdade, sossego, projetos de viagens, ideias - rumo à lata do lixo, para... para quê, meu Deus?” (LOBATO, 2010, p.100).

Apesar de pessimista, a visão do casamento era negativa para ambos os gêneros.<sup>102</sup> E até mesmo a maternidade, o paraíso divino, a mais importante função da mulher à época é vista como um aspecto “diminuidor” de sorrisos. O casamento não tinha solução. A não ser que a união fosse por amor:

Há dois casamentos, Purezinha. Um em que se casa para tomar estado, por conveniência de conforto ou de interesses. Outro, por amor, isto é, forçados pela necessidade imperiosa de combinar duas almas por toda a vida. Combinar, repara no sentido desta palavra. O quanto me horroriza aquela espécie de união, encanta-me esta. Aquela é uma criação sórdida da sociedade. Esta é união criada pela Natureza, a mesma que adotam as aves e as flores. A minha união contigo sempre a sonhei da última espécie. (LOBATO, 27/04/1907)<sup>103</sup>

Monteiro Lobato era reservado no que diz respeito aos comentários sobre seu noivado. Ao contrário do amigo Godofredo Rangel, que sempre estava a escrever sobre a amada e a derramar-se, o que Lobato desaprovava. Na correspondência do escritor ao confidente, durante o período de noivado (1906-1908) constatamos alusões à noiva em apenas duas cartas, uma que anuncia o noivado e outra em que Lobato estima que a “ordem” na noiva auxilie na organização de seus escritos.<sup>104</sup>

No entanto, em sua correspondência para Pureza Natividade, Lobato apresenta-se um romântico. Sem reservas, anuncia a todo tempo abrir o peito à amada, contar-lhe as intimidades, os pensamentos relativos ao trabalho e conhecidos. Por que a diferença entre os lobatos-correspondentes?<sup>105</sup> Talvez, pela própria concepção de amor que o escritor enuncia: para ele, o amor é assunto “só de dois”:

<sup>102</sup> Para Monteiro Lobato casar era “cair no conto do Vigário”: “Mas o caso típico do conto é o conto do casamento. O Sr. vê uma mulher, gosta dela, namora, casa. Na noite de núpcias já vêm os dois o conto em que cairam, porque a mulher também caiu no conto do homem. E quando isto não acontece, vem depois o conto do filho adúltero.” (LOBATO, 1933, p.76)

<sup>103</sup> LOBATO, 2011, p. 81

<sup>104</sup> Primeira alusão à Purezinha, em carta ao amigo Godofredo em março de 1906: “Rangel: Estou noivo. Pedi no dia 12 e obtive a 15 a mão de Purezinha, filha do doutor Natividade, que te examinou em Aritmética no Curso Anex, minha prima longe, professora complementarista, loura, branca como pétala de magnólia, linda” (LOBATO, 2010, p. 105). A segunda e última vez em que se observa alguma referência à noiva de Lobato, antes do matrimônio, está no trecho a seguir, a carta datada de julho de 1907: “Reli as minhas cartas que mandaste. Que desordem, que incoerência, que instabilidade – no papel, na tinta, na letra, nas ideias... Isto me desanima. Quando me virá a cristalização definitiva? Trá-la-á o casamento, com a ordem e o método de Purezinha? Talvez, talvez” (LOBATO, 2010, p. 158).

<sup>105</sup> Outra possibilidade é que o remetente mude seu discurso conforme o destinatário. A historiadora Angela de Castro Gomes, no estudo citado anteriormente *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo* (2004), explicita que “tal como outras práticas de escrita de si, a correspondência constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto. Mas, diferentemente das demais, a correspondência tem um destinatário específico com quem se vai estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê — sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo” (p. 19).

É tão grande esse amor que ele não compreende uma terceira pessoa interposta entre nós; desde o início foi assim: já ao pedir-te a mão o fiz sem consultar a ninguém da família, nem ao vovô, porque já não concebia a hipótese de imiscuir alguém entre eu e você; o mundo, a humanidade inteira nada tem que ver comigo, nenhuma importância, nenhuma influência poderia exercer sobre mim no momento em que quis casar contigo. **E assim é que compreendo o amor; esses sentimentos pensados e pesados e medidos e discutidos, onde cabem todos os cálculos, estão discutidas todas as hipóteses, onde intervêm, como consultar os pais, a família, os amigos — são simplesmente nojentos. O Amor é coisa de dois, só de dois.** (LOBATO, 1906. In: LOBATO, 2010, p. 54, grifos nossos).

Essa é uma visão bastante diferente para a época, principalmente para um homem. O casamento, muitas vezes, não era baseado no amor, no sentimento de entrega e na cumplicidade, e, mesmo que envolvesse tais sentimentos, era assunto de muitos, regulamentado por interesses e acordos familiares:

Pelo menos até meados do século XIX, o Brasil era uma sociedade rigidamente hierárquica, aglutinada por vínculos de parentesco e clientelismo. Sua economia de exportação (com os surtos sucessivos do açúcar, ouro e diamantes, borracha e café — e em menor medida, do algodão e do cacau) dava todo poder aos grandes fazendeiros, patriarcas rurais cujo controle da terra, da mão-de-obra, dos mercados e do capital lhes garantia plena hegemonia política, bem como autoridade quase absoluta sobre suas extensas famílias. (...) Os filhos de elite eram educados para obedecer, a ponto de aceitarem o direito do patriarca de escolher os cônjuges deles. O romance era em geral uma consideração irrelevante; em vez disso, as famílias da elite arrumavam os casamentos para seus filhos (frequentemente com primos ou parentes próximos), visando à consolidação da propriedade e do status (BESSE, 1999, p. 13-14).

Todavia, há algumas pistas para que não fosse necessário que Lobato pedisse a autorização ao avô: Purezinha era sua prima. Além disso, já no final do século, a maior escolarização dos noivos e a diminuição do dote traziam maior liberdade de escolha. Agora, começava-se a falar em amor, afinal:

A intimidade e o amor — e não interesses econômicos ou restrições sociais — eram encarados como as únicas bases possíveis e legítimas para garantir a estabilidade dos casamentos modernos. Assim, a completa separação entre cultura masculina e cultura feminina (antes aceita como natural e inevitável) tornava-se agora um problema grave e um obstáculo ao ‘casamento de companheirismo’. Tanto homens quanto mulheres começaram a considerar que o “abismo” que em geral separava os cônjuges era extremamente prejudicial ao bem-estar pessoal, à harmonia conjugal e à estabilidade social. Os casamentos pareciam fadados ao fracasso numa cultura em que os casais eram ‘tão indiferentes um ao outro, tão desunidos de pensamento, tão divorciados de sentimentos, que mais parecem dois seres estranhos, desconhecidos, reunidos instantaneamente por um simples acaso’. (BESSE, 1999, p. 65).

Essa falta de cumplicidade e conhecimento entre os noivos era uma grande preocupação por parte de Monteiro Lobato. Isso porque, apesar de o escritor falar de seu amor

e adoração pela prima, Purezinha apresentava-se mais fria do que o noivo gostaria que fosse. E por quê?

Por quê, Purezinha? Por quê? Peço-te franqueza, dás-me reserva. Peço-te sinceridade, dás-me frases vagas e genéricas. Peço-te intimidade, camaradagem, amizade de amigo íntimo, dás-me um eterno convencional. Já é tempo, já é mais que tempo de me mostrares teu íntimo e de seres minha amiga íntima. (LOBATO — 12/04/1907)<sup>106</sup>

Pode-se encontrar alguns dos prováveis porquês nos manuais femininos. São muitos os artigos que descrevem o comportamento tido como adequado para as mulheres, nas páginas da *Revista Feminina*<sup>107</sup>, por exemplo, lemos:

Quando receber um cavalheiro das suas relações, se não preferir apresenta qualquer pretexto para o não receber, fá-lo-á muito naturalmente, mas empregando sem afetação todos os meios para não se comprometer, como deixando aberta a sala e indicando para ele sentar-se em um lugar em frente? dela, afastado e nunca ao seu lado. (*Revista Feminina* – O protocolo beija-mãos – 1920, p. 391)

Devemos lembrar-nos que nós, mulheres, fomos criadas para a fantasia. Todas as vezes que nos mostramos muito materiais perdemos o encanto que nos acham os homens. (*Revista Feminina* – 1927, p. 397)

Trata teu esposo como um precioso amigo: como um hóspede de grande consideração e nunca como uma amiga a quem se contam as pequenas contrariedades da vida. (II Décalogo da esposa – *Revista Feminina* -1926).

Se a mulher não podia sentar no mesmo sofá ao lado de homem, sem dar a impressão errada, se devia preservar a “fantasia” do ser mulher, sem nunca mostrar-se real, ou seja, passível de cometer falhas ou mesmo de se entristecer. Se nem ao casar poderia compartilhar os problemas do lar com o esposo, que dirá ao longo do noivado. Os desejos de Lobato, de ser amigo-íntimo de Purezinha, não poderiam ser alcançados pela “felicidade” do casal. Tanto que o escritor foi censurado por seus ideais românticos, o que o próprio noivo nos explica:

Anteontem, tinha-te eu escrito carta que junto a esta te envio e saía com ela para a deitar no correio, quando topo com Dona J., que eu não via desde que vim daí. Ela fez-me uma série de perguntas irritantes e depois falou mais ou menos assim: ‘O

<sup>106</sup> (LOBATO, 2011, p. 70)

<sup>107</sup> A *Revista Feminina* foi publicada entre os anos de 1914 e 1927. Fundada por Virgilina de Souza Salles, teve início como um folheto quinzenal de quatro páginas, intitulado *A Lucta Moderna*. Em 1915 já reunia 4.325 assinantes e o título direcionado as mulheres. Rapidamente a publicação aumentou o número de páginas e passou a contar com a colaboração de artigos assinados por membros da Academia Brasileira de Letras. De acordo com Susan Besse (1999, p. 28), o estudo do referido impresso, torna-se interessante “por sua autoproclamada missão de buscar a ‘emancipação’ das mulheres dentro da cultura católica tradicional brasileira. Assim, por um lado, na tentativa de oferecer a suas leitoras modelos alternativos de papéis, as editoras dedicavam espaço considerável para a divulgação e o aplauso ao ativismo social e para as realizações profissionais das mulheres.”

senhor não deve escrever o que escreve a Purezinha...’, ‘não sei quê, não sei...’, ‘o seu diário...’ ‘nem tudo se diz...’ etc. etc... Uma porção de coisas que me escapam, pois enchi-me de cólera nesse momento e nada ouvi direito. (...) Pois mostraria Purezinha minha correspondência a essa imbecilíssima criatura? (...) E vir ainda essa criatura, que é uma estranha para nós, e nem sequer ligada por parentesco de sangue, vir intrometer-se entre nós, querendo regulamentar segundo as idéias da sua lamentável Tetê de linotte o meu modo de me dirigir a você, o meu modo de ser leal e franco, de abrir minha alma para que nela leias como num livro! É já isso insuportável a quem tem brio e dignidade(...) (LOBATO, 1906)<sup>108</sup>

Através da missiva de Lobato, sabe-se que Pureza negou a informação. Segundo ela, Dona J. nunca esteve com sua correspondência nas mãos. No entanto, mesmo depois de tal situação, Pureza não abre seu íntimo. Contudo, seu noivo é persistente, insiste em que se ela o ama, “dize-o sempre em tuas cartinhas”, pois tem necessidade disso “como de dar ar para os pulmões” (LOBATO, 1906. apud: LOBATO, 2011, p. 55).

Diante das versões possíveis, em quem acreditar? Em um homem que se dizia diferente, “o mais sensível de todos os homens”, que poderia estar apenas iludindo seu coração e que podia abandoná-la e ainda queixar-se da falta de decoro e dizer-lhe desfrutável. Ou nas inúmeras revistas e livros, escritos por homens e mulheres, dando-lhes conselhos, contando-lhe sobre a selvagem natureza masculina e o dever da mulher em civilizar o seu senhor?<sup>109</sup> Para aprender a arte de amar, era preciso resignação, modéstia, timidez, a virtude absoluta e, contraditoriamente, pequenas mentiras e segredos. Já que a missão da mulher dentro de seu lar era “afasta(r) as pedras do caminho, aplaina(r) a estrada e carrega(r) sobre seu ombro as inúmeras misérias da vida comum” (BESSE, 1999, p. 85).

Seu noivo desconfiava o quanto era penoso para ela responder-lhe no papel, principalmente por ser difícil acreditar no homem sincero, amigo e desejoso de conhecer o que lhe preenchia a alma, suas dores e alegrias:

És tão parcimoniosa no escrever... dizes com tanta cerimônia as coisas... Por que não me escreves atabalhoadamente, borrando, riscando o papel, sem ordem, sem estilo, sem correção, sem nada desses estorvos gramaticais? Só assim se pode bem exprimir um sentimento. Mas é o que não sentes... ou o sentes em tão fraca dose que não dá para ser expresso. **Vejo o que, sentada em face do papel, encontras dificuldade em saber o que me dizer. Às vezes assalta-me uma suposição horrível: imagino uma como que suspeita, uma dúvida a pairar em tua mente de que eu não seja o que digo, nem digno de ti.** Mas não é isso, hein, meu

<sup>108</sup> (LOBATO, 2011, p. 52-53)

<sup>109</sup> Mesmo depois de casados, cabia à mulher regular e pacificar os instintos masculinos, transformando seus desejos em amizade. Nas palavras das pesquisadoras Marina Maluf e Maria Lúcia Mott (2008, p. 392, grifos dos autores): “Engrenagem fundamental dessa lógica, as mulheres, entre outras obrigações, arcaram com a tarefa de apaziguar a sensualidade do casal. Conter os excessos masculinos e **equilibrar a contabilidade de afetos para a preservação do lar** faziam parte do conjunto dos deveres da mulher”

benzinho? Dize-mo e repete-o; que não é, que nunca será assim (LOBATO – 30/09/1906, grifos nossos).<sup>110</sup>

Tudo indica que, depois de muitos apelos, Pureza decide-se por acreditar no José Bento das cartas, o que muito lhe agrada. Pelas palavras contidas na carta de sua noiva, emocionado, Lobato conclui que apesar de ainda não serem casados legalmente, já haviam selado em contrato mais forte: o “enlace de almas”. A partir daquele momento seriam uma só criatura:

A tua carta destruiu todas as dúvidas que se aninhavam dentro de mim. Foste como te pedi que fosses. Abriste-me a alma, deixaste escapar um grito de dor — e, deslumbrado, vejo-me de joelhos, chorando, diante dela. És como eu sonhara, não me enganei, Purezinha é a Purezinha dos meus sonhos, é a Purezinha do meu Ideal. Com ela, é possível a Felicidade Perfeita nesta vida. (...) Purezinha, se ainda não estamos legalmente casados, nada impede que nossas almas estejam entrelaçadas com a maior estreiteza possível. Já não temos direito de ser dois. Somos uma só criatura em dois corpos. (...) Há dois casamentos, Purezinha. Um em que se casa para tomar estado, por conveniência de conforto ou de interesses. Outro, por amor, isto é, forçados pela necessidade imperiosa de combinar duas almas por toda a vida. Combinar, repara no sentido desta palavra. O quanto me horroriza aquela espécie de união, encanta-me esta. Aquela é uma criação sórdida da sociedade. Esta é união criada pela Natureza, a mesma que adotam as aves e as flores. A minha união contigo sempre a sonhei da última espécie. Tu és difícil de conquistar. Desde o momento em que te conheci, o problema da minha vida delineou-se nítido: possuir-te. De que modo? Do modo mais amplo e completo, conquistando palmo a palmo a tua alma, o teu coração, o teu corpo. (...) Minha marcha para esse meu Sonho: a tua posse absolutamente completa tem a lentidão do caramujo, mas é marcha, não estaciona, não descansa... A missão da mulher no Amor é essa: ser vencida, ser conquistada como praça-forte. (LOBATO, 27/04/1907)<sup>111</sup>

Em alguns pontos, o texto parece contraditório, pois, ao mesmo tempo que Lobato chama a atenção para a união das almas por amor, adota um modelo que pode ser entendido como de anulação das individualidades, e, provavelmente, das femininas. Ainda mais contraditório é que ressalte o valor da palavra “combinar”, quando em outras linhas afirma que a mulher deve ser vencida, possuída. Propondo-se a um esforço de não avaliar as escolhas dos vocábulos com os ideais de hoje, ou seja, segundo o qual os sujeitos, independentemente do gênero, não devem ser possuídos uns pelos outros e/ou se fundirem numa só alma, o presente trabalho vislumbra diferenças entre os discursos de Lobato e das instituições e intelectuais que escreviam os manuais e códigos de condutas, a começar pelo ideal de Lobato sobre a figura feminina.

Quem era, afinal, a mulher dos sonhos de Lobato?

<sup>110</sup> (LOBATO, 2011, p. 30-31)

<sup>111</sup> (LOBATO, 2011, p. 81)

Na apreciação do conto que te enviei empregaste um torneio de frase de sentido dúbio que me intrigou. Na defesa que fazes das “boazinhas”, acaso te defendes? Ah! Pureza! Tu não te conheces ainda! Pois, sem o saberes, talvez **és o pólo contrário das “boazinhas” — e é por isso que eu te amo e adoro**. Dizes: “Ser boazinha é ser ingenuamente sincera...” Haverá quem seja, como tu, mais **inteligentemente sincera**? Mais habilmente, mais **engenhosamente sincera**? Haverá quem use da sinceridade com mais habilidade? Dizes... “sem malícia...” Haverá quem seja mais finamente, mais sutil e **capciosamente maliciosa** que a minha adorada Purezinha? Dizes: “... deixar-se levar pela vontade dos outros...” Haverá quem, sob a aparência de criatura sem vontade, tenha-a mais **enérgica e teimosa** que o meu benzinho? Não, Pureza! **A bondade das boazinhas não é uma bondade ideal**; é a bondade dos que são bons pela impossibilidade completa de serem outra coisa; é a bondade do louva-deus inerme. **O ideal és tu — enérgica** sob aparência de fraquíssima; **voluntariosa** sob uma capa de inércia; **combativa** sob forma de resignada. **É esse o ideal ou, pelo menos, o meu ideal** (LOBATO, 1906)<sup>112</sup>

Ainda que construa um modelo feminino e fomente um estereótipo, é evidente que o ideal do escritor estava longe de ser o da ingenuidade e pureza, mesmo que aparentemente doce e harmoniosa. O que Lobato diz apreciar é o mistério de ser mais do que se parece, o poder de dissimular. Ele declara conhecer e amar sua noiva, justamente por vê-la em sua “verdade”, em sabê-la combativa, maliciosa e inteligente.

Por essas características, opostas às das “boazinhas”, o noivo afirma ser Pureza difícil de conquistar. Aliás, o próprio fato de Lobato acolher como sua missão descobri-la e conquistá-la aponta para uma diferença em seu discurso: enquanto entendia como também seu o dever de tomá-la como “praça-forte”, não desistia de marchar para conquistar a amada. Na sociedade do final do século XIX e início do século XX, essa missão era relegada exclusivamente às mulheres<sup>113</sup>. À mulher competia decifrar o marido e independentemente do que “descobrisse”, mostrar-se feliz, pois sua felicidade estava em fazer feliz ao esposo, nos pequenos detalhes:

A esposa, a boa dona de casa sabe perfeitamente quais os gostos do marido, seus pratos preferidos e a maneira pelo qual os quer arrançados. Ela sabe tudo: o lugar que o marido gosta mais de estar, a cadeira escolhida, o descanso para pôr os pés. (...) Quando o marido lê não o interrompe, nem deixa perturbá-lo sem motivo. Mas se ele lhe fala do que a leitura sugere, a esposa mostra-se interessada — ou procura interessar-se pelo assunto — porque em tudo quer ser agradável ao marido, e isso agrada-lhe sem dúvida. Tudo isso são pequenos nada. Pois esses pequeninos nada

<sup>112</sup> (LOBATO, 2011, p. 26).

<sup>113</sup> Toda esposa era instruída no sentido de estudar cuidadosamente o marido para ser capaz de decifrar-lhe os pensamentos e os estados de espírito e prever e satisfazer a cada um de seus desejos sem que ele tivesse sequer que pedir. Deveria respeitar sua personalidade e suas tendências, fingir não perceber seus defeitos, evitar dominá-lo ou censurá-lo e aprender a se interessar e sentir prazer nas coisas de que ele gostasse. Cabia às esposas assegurar uma “união perfeita das solitudes, os pensamentos, e dos fins em mira: esta fusão tão íntima, esta harmonia tão terna, faz brotar nos cônjuges as mesmas ideias e os mesmos sentimentos”. (...) O êxito em ser agradável ao marido exigia também que a esposa compreendesse a “irresistível” urgência de desenvolver uma disposição serena e uniforme e de manter um bom humor permanente (BESSE, 1999, p. 80).

é que têm maior importância na vida. (O menu do meu marido- *Revista Feminina*-1920)

O que poderia ter influenciado essas concepções de José Bento? Talvez sua convivência com as irmãs, Ester e Judite; pelo menos é o que se pode inferir da leitura de sua correspondência. Apesar de proferir que não havia ninguém entre eles, nota-se que suas irmãs, em destaque Ester, carinhosamente chamada de Teca, exerciam grande influência sobre ele:

A modinha de Teca diz grande verdade: para ser feliz basta amar. E não é só, crê; o amor não é condição para a felicidade, e sim a própria felicidade; fora dele tudo é negro e horrível. Vale a pena viver porque existe o amor na vida; não fora isso seria este o mais intolerável dos suplícios (LOBATO, 1906)<sup>114</sup>

Qual seria a “modinha” da qual Ester retirava seus sonhos e ideais de amor? A moda entre as mulheres brasileiras alfabetizadas dos meados do século XIX eram os romances franceses<sup>115</sup>:

Os romances de amor — em particular os franceses — eram a literatura mais largamente consumida entre as mulheres da elite brasileira a partir dos meados do século XIX, como notou Machado de Assis. A leitura de romances incluía tanto série escrita pela Condessa de Ségur — que compunha a *Bibliothèque rose* — como os folhetins literários, outra criação francesa, publicada em nossos jornais. (...) Nessa época, acelera-se no Brasil o contato econômico, político e cultural com o exterior, principalmente com a França, o que deu oportunidades às mulheres já alfabetizadas e de classe mais abastada para consumir bens culturais como o livro, o teatro e a imprensa (CUNHA, 1999, p. 28-29).

Uma grande contribuição para a construção do amor em contexto brasileiro eram os romances parisienses e outros produtos culturais da capital francesa. Desde o final do século XVIII, eram exportados desse país, segundo os ideais de igualdade, a necessidade de escolarização e a sede pelos livros. Livros, dentre os quais os romances vendidos a preços baixos, apesar de não serem os mais recomendados, eram os mais lidos entre as mulheres.<sup>116</sup>

<sup>114</sup> (LOBATO, 2011, p. 20 -21).

<sup>115</sup> Sobre a forte presença de romances franceses em território brasileiro, conferir reflexões na resenha *Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*, escrito pelos pesquisadores Márcia Abreu, Sandra Vasconcelos, Luiz Villalta e Nelson Schapochnik. Visualizado em novembro de 2011, no site: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>.

<sup>116</sup> A escritora Ana de Goes Bettencourt (1885), por exemplo, dedica algumas páginas do *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiras* ao debate sobre esse estilo literário. Na publicação, ela conclui que: “Muitos falam contra os romances como leitura prejudicial à mocidade e pouco proveitosa como fonte de conhecimento. Porém, apesar de quanto se tem dito, continuam eles a ser lidos ainda pela maior parte daqueles que reconhecem sua pouca importância, e formam quase exclusivamente a biblioteca das senhoras que dedicam algumas horas à leitura, não se contentando em cuidar somente de modas e enfeites (68)” (BETTENCOURT, apud: BESSE, 1999).

Suspeitamos que assim como Monteiro Lobato teve amplo acesso ao material literário na juventude, as irmãs também pudessem frequentar a biblioteca do avô.

A epígrafe dessa sessão é um vestígio de que ele mesmo tenha lido esses romances<sup>117</sup>, que passam “a testemunhar anseios humanos mais profundos” e perturbam as instituições conservadoras, pois “preserva(m) ou defende(m) dimensões da vida, principalmente feminina, reprimidas pelos poderes econômicos ou sociais” (CUNHA, 1999, p. 27).

Além disso, as características que Lobato elenca para sua esposa, por exemplo, em muito se parecem com as características da heroína mencionada. Quando há referência a uma mulher descrevendo-a como inteligente, maliciosa e dissimulada, facilmente vêm à mente as heroínas românticas, como Madame Bovary ou a brasileira Capitu.

E depois de casados? Houve a combinação das almas ou uma das individualidades foi apagada? Monteiro Lobato permaneceu enaltecendo a inteligência e teimosia de sua amada, ou buscou convertê-la na esposa sempre amável e compassiva? O exame das cartas indica que ele conservou as opiniões de solteiro. Ao contrário do que era aconselhado no manual citado anteriormente, *O menu do meu marido*, Purezinha, em vez de mostrar interesse sobre tudo aquilo que seu esposo lia, criticava até mesmo os escritos dele. Lobato, por sua vez, não se mostrava insatisfeito; a personalidade autêntica da esposa aumentava o respeito que ele tinha pela companheira:

O teu Animal estranho desdisse a má nota com que veio precedido. Foi gostadíssimo. Purezinha, que, como rato para queijo, não erra na escolha do melhor, leu-o e releu-o, e fez que mais gente da casa o lesse. No [sic] verso a tua observação coincidiu com a dela: que está muito insistido naquela ponta das estrelas. **Eu respeito os pareceres de Purezinha, porque é a única pessoa que quando não gosta diz ‘Não gosto – Não presta’.** Os outros vêem sempre com atenuações e panos quentes. **Foi o que me revelou Camilo, e é sinceríssima — e antes severa que benévola. Vai logo dizendo na cara: ‘Tire isto e mais isto. É asneira. E aqui está comprido demais, corte’.** E acerta sempre. E como tem gostado muito da Vida ociosa<sup>118</sup>, aquilo é bom mesmo. Admirou sem reservas a cena da galinha a entrar pela sala adentro, como também a do pinto que vomitava (cenas que melhoraste muito, na última fase). (...) Li e estou lendo a Mulher fatal<sup>119</sup> — conheces? Que ótimo está o Camilo! Eu agora não o largo mais. Paro defronte das minhas estantes,

<sup>117</sup> Mme de Bovary ou Emma Bovary é personagem emblemática do romance *Madame Bovary* (1856) de Gustave Flaubert.

<sup>118</sup> Godofredo Rangel publicou *Vida Ociosa* primeiramente em fascículos na *Revista do Brasil* e no *Estadinho*, entre maio de 1917 e janeiro de 1918. Somente em 1920 o romance, que tem como personagem principal o advogado Felix é publicado como livro pela editora Monteiro Lobato e Cia. (SUSSEKIND, 1987) (TIN, 2012)

<sup>119</sup> Romance de Camilo Castelo Branco de 1870 que narra a vida amorosa de Carlos Pereira: o casamento com Filomena, que sofre com seus arroubos amorosos e a paixão fatal por Cassilda Arcourt. (SILVA, 2011)

como os olhos sobre centenas de lombadas e invariavelmente pego um Camilo. (LOBATO, 21/07/1917, grifos nossos)<sup>120</sup>.

Avaliamos que a esposa não deve ter sido sufocada pelos desejos e pensamento de seu marido. Ela tinha autonomia<sup>121</sup> para escolher seus livros: é através dela que ele conhece Camilo Castelo Branco<sup>122</sup>. Ele não só aceitava suas opiniões e sugestões, como as pedia. São inúmeras as cartas em que Lobato elogia e conta as intervenções da esposa ao amigo Rangel. Vejamos alguns exemplos:

Cá espero Vida ociosa. Purezinha tem faro estético mais fino que o meu e fá-la-ei ler também — e o que ela disser, é! Ontem abriu a Casa de Pensão do Aluísio e logo depois a largou por haver encontrado, na descrição dum mocinho, que ‘grossa cadeia de ouro pendia-lhe do ventre’. Como essa cadeia e esse ventre envelhecessem o moço, ela fechou a casa de pensão para evitar maiores calotes (LOBATO, 30/07/1915)<sup>123</sup>

-----  
Vamos dar um capítulo, o penúltimo, em rodapé no Estadinho sem consentimento teu. Purezinha também gostou e louvou — ela é exigentíssima e incorruptível. Tem aquele faro infalível de cozinheira de Molière (LOBATO, 4/08/1915)<sup>124</sup>

Lobato era defensor do livre-pensamento, não só para os indivíduos adultos do gênero masculino ou no que diz respeito aos livros. As mulheres e crianças também podiam fazer suas escolhas livremente. Vejamos um “causo” engraçado do cotidiano familiar, que ele relata ao amigo Anísio Teixeira:

A Ruth está uma pipinha de gorda e cada vez mais independente de idéas. Achei graça na resposta que deu outro dia na escola para uma menina que lhe indagou da religião: 'I am free thinker.' E não sai disso e defende suas idéas com uma liberdade mental que aflige Purezinha. A America! Isto é uma lixivia (LOBATO, 1929).<sup>125</sup>

Havia o medo, que parecia afligir Purezinha de que a modernidade alterasse a moral da sociedade brasileira e de sua filha. No entanto, Lobato não parece se importar e o que pode ser

---

<sup>120</sup> (LOBATO, 2010, p. 401)

<sup>121</sup> Chamou a atenção não só o fato de Pureza indicar para Lobato o escritor Camilo Castello Branco, como o próprio nome do romance: *A mulher Fatal*.

<sup>122</sup> O escritor português Camilo Castelo Branco (1825 – 1890) publicou inúmeros romances que geralmente apresentavam temáticas polêmicas como adultério e a bastardia. Para maiores informações sobre sua extensa obra, consultar (SILVA,2011).

<sup>123</sup> (LOBATO, 2010, p. 320)

<sup>124</sup> (LOBATO, 2010, p. 325)

<sup>125</sup> Carta de Monteiro Lobato a Anísio Teixeira. 16-10-1929 CPDOC / FGV. Ref: AT c 1928.06.22 - 11:128.

compreendido apenas como encantamento e bom humor diante da resposta da filha Ruth se confirma em outras cartas:

Só hoje recebi sua cartinha, tão interessante, de 11 deste mês. E também o retrato, que é pena estar tão apagado... (...) Emilia, que estava ao meu lado, leu também sua carta e disse: “Sim, senhor! Está aqui uma menina que bem merecia morar no sítio de Dona Benta e tomar parte nas nossas aventuras. Sabe alemão e tem “personality” (Emilia está aprendendo inglês); além disso, é atéa. Gosto muito dos ateus” (LOBATO, 1936)<sup>126</sup>.

O intelectual mostra-se bastante entusiasmado com esta outra livre pensadora, e, sem se preocupar com as prescrições da moral cristã da época, aprova suas escolhas. Outra jovem que teve suas ideias incentivadas e acolhidas pelo escritor foi Edy<sup>127</sup>, moça do interior do Rio Grande do Sul, que sonhava com ser escritora e era uma antiga fã. A primeira vez que escreveu para ele foi aos nove anos de idade, para contar como gostava das aventuras de Emília e pedir uma fotografia:

Para retribuir a página de uma revista com o retrato de Lobato, que ele mesmo me enviou com dedicatória, mandei meu primeiro conto publicado e aproveitei para falar de minha vontade de ir para São Paulo. (LOBATO, 1945.)<sup>128</sup>

Ao que tudo indica, Monteiro Lobato gostou bastante do que leu, pois não poupou esforços para ajudá-la, procurando até mesmo um local em São Paulo para a estadia da jovem Edy:

Muito boa a sua literatura inicial, reveladora de excelente dotes que poderão ir longe, se devidamente cultivados (...) Mandei ver as pensões de freiras e fui informado de que a melhor é a de Santa Monica. (...) Faça-se humildezinha, porque essas tais damas católicas são umas pestes. (...) Depois de assegurados o teto e a comida, venha — e aqui cuidaremos do resto. Esse resto depende da impressão de sua pessoa sobre os prováveis ou possíveis patrões, e de conversa, porque é conversando que as criaturas se entendem. (LOBATO, 1945.)<sup>129</sup>

<sup>126</sup> Carta de Monteiro Lobato a Maria Luiza Pereira Lima. 04-03-1936. CEDAE / IEL-UNICAMP. Ref: B1-Ms00008.

<sup>127</sup> A jovem Edy é a escritora e jornalista Edy Lima, criadora da *Vaca Voadora* (1970) premiado pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e o Jabuti. Além dos mais de 50 livros infantis publicados, ela produziu discos, peças de teatro e novela de TV para crianças e adultos. (VALLERIO, 2009)

<sup>128</sup> VALLERIO, Ciça. *Feminista precoce: amiga de Quintana e Lobato*. Estadão on-line. 07/03/2009 Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,feminista-precoce-amiga-de-quintana-e-lobato,335267,0.htm>.

<sup>129</sup> VALLERIO, Ciça. *Feminista precoce: amiga de Quintana e Lobato*. Estadão on-line. 07/03/2009 Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,feminista-precoce-amiga-de-quintana-e-lobato,335267,0.htm>.

O escritor reconhece que nem todos dariam apoio a uma moça de apenas 20 anos, para largar a companhia dos pais numa fazenda e fazer carreira de escritora na capital. De modo que ela estivesse em segurança física e moral, procurou pensões de freiras e aconselhou que Edy se fizesse de humilde. Naquela época, era preciso que agisse como Pureza Natividade e tantas outras mulheres: “enérgica sob aparência de fraquíssima; voluntariosa sob uma capa de inércia; combativa sob forma de resignada”, lista a que acrescento, ambiciosa sob o véu de “humildezinha” — se quisesse espaço e alguma autonomia social, era preciso cautela para mostrar ideais e seguir os sonhos sem acabar interna no Junquery<sup>130</sup>.

Na vida em sociedade, o escritor aconselhava que elas fossem “lobo em pele de cordeiro”, embora na convivência com ele não fosse preciso:

Meu bom amigo, Sr. Monteiro Lobato, Viva o [sic]! Os livros chegaram lindos! Já hoje ficou um com Coelho Netto e pretendo esta semana distribuí-los aos jornais. Estão o succo! Sim, mude-se para cá e estou certa que a sua fortuna aumentará com a [sic]. Agora, negócios. Diga-me uma cousa: quer comprar a propriedade dos Gritos Femmininos? Preciso de dinheiro. Ofereça-me o seu preço e eu estou certa de que estaremos de accordo. **Lobo não come lobo, não é mesmo?** Ou preferirá com a edição? Tenho muita confiança em ti e creio que faça bem. Não avalia das benção [sic] que pedia a Deus lhe duha'sse, ao ver chegar o imenso pacote dos meus livros! Espero a sua resposta com palpitações. Da colega e amiga, Muito grata. (CELSONO, 22/10/1922, grifos nossos)<sup>131</sup>.

A escritora se iguala ao editor: são lobos do comércio livreiro. E que homem aceitaria ser tratado como igual por uma mulher naquele contexto histórico? O próprio título do livro, *Gritos Femininos*, indica o modo de pensar da escritora. Infelizmente, parece que o livro não foi editado ou poderá ter sido com outro nome. Como já comentado anteriormente, Lobato com frequência interferia na produção de seus editados.

Maria Eugênia Celso<sup>132</sup> foi uma das escritoras incentivadas por Lobato. Essa mulher que participou das lutas feministas, presidindo a assembleia que aprovou o voto feminino, foi

<sup>130</sup> De acordo com Maria Clementina Pereira Cunha, as mulheres que buscavam realizar-se através de um emprego ou liam demasiadamente podiam ser consideradas anormais. Essas e outras características observadas na figura feminina, diagnosticadas patologicamente eram as mesmas exaltadas nas figuras masculinas. (CUNHA, 1986)

<sup>131</sup> Carta de Maria Eugênia Celso a Monteiro Lobato. CEDAE / IEL-UNICAMP. Ref: MLb 3 2 00293

<sup>132</sup> Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça (1886-1963) nasceu em Minas Gerais. Era filha do Conde Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior. Foi poetisa e jornalista. Dentre suas obras está *Poemas completos* (1955). Também escreveu para diversas revistas, como *O Malho* (1936) e *Fom-fom* (1920). Apresentou programas sobre literatura na Rádio Nacional, durante os anos de 1930. Maria Eugênia Celso foi entusiasta do Movimento Feminista: durante os anos de 1930, defendia a emancipação política e social das mulheres. Também foi colaboradora de ações da Cruz Vermelha em prol da saúde das mulheres e das crianças. Informações visualizadas em agosto de 2011, no site da Academia Petropolitana de Letras: [www.apcl.com.br/noticias/colunameugenia.htm](http://www.apcl.com.br/noticias/colunameugenia.htm).

editada pela sua casa editora. A amizade que começa pela admiração entre ambas as partes passa ao ramo dos negócios e mais se aprofunda. Lobato passa de “Dr.” a “amigo”.

O primeiro contato, dessa vez, foi feito pelo próprio Lobato: ele mesmo convidara a escritora para sua casa editora. É ainda mais notória sua fala sobre o choro masculino:

Li, hoje, na Revista do Brasil, transcrito do jornal do Comercio, o Era [sic] uma criança... Li e chorei... E é só para dizer isso que escrevo. Julgava-me liberto, pelo resto da vida, disso que os homens com desprezo e grotesca superioridade, dão como primitivo das mulheres: a faculdade de chorar. Errei e sinto-me feliz em ter errado. Chorei e chorarei, de novo, ao reler aquele extraordinário, não grito, mas lamento d’alma, o mais sentido que possa sair de criatura humana. Que maravilhosa sensibilidade a sua. Lobato.<sup>133</sup>

Lobato, assim, desestabilizava em suas cartas e artigos não só o modelo feminino, mas também o masculino, e orgulhava-se em mostrar-se emotivo tal qual as mulheres, desprezando a extrema racionalidade, obrigatória ao ser do gênero masculino<sup>134</sup>.

Outra romancista com quem se correspondeu foi Iainha Pereira Gomes<sup>135</sup>. Essa, segundo as missivas indicam, tornou-se ainda mais amiga do escritor do que a citada anteriormente. Em suas cartas, Monteiro Lobato tanto lhe pergunta sobre a família, como discute as questões do petróleo e da guerra. Até mesmo oferece conselhos para a educação de sua filha, conselhos que, de acordo com a pesquisa apresentada ao longo do texto, eram bastante diferentes do que se propagava pelo *Brasil*:

**E a senhorita Maslova? Que pena não poder vir ela fazer um curso numa universidade daqui, para voltar ao Brasil transformada numa elegantíssima e eficiente Miss Mabel Villebrandt. Esta senhora é general attorney do governo americano,** e quando as autoridades masculinas de Nova York se revelaram imponentes para fazer respeitada a lei seca, Washington mandou-a para cá. Foi um sarilho. A diaba deu pega em centenas de nightclubs onde se bebia elegantemente e fechou 120, inclusive o célebre nightclub da mais célebre Texas Guinan, a mais prestigiosa e espirituosa figura feminina da América, uma Recamier doublé de business woman. Os homens falharam lamentavelmente diante do seu espírito, graça e beleza. Mas a Mabel venceu-a. O seu nightclub está fechado por um ano e a Texas tem de ir a juri. A Maslova, se passasse pela fileira de laminar da América, voltaria

<sup>133</sup> Carta de 28-2-1922, escrita por Monteiro Lobato, que Maria Eugenia Celso publicou no *Jornal do Brasil* junto com o artigo intitulado *O amigo das Crianças*.

<sup>134</sup> Utiliza-se aqui a palavra “obrigatória”, pois se compreende que a hegemonia masculina conquista-se pela via da autoridade: “Ela significa não apenas a dominação dos homens sobre as mulheres, mas a existência de uma disputa constante entre grupos de homens entre os quais se estabelecem relações de poder. (...) Em toda sociedade vamos encontrar também formas de masculinidade subordinadas” (CARVALHO, 2011, p. 113).

<sup>135</sup> A pintora e escritora gaúcha Iainha (Yainha) Pereira Gomes colaborou em jornais e revistas, além de publicar livros: *Alma Ondulante*, *Ronda Inquieta*, *Folhas que caem*, *Quinze noites* etc. Consultar (NUNES, 1983).

uma estrela de deslumbrante fulgor. Qualidades naturais não lhe faltam. (LOBATO, 2/10/1928, grifos nossos).<sup>136</sup>

Do mesmo modo, nas cartas endereçadas à professora Nize Therezinha, citadas ao final da segunda sessão do referente capítulo, Monteiro Lobato oferece conselhos e mostra-se a favor do trabalho feminino:

Não conte com cadeira de português aqui. Fantasia de Pietro. Ninguém quer aprender nossa língua, porque não há necessidades, já que entendemos perfeitamente o espanhol. Mas há muitas outras atividades abertas à mulher inteligente e culta. (LOBATO, 1946)<sup>137</sup>

A senhorita Nize Therezinha conheceu o escritor pessoalmente quando esteve em Buenos Aires. Os dois estavam desiludidos com a situação política brasileira, que inclusive acarretou o afastamento de seu noivo, o advogado Cláudio Ápio Lima Antunes, de suas funções como professor da antiga Escola Técnica, em razão da propagação de ideais comunistas. Depois da conversa leal, num banco do Jardim Zoológico de Buenos Aires, trocaram cartas até o falecimento de Lobato. A maior parte das linhas escritas por Lobato para sua amiga tratava das guerras, dos ditadores e outros assuntos que, aos olhos da maioria, deveriam ser evitados pela frágil alma feminina. Suas cartas eram ricas em debates filosóficos e encorajamentos:

Em minha vida assisti à queda de muitos cesares. Um, pendurado pelos pés — Mussolini. Outro, lançado pela janela — Vilaroel. Outro, forçado a tomar veneno — Hitler. Eles são intensos, mas não extensos. Getulio foi Cesar durante 15 anos — e hoje não consegue vencer uma eleição. O tudo é que, mesmo que derrotados, vocês não aceitem a derrota, e continuem a viver até o dia da revanche. Há a lei do ritmo. A onda que vem e a onda que vai. O dia e a noite. O inverno e o verão. A exaltação e a queda. Tenho comigo duas fotografias de Mussolini. Uma, ele enristando a quixada numa janela de palácio e com ele ameaçando o mundo; outra, ele de cabeça para baixo, pendurado pelos pés. Lei do ritmo, a mais velha lei do mundo — lei que não está sujeita ao “Revogam-se as disposições em contrário” dos decretos tiranos (LOBATO, 1947)<sup>138</sup>

A partir dessas e outras cartas, observa-se a relação de Monteiro Lobato com o gênero feminino e pôde-se, então, inferir que o escritor acreditava na inteligência e respeitava as individualidades femininas, para além de suas personagens ficcionais. Para construir o Brasil de seus sonhos, não requeria apenas as máquinas, o ferro e o petróleo, mas, principalmente,

<sup>136</sup> (NUNES, 1983, p. 109)

<sup>137</sup> Carta de Monteiro Lobato a Nize Therezinha. 08/10/46 — Buenos Aires - CEDAE / IEL-UNICAMP. Ref: BL\_Ms 00016-F-V.

<sup>138</sup> Carta de Monteiro Lobato a Nize Therezinha. 28/01/47 — Buenos Aires - CEDAE / IEL-UNICAMP. Ref: BL\_Ms00017.

desejava a mudança de mentalidade, haja vista que “a mulher não é inferior nem superior ao homem. É diferente”<sup>139</sup>. Diferença que, para Lobato, tal como procuramos acentuar através da análise de diversos trechos de suas cartas e materiais literários, não era argumento plausível aos que intentavam impedir o livre-pensamento, a capacidade crítica, a formação e a realização profissional das mulheres.

---

<sup>139</sup> No Prefácio ao livro *No carinho da luz*, de Josefina Sarmiento Barbosa (1921), Lobato escreve que: "A mulher não é inferior nem superior ao homem. é diferente. No dia em que compreendermos isso a fundo, muitos mal-entendidos desaparecerão da face da terra".

## 2 DONA BENTA E TIA NASTÁCIA – REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NOS ANOS DE 1920-1940.

Estamos nós vivendo em plena era dos milagres, sem que prestemos a menor atenção a isso. (...) Imaginem que um homem do tempo antigo ressuscitasse agora. Poderia compreender as coisas que temos e às quais não ligamos a mínima importância? Estou imaginando as aflições do coitado! Vira-se para cá e dá com uma pessoa falando pelo telefone com um morador em outro continente — e logo julga que são dois mágicos que conversam. Vai ao cinema e vê desenrolar-se uma fita americana de bandidos moderníssimos, que se atacam uns aos outros com metralhadoras. O nosso homem não entende nada e fica certo de que há gente representando atrás do pano. Vai espiar. Não encontra ninguém e abre a boca... A idade dos milagres é esta. De momento a momento novas maravilhas saem dos laboratórios científicos. As invenções se atropelam. (...) Em nossa era o progresso corre mais rápido num mês de que na antiguidade corria em séculos.<sup>140</sup>

*LOBATO, 1957, p. 203*

Nos últimos anos, a percepção comum é de que as horas passam mais rapidamente e, em nossos dias corridos, profissões e objetos tornam-se obsoletos. Todavia, constata-se na epígrafe deste capítulo tratar-se de um sentimento presente em outros momentos históricos. Ao verificar o ano em que tal depoimento foi registrado, quem recebe um “choque” é o leitor. Afinal, os anos de 1930 são, na perspectiva atual, o “tempo antigo” a que o indivíduo se refere.

A reflexão torna-se ainda mais interessante por se tratar de reflexão de quem presenciava as mudanças e, ainda assim, conseguia se distanciar e pensar sobre o tempo vivido. Quando se tem a informação de que esse depoimento não esteve em um jornal ou

---

<sup>140</sup> O fragmento foi retirado do livro *História do Mundo para crianças*, publicado pela primeira vez em 1933.

conto do intelectual Monteiro Lobato<sup>141</sup>, mas nas páginas de um livro infantil — trata-se da fala de uma avó a seus netos, em um sítio no interior do Brasil —, o estranhamento torna-se mais contundente.

Essas reflexões sobre os tempos históricos e a compreensão da modernidade eram geralmente abordadas na literatura infantil da época? Esse tema seria apropriado para as conversas dos indivíduos do gênero feminino? De que educação e leituras a personagem se utilizava para formular uma compreensão tão elaborada de seu próprio tempo? Será que a ficção e a realidade se aproximam nessas narrativas?

De modo a responder a primeira pergunta, convém abordar os estudos que se debruçam sobre a literatura infantil. Na leitura do ensaio *Literatura Infantil Brasileira — História e Histórias* (1991), por exemplo, verifica-se que este não era o roteiro comum aos livros infantis. Mesmo porque estes eram escassos e se constituíam, na maioria das vezes, de traduções. Nas palavras das pesquisadoras Lajolo e Zilberman (1991, p.46),

(...) Lobato, já escritor famoso, passa a correr numa outra faixa: investe progressivamente na literatura para crianças, de um lado como autor, de outro como empresário, fundando editoras, como a Monteiro Lobato e Cia., depois a Companhia Editora Nacional e a Brasiliense, e publicando os próprios livros. O comportamento é original, pois, na ocasião, havia poucas casas editoras, a maioria aparecida e moldada no século XIX, como a Francisco Alves, a Brigueuet ou a Quaresma, e eram raros os livros infantis. Reunir ambas as iniciativas era ainda mais ousado, mas é gesto de quem inaugura novos tempos enquanto está se iniciando a uma nova modalidade de expressão literária.

Monteiro Lobato é duplamente reconhecido pela promoção de livros para crianças, cabendo a ele, em grande parte, o estímulo para a publicação destinada a esse público e o exercício de uma escrita mais brasileira e questionadora. Em inúmeros trabalhos, críticos literários e historiadores afastam-se da escrita polida e do olhar arguidor, característicos da pesquisa científica, e desdobram-se em elogios e entusiasmos:

Pode-se argüir também que **Lobato foi um dos precursores da postulação, do questionamento, da contestação às verdades fáceis e estabelecidas.** Quem educou, com seus livros, para a liberdade, preparou, a seu modo, o caminho para a onda de liberdade criadora que favorece o mundo de hoje. (ALVAREZ, 1988, grifos nossos).

Essa “liberdade criadora” se manifesta a todo o momento em sua obra, ora na escolha dos temas a serem discutidos ora principalmente no tratamento da palavra escrita. O tom

<sup>141</sup> Monteiro Lobato escreveu seu primeiro livro dedicado às crianças em 1921, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e o último em 1944, *Os Dozes Trabalhos de Hércules*. Conferir a esse respeito ARROYO (1968), LAJOLO (2000, 2009), ZILBERMAN (1983, 2004) e COELHO (1998).

“natural” dos diálogos entre as personagens da narração dirigida aos seus leitores era resultado de muito trabalho, como destaca Marisa Lajolo (2009, p. 21):

Nessa defesa do direito de inventar, desinventar e transformar a linguagem de que se vale Monteiro Lobato também se manifesta no que talvez se possa chamar de nível discursivo de sua obra. Neste outro plano, metalinguagem, intertextualidade, consciência do leitor e oralidade merecem menção, pela constância com que se manifestam e pelos fabulosos efeitos de sentido que criam.

A pesquisadora Márcia Cabral da Silva em breve análise da historiografia literária infantil brasileira, no livro *Infância e Literatura* (2010, p. 54), também destaca Monteiro Lobato como o autor que marcou o início de uma nova fase do gênero literário nas décadas de 1920 e 1930;

Monteiro Lobato insere-se no domínio da literatura infantil conferindo-lhe uma nova perspectiva, tanto de ordem temática quanto discursiva. A criança não é mais poupada de conflitos sociais; o ponto de vista da narrativa muitas vezes lhe é transferido; e abre-se espaço para a voz questionadora do personagem criança, metamorfoseado e exacerbado muitas vezes polêmica figura da boneca Emília.

Atentos à escrita da história, sublinha-se que as possíveis respostas deste capítulo relacionam-se com o contexto turbulento dos anos 1920-1940, o qual acarretou mudanças no campo da política, da educação e das artes. Essa primeira hipótese confirma-se já nas leituras preliminares da obra intitulada *Sítio do Picapau Amarelo*, desenvolvidas ao longo do primeiro capítulo da presente dissertação.

Monteiro Lobato compõe suas histórias sem negar o tempo vivido. As narrativas infantis analisadas trazem em suas páginas o cinema, o vestuário e outras modernidades do período histórico, além de estimularem o debate sobre os desafios da política e economia nacional, como da exploração do petróleo:

- E por que o Brasil também não produz milhões e milhões de barris? Será que não existe petróleo aqui?  
 - Não existem perfurações, isso sim. Petróleo o Brasil tem para abastecer o mundo inteiro durante séculos. Há sinais de petróleo por toda parte – em Alagoas, no Maranhão em toda a costa nordestina, no Amazonas, no Pará, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande, em Mato Grosso, em Goiás. A superfície de todos esses que levaram as repúblicas vizinhas a perfurar e a tirá-lo aos milhões de barris. Os mesmíssimos sinais... (LOBATO<sub>2</sub>, 1957, p. 242)

Por este motivo, pesquisadores — inclusive a redatora deste capítulo — consideram a literatura de Lobato um documento, onde se podem entrever anseios e temas em destaque na época vivida pelo autor. Ao operar com esse documento, intenta-se encontrar pistas que

auxiliem na compreensão da relação entre o gênero feminino e as modernidades de 1920-1940<sup>142</sup>.

Sublinha-se, portanto, que a escrita literária e a construção de uma personagem pelo escritor não é elaboração ingênua, assim como a de outros documentos:

(...) resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro — voluntária ou involuntariamente — determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, 1996, p. 538)

Deste modo, nas páginas seguintes, a pesquisa interdisciplinar, ancorada em grande medida na crítica e na historiografia literária, na história cultural e na micro-história, poderá contribuir com o debate das questões historiográficas. O diálogo entre a teoria e as representações das mulheres escritas por Lobato, nas vozes das personagens Dona Benta e Tia Nastácia, instigam por sua vez a experimentação das lentes<sup>143</sup> da micro-história.

Ademais, por tratar-se de um documento literário, há também que se promover a aproximação com os estudos da história cultural, mais precisamente aquela que se dedica ao suporte livro e às práticas de leitura, bem como com a história da educação, com destaque para os estudos sobre as propostas pedagógicas de Anísio Teixeira, uma vertente dos debates que se tornaram conhecidos como o movimento da Escola Nova. Afinal, como alerta Darnton (2010, p. 149),

Nenhuma delas — a história, a literatura, a economia, a sociologia, a bibliografia — é capaz de fazer justiça a todos os aspectos da vida de um livro. Pela sua própria natureza, portanto, a história dos livros deve operar em escala internacional e com método interdisciplinar.

As disciplinas serão associadas em busca de respostas e novas indagações sobre as continuidades e rupturas no fazer-se mulher(es) moderna(s) no cenário entre os anos 1920 e 1940. As contradições do período podem não emergir claramente no ideal criado sobre o

<sup>142</sup> As mudanças foram rápidas: as mulheres, nas três primeiras décadas do século XX, passaram a andar sozinhas pelas ruas da cidade, a usar calças e cabelos curtos, além de reivindicar a participação política na gestão do país. Nesse período, não faltaram vozes para entoar “um brado feminino de inconformismo, tocado pela imagem depreciativa com que as mulheres eram vistas e se viam e, sobretudo, angustiado com a representação social que lhes restringia tanto as atividades econômicas quanto as políticas” (MALUF; MOTT, 2008, p. 369-370).

<sup>143</sup> A micro-história, nas palavras do historiador Giovanni Levi (1992, p. 136-137), “é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental. Essa definição já suscita possíveis ambiguidades: não é simplesmente uma questão de chamar a atenção para as causas e os efeitos do fato, de dimensões diferentes coexistirem em cada sistema social; em outras palavras, o problema de descrever vastas estruturas sociais complexas, sem perder a visão da escala do espaço social de cada indivíduo, e a partir daí, do povo e de sua situação na vida”.

feminino, visto que a representação social desses indivíduos era bastante homogênea: as mulheres das diversas camadas econômicas e sociais do início do século XX só encontrariam a felicidade suprema no âmbito familiar; os deveres-dádivas de ser mãe e esposa eram o propósito de suas vidas. No entanto, tais incoerências são percebidas tanto nos fazeres desses indivíduos quanto nos discursos das diferentes instituições, que aconselham e apontam caminhos diversos para a formação do paraíso doméstico.

Conforme os espaços público e privado tornavam-se mais distantes e determinados, era preciso lembrar à mulher seu papel de “guardiã da família”. Para isso, enquanto as mulheres das camadas altas e médias deviam estudar — para orgulhar seus maridos com a administração eficiente do lar, a par dos preceitos higiênicos e das inovações tecnológicas, podendo até mesmo trabalhar, desde que nunca esquecessem que sua realização estava na alegria de cuidar do marido e dos filhos —, as mulheres das camadas populares tinham de lutar para que suas vozes não fossem abafadas nos movimentos operários:

Em meio às principais demandas femininas do novo século, constatavam a redução da jornada de trabalho e a educação igualitária entre os sexos; reivindicações que contaram com a intensa participação das mulheres operárias. As trabalhadoras engajadas no movimento operário anarquista foram muito além em suas demandas, reivindicando uma real libertação feminina do jugo masculino e a modificação dos currículos escolares femininos. (MORONARI, 2006, p. 85)

Na maior parte dos livros infantis de Monteiro Lobato, as questões sobre o universo feminino são tematizadas. No entanto, para possibilitar uma análise acurada, foram escolhidos alguns títulos, dispostos em dois blocos de interesse: dois deles — *Serões de Dona Benta* (1937) e *Histórias de tia Nastácia* (1937) — em que as personagens analisadas são as protagonistas do enredo; e outros três, em que se destaca a preocupação do escritor com a evolução humana e com algumas questões históricas: *História do mundo para as crianças* (1933), *História das invenções* (1937) e *O poço do Visconde* (1937).<sup>144</sup>

A análise não se dará livro a livro. Observa-se a confluência dos temas abordados de acordo com a necessidade de responder e formar novos questionamentos. Essa metodologia nos parece a mais adequada porque:

(...) as personagens raramente vivem alguma transformação interna. É preciso conservá-las idênticas, para que possam se transferir de um enredo a outro sem amadurecerem física ou psicologicamente, nem deixarem de ser reconhecidas com facilidade pelo leitor. A exceção é Emília, que se torna gente, após ter sido boneca de pano por certo tempo; mas a mudança não lhe altera a personalidade (LOJOLA; ZILBERMAN, 1991, p. 81-82).

<sup>144</sup> Os resumos sobre os enredos dos livros selecionados podem ser consultados na Tabela I em anexo.

As personagens Tia Nastácia e Dona Benta fazem parte dos enredos e sofrem poucas mudanças em suas caracterizações de um livro para o outro. Os perfis femininos dessas personagens muitas vezes vão ao encontro das mulheres de quem nos aproximamos através das cartas, dos jornais e das propagandas dos anos 1920-1940. Ainda que seja fato que por meio desses materiais não se torne possível restituir o passado, ao menos vislumbra-se o que era esperado dessas mulheres e se elas tentavam ou não ressignificar seus papéis e devires.

## 2.1 Dona Benta: dona de casa e mestra moderna

Em que pese a epígrafe do texto, embasada na breve problematização do recorte temporal, observa-se que a representação da personagem Dona Benta não condiz com a maior parte dos sujeitos que viviam no interior brasileiro<sup>145</sup>. Nos livros, apesar de habitar uma área rural, diferente do que se espera, ela mesma comanda o sítio que abriga um laboratório, produz café, etc. Ela é uma mulher de negócios, de política e de ciência. É possível que a personagem apresente características distintas das mulheres idealizadas nos demais suportes literários de seu tempo, porque foi construída e idealizada por um indivíduo emblemático, conhecido pela escrita panfletária e literatura engajada nas questões sociopolíticas do sertão e das cidades do país. Salientados esses aspectos da personalidade de Monteiro Lobato, convém abordar que:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou justificar, para os indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990, p.17).

<sup>145</sup> Assim como o pesquisador Nicolau Sevcenko aponta no livro *Orfeu extático na Metrópole* (2009), as contradições do período e a dificuldade de fazer chegar ao interior do Estado as máquinas e outras tecnologias da Grande São Paulo, Lobato, em suas cartas, percebe não só a diferença de recursos em Taubaté, mas também a de mentalidade de seus habitantes: “Sinto-me rodeado de conspiradores; todos tramam o meu achatamento. Tudo quanto mais prezávamos — o nosso individualismo etc. — é crime de lesa-aldeia, de que o vigário, os parentes e as ‘pessoas gradadas’ nos querem curar. O ideal é fazer de nós mais uma ‘pessoa grada’, mais um ‘cidadão prestante’. É arredondar-nos como um pedregulho, lixar-nos todas as arestas — as nossas queridas arestas!” (LOBATO, 2010, p. 50).

Dona Benta, figura emblemática em todo o Brasil e outros países da América Latina, é quase um sinônimo de sabedoria<sup>146</sup>. Produto da pena refinada de um amante do novo — petróleo, ferro, eletricidade —, Dona Benta valoriza as invenções de seu tempo:

- (...) Hoje vemos e ouvimos tudo sem sair de casa. Antigamente quem queria boa música, tinha de ir à cidade em dia de concerto. Hoje temos concerto de graça a toda hora. E escolhemos. Pulamos da música argentina para a alemã. E com uma torcidinha da chave do rádio, pulamos para os sambas do Brasil. E se a música nos aborrece, zás! Arrolhamos os fazedores da música. Eu, que sou velha e já conheci os tempos em que não havia nada disso, sei dar valor a essas invenções. Vocês, não. Já nasceram dentro delas (LOBATO<sub>2</sub>, 1957, p. 337).

E, assim como Lobato<sup>147</sup>, essa avó, quando pode, compartilha as modernidades com os habitantes dos arredores do Sítio. Quando seus netos descobrem petróleo em suas terras, a personagem emprega o dinheiro na modernização da vila, manda construir escolas técnicas e hospitais e festeja a chegada dos cinemas, teatros e outras novidades culturais:

- E essa transformação da vila não parará mais, disse Dona Benta. Sei de muitas companhias de petróleo que já se formaram, e de outras que estão se formando para pesquisar petróleo na zona. Logo teremos aqui uma cidade à moda americana, movimentadíssima, que mudará tudo — os costumes e as gentes. (LOBATO<sub>6</sub>, 1957, p. 187)

Sua idade avançada em nada retarda a busca por conhecimentos; essa avó acompanha os avanços da tecnologia e, preocupada com a educação de seus netos, parece disposta ao diálogo, pacientemente ouve as perguntas e “asneiras” das crianças e, de maneira simples, procura dissipar suas dúvidas, como no fragmento a seguir:

Dona Benta costumava receber livros novos, de ciência, de arte, de literatura. Era o tipo da **velhinha novidadeira**. Bem dizia o compadre Teodorico: ‘Dona Benta parece velha mas não é, tem o espírito mais moço que o de muitas jovens de vinte anos’ (...).  
- Este livro não é para crianças, disse ela; mas se eu ler do meu modo, vocês entenderão tudo. **Não tenham receio de me interromperem com perguntas**, sempre que houver qualquer coisa obscura. Aqui está o prefácio... (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 209-210, grifos nossos).

<sup>146</sup> Em inúmeros trechos das obras de Monteiro Lobato, a personagem é apresentada como um símbolo de inteligência e sabedoria. Em um deles, Quindim comprova os elogios: “Sabedoria, sim, meus amigos — continuou Quindim — porque Dona Benta é uma verdadeira filósofa, não digo como Sócrates, que só conheço por ouvir falar, mas como o saudoso Kalavaka, o rinoceronte mais sábio da minha tribo lá no Uganda. Eu tenho um meio prático de conhecer a verdadeira sabedoria: é medir os resultados que ela dá. A sabedoria de Dona Benta deu como resultado final a felicidade completa que todos gozamos aqui, vocês homens e nós animais — eu, a mocha, o burro falante, os passarinhos aí no mato nunca perseguidos por ninguém” (LOBATO<sub>6</sub>, 1957, p. 237).

<sup>147</sup> Referência à instalação da sala de cinema, na Fazenda de Buquira, no ano de 1908. (LOBATO, 2011)

Na leitura de *História das invenções*, pode-se inferir que os saberes de Dona Benta, “um Camile Flammarion de saia”<sup>148</sup>, vêm das obras de grandes filósofos e livros que recebe da capital:

– Tenho aqui um **livro de Hendrik Van Loon**<sup>149</sup>, disse ela [Dona Benta], um sábio americano, autor de coisas muito interessantes. Ele sai dos caminhos por onde todo mundo anda e fala das ciências dum modo que tudo vira romance, de tão atrativo. Já li para vocês a geografia que ele escreveu e agora vou ler este último livro – *História das Invenções do Homem*, o Fazedor de Milagres (LOBATO<sub>2</sub>, 1957, p. 310, grifos nossos).

As práticas de leitura de Dona Benta, por exemplo, parecem distantes daquelas recomendadas pelas autoridades católicas para as mulheres do período de 1920 a 1940<sup>150</sup>. As obras de filósofos e cientistas deviam ser destinadas à competência masculina, como se pode conferir nas palavras de Júlia Lopes de Almeida (apud HELLER, 2006, p. 74), escritora de romances, manuais, livros infantis que em alguma medida pregavam a moral e a boa conduta feminina<sup>151</sup>:

Continue a estudar; leia com cuidado. Um bom livro é sempre salutar para a alma. Fuja das teorias filosóficas e das exposições pessimistas dos espíritos doentes. Não se deixe prender, como tantas outras mulheres inteligentes do nosso tempo e da sua instrução, pelos assuntos guindados das teses sociais; deixe tais argumentos à competência e à prática dos homens.

Se, por um lado, essa não era a sugestão de Júlia, por outro, a necessidade de tal “puxão de orelha” sugere que mulheres reais praticassem leituras dos mesmos temas ou autores tal como Dona Benta<sup>152</sup>. Até porque outras autoridades, ligadas à renovação do campo

<sup>148</sup> (LOBATO<sub>2</sub>, 1957, p. 205)

<sup>149</sup> Hendrik Willem Van Loon historiador e escritor holandês admirado por Lobato. Além de trazer reflexões do autor em seus textos infantis, como podemos observar na citação acima, Lobato traduziu seus escritos para o público brasileiro, como é o caso do livro *História da Bíblia* (1940). (CAVALHEIRO, 1956)

<sup>150</sup> Para ampliar o debate sobre a leitura feminina e as prescrições das instituições e intelectuais conservadores, sugiro a produção bibliográfica do grupo de pesquisa *Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação*, do qual sou integrante. O grupo é coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Márcia Cabral da Silva e atualmente desenvolve o projeto: *Leitura para meninas e moças nas coleções da Livraria José Olympio Editora (1930-1960)- Fase II*. (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>)

<sup>151</sup> Apesar de a jornalista, autora de romances, contos, crônicas, peças teatrais, livros infantis e educativos, aconselhar em seus escritos as mulheres a prioritariamente dedicar-se ao lar e aos filhos, Júlia Lopes de Almeida militou em variadas frentes na vida pública e esteve envolvida com o nascente movimento feminista neste final do século XIX (MAGALDI, 2008). Sua aparente ambiguidade parece estar em consonância com as contradições femininas do período histórico.

<sup>152</sup> No capítulo *Destino e Arte — Mesclas Na Trajetória De Um José*, na seção “Lobato, um intelectual amigo das mulheres”, ressaltam-se as práticas não convencionais de leitura de Pureza Lobato, por exemplo.

educacional, recomendavam às mulheres da época estar a par dos progressos científicos. De acordo com as pesquisas das historiadoras Maluf e Mott (2008, p. 405-406), nos documentos do Ministério da Saúde e da Educação:

(...) esperava-se que as mulheres dominassem um pouco de diferentes assuntos: “[...] as ciências naturais, a higiene, a física, a química, a astronomia, a matemática, a geografia, as artes, as indústrias, tudo representa uma necessidade real! A mestra deve ser a Mãe, e é preciso que a mulher tenha uma soma grande de conhecimentos, para não perder uma interrogação do filho.

Assim, “para não perder a interrogação” de seus netos, Dona Benta devia estar atenta às demonstrações de interesse e apta a conversar sobre os vários assuntos pelo quais eles tinham interesse, como o petróleo, a fotografia, a história das civilizações antigas, a formação do planeta, a eletricidade, etc. O livro *Serões de Dona Benta*, por exemplo, nasce da vontade de “saber coisas” dos personagens infantis, que prontamente são acolhidos pela avó representada como uma mulher informada dos conhecimentos científicos:

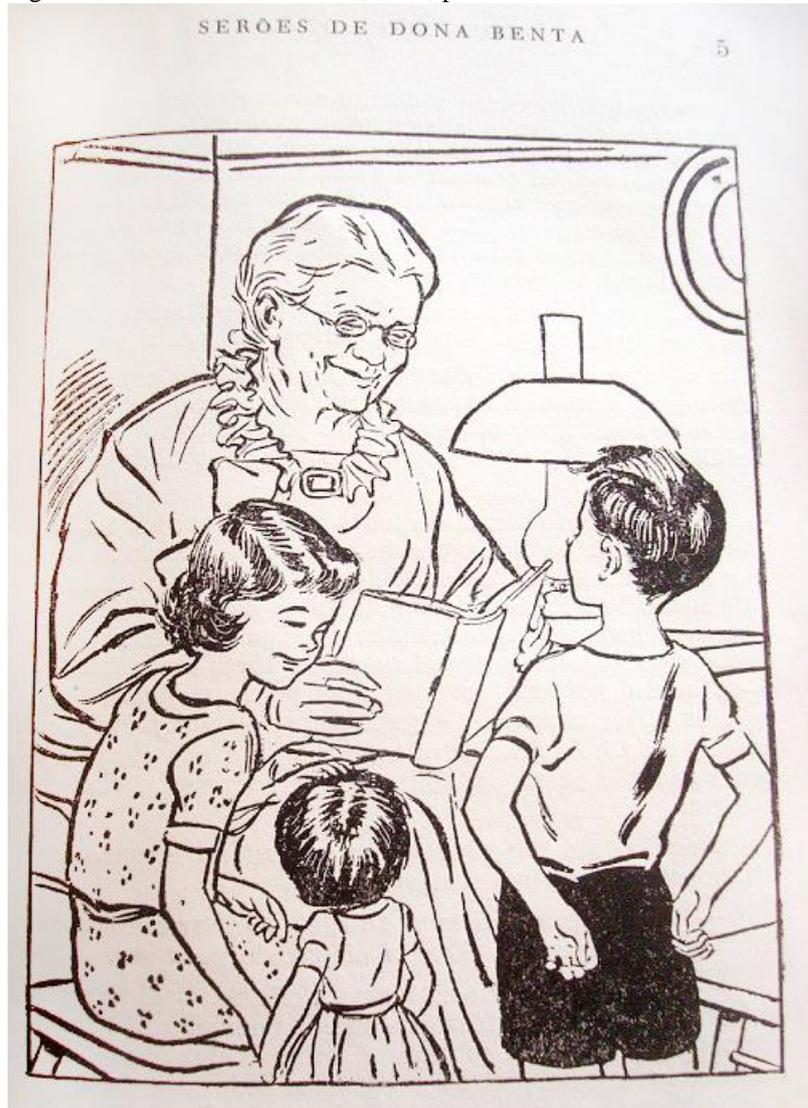
Dona Benta havia notado uma mudança nos meninos depois da abertura do Caramingá n. 1, o primeiro poço de petróleo do Brasil (1). Aprenderam um pingo de geologia e ficaram ansiosos por mais ciência.

- Sinto um comichão no cérebro — disse Pedrinho. Quero saber coisas. Quero *saber* tudo quanto há no mundo...

- Muito fácil, meu filho — respondeu Dona Benta. A ciência está nos livros. Basta que os leia.

- Não é assim, vovó — protestou o menino. Em geral os livros de ciência falam como se o leitor já soubesse a matéria de que tratam, de maneira que a gente lê e fica na mesma. Tentei ler uma biologia que a senhora tem na estante mas desanimei. A ciência de que gosto é a falada, a contada pela senhora, clarinha como água de pote, com explicações de tudo quanto a gente não sabe, pensa que sabe, ou sabe mal-émal (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 3).

Figura 1 – Serões de Dona Benta, 1957, p.5



Fonte: ANDRÉ LE BLANC. Apud: LOBATO<sub>3</sub>, 1957.

Para saciar a sede de saber de Pedrinho, não bastava a estante repleta de livros; era preciso introduzir uma mediadora<sup>153</sup>, uma mestra que soubesse um pouco de cada ciência, como aponta o documento do Ministério da Saúde e da Educação, citado anteriormente, mas que também ostentasse um sorriso e a paciência para as explicações. Mesmo quando não era essa personagem que conduzia as lições nos serões científicos, Dona Benta era o “selo de garantia”: era quem legitimava o que estava sendo dito<sup>154</sup>.

<sup>153</sup> Por motivo dos limites da dissertação não iremos ampliar o debate sobre a mediação no processo de formação de leitores. No entanto, como este é assunto caro aos pesquisadores da literatura e também da história da leitura, indico o estudo realizado pela pesquisadora Márcia Cabral da Silva, *Uma História da Formação do Leitor no Brasil* (2009), onde se pode aprofundar a análise deste conceito à luz das teorias de Vigotsky.

<sup>154</sup> No livro *O poço do Visconde*, ela é quem diz quando os estudos devem parar e se o Sabugo está correto: “Basta por hoje, Visconde — disse Dona Benta, levantando-se. Ouvi com a maior atenção a sua geologia e acho que está certo. Mas basta. Temos de alternar ciência com sono — e chegou a hora de recolher” (LOBATO<sub>6</sub>, 1957, p. 30).

As aparentes contradições da personagem — que nem sempre tinha acesso aos inventos modernos, mas que devia entender seus mecanismos de funcionamento para sanar a curiosidade dos infantes — também emergem nos lares das mulheres reais do início do século XX: elas vislumbram no âmbito doméstico os pontos de encontro e desencontro dos preceitos católicos e científicos, cabendo-lhes conciliar os deveres familiares e as inovações tecnológicas, para administrarem adequadamente a família. Ainda de acordo com as pesquisadoras Maluf e Mott (2008, p. 374), não importava qual fosse a corrente escolhida, eram muitas as prescrições:

A imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. Mais que isso, tal representação acabou por recobrir o ser mulher — e a sua relação com as suas obrigações passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do dever ser.

No período histórico analisado, assim como na literatura de Monteiro Lobato, era tênue a fronteira entre a representação emergente e as obrigações da mãe-esposa-dona de casa, e entre a representação associada aos saberes científicos e as obrigações atribuídas à mulher no exercício do magistério. Inúmeras vezes, Dona Benta é indicada como professora:

A viagem de Dona Benta pela estratosfera veio assanhar os meninos. Surgiram projetos, cada qual mais louco. Por fim a **professora** disse:  
- Chega de fantasia; vamos agora voltar ao arzinho que temos por aqui em redor de nós. O homem sempre soube, por experiência, que quando mergulhava n'água, a água exercia pressão sobre seu corpo, tanto maior quanto mais fundo mergulhasse. Mas que o ar também exercesse pressão, isso ninguém sabia (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 15, grifos nossos).

Contudo, Dona Benta, ao adotar um modelo pedagógico, fazia-o pelas vias da modernidade. A personagem seguia em alguma medida as prescrições daqueles que eram reconhecidos como reformadores da educação brasileira<sup>155</sup>. Embora afirmasse aos netos “chega de fantasia” durante a leitura das narrativas, percebe-se que essa avó não inibia a potencialidade criadora dos infantes. Tentava tão somente administrar os diferentes momentos. Amante das ciências, ela pedia participação e seriedade nas ocasiões de estudo e experimentação; nos outros, “galopava” com as crianças nos cavalos da imaginação:

<sup>155</sup> Referimo-nos aos 26 signatários do *Manifesto dos pioneiros da educação nova* (1932), de acordo com as historiadoras Diana Vidal e Rosane Nunes Rodrigues (2004), eles eram: “educadores de prestígio no cenário educativo, que atuavam em distintos níveis do sistema educacional, por vezes assumindo diretorias de instrução pública em diferentes estados brasileiros, trabalhando no recém-criado Ministério da Educação e Saúde, agindo no interior de escolas como diretores e professores e/ou engajando-se na difusão jornalística de notícias e opiniões sobre a educação no país.” (apud: XAVIER, 2004, p.89)

- Uma coisa grande nós temos, meus filhos: a imaginação. Se a nossa inteligência é limitada e de todos os lados dá de encontro com as barreiras, temos o consolo de montar no cavalo da imaginação e galopar pelo infinito...  
E puseram-se todos a galopar pelo infinito no cavalo da imaginação (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p 151).

A realização de experiências e a aplicação dos conhecimentos teóricos no cotidiano dos estudantes são importantes características da pedagogia renovada pela qual a personagem dá mostras de simpatia. Os debates educacionais da Escola Nova, como ficou conhecido o movimento, defendiam de um modo geral uma escola única, laica e brasileira, reconhecendo o nacionalismo como um movimento de proteção e consciência de suas adversidades. Convém lembrar que o posicionamento majoritário registrado no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova<sup>156</sup> (1932), embora assinado por indivíduos de diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira pela e na educação, apontando onde era necessária a unidade. Segundo a pesquisadora Ana Maria Magaldi (2003, p. 83):

Isso aparece, por exemplo, no caso dos métodos pedagógicos inovadores adotados na escola, métodos ativos pautados em processos que levavam, como dizia Armanda<sup>157</sup>, em sintonia com Cecília Meireles, “a criança a observar, a experimentar, a descobrir e a fazer por si”.

São inúmeras as passagens em que a mestra-avó utiliza exemplos concretos do cotidiano de seus netos ou propõe a experimentação do que não é comum às suas vivências, como evidenciado nos exemplos que seguem:

A alavanca não verga. Numa das extremidades o homem aplica a força do braço; a outra extremidade ele coloca debaixo do peso que quer levantar; há depois um ponto de apoio onde ele encosta a barra. Esse ponto de apoio quanto mais longe está da extremidade que o braço segura melhor.  
- Por quê?  
- Porque quanto mais longe estiver do braço, mais multiplica a força do braço.  
**Experimente** (LOBATO<sub>2</sub>, 1957, p. 257-258, grifos nossos).

<sup>156</sup> Datado de 1932 e redigido por Fernando de Azevedo, o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* foi assinado por outros 26 intelectuais, entre os quais estavam Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Roquette Pinto, Cecília Meireles e Armanda Álvaro Alberto. (MAGALDI, 2003).

<sup>157</sup> Armanda Álvaro Alberto (1882 - 1971) foi uma das educadoras que assinou o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Dirigiu a Escola Proletária de Meriti, posteriormente Escola Regional de Meriti, destinada aos filhos dos operários da Fábrica de Explosivos Rupturita, de seu irmão. A instituição tornou-se pública e tinha como princípios a cooperação e a experimentação. A educadora participou do movimento feminista dos anos 1930 e foi presa por oito meses (1936-1937) por divulgar ideias marxistas. Conferir em (MIGNOT, 2010)

Figura 2 - História das Invenções, 1957, p.259



Fonte: ANDRÉ LE BLANC. Apud: LOBATO<sub>2</sub>, 1957.

-----

- Que passarinho será aquele? — murmurou, falando consigo mesmo. E saiu disparado para ver.

- Ora, aí está como se forma a ciência — disse a boa senhora. Se o canto do pássaro fosse de sabiá, Pedrinho não se incomodaria, porque já conhece o sabiá. Mas como não reconheceu o canto, ficou logo assanhado por saber — e foi correndo ao pomar. A curiosidade diante dum fenômeno que não conhecemos é a mãe da ciência.

Logo depois Pedrinho voltou.

- Era uma saíra das raras — a segunda que vejo por aqui, disse ele — e Dona Benta continuou a desenvolver seu tema:

- Muito bem; sua curiosidade, Pedrinho, fez que você adquirisse um conhecimento novo. Ficou sabendo que esse canto é 'duma saíra rara por aqui'. Para chegar a essa conclusão, você teve de **observar o fenômeno** — de ir ver, porque só com o ouvido não podia identificar o passarinho. Você neste caso fez o papel do cientista que **observa, descobre e fica sabendo**. (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 6-7) (grifos nossos).

-----

(...) Sua cabeça ficará sendo a Terra; a bola ficará sendo a Lua; e o lampião o Sol. Feito isto você dará uma volta completa, sempre a segurar a bola na altura do nariz.

As fases da Lua ficarão **perfeitamente demonstradas** nessa experiência. Foram fazer a experiência na sala de jantar e tudo deu certinho. (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 170) (grifos nossos).

Figura 3 - Serões de Dona Benta, 1957, p. 171



Fonte: ANDRÉ LE BLANC. Apud: LOBATO<sub>3</sub>, 1957.

De modo semelhante, as ilustrações das situações narradas no texto parecem corroborar com o desejo da experimentação, permitindo que os leitores visualizem o modo de fazer cada experiência. As imagens literárias e ilustradas de situações educacionais dos anos 30 ratificam, pois, a possibilidade de conhecer os tempos históricos através do material literário. Segundo Antonio Castilho Gómez (2003, p. 15):

Tal presupuesto debe llevar a la explicación de las prácticas de cultura escrita en referencia al contexto histórico y social en el que las mismas nacen, se difunden y cobran sentido. Fuera de esas coordenadas cometemos el riesgo de desvirtuar el fin último de la indagación histórica y la esencial unidad de esta, más allá de abordarla desde perspectivas diferenciadas.

Hipóteses que parecem se confirmar quando se recorre à correspondência de Monteiro Lobato. Ele e Anísio Teixeira<sup>158</sup> tornaram-se amigos no exterior e trocaram cartas, inclusive sobre os livros analisados na presente investigação:

(...) E nós aqui, só por falta de Drake que V. imaginava, a apodrecer entre bispos e polícia. (...) Pobre ‘componente nova entre as forças causadas da humanidade’, pobre Euclides, como foste feliz em ser assassinado antes que **os Tristões, os Arlindo Vieiras e os Francas** se propuzessem a reeditar, no Brazil, a pagodeira torquemadiana... Mas, êles passam. (...) E a prova são os **42 milheiros da História do mundo**. E o êxito crescente dos seus livros apesar das excomunhões. Mas vivemos entre fantasmas e os fantasmas são cousas realíssimas para quem neles acreditam.(...) Dentro de meses saem os seus novos livros, os de ciência... É o mundo sem fantasmas que V. está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, trabalho que me enternece a inteligência muito mais que V. o possa imaginar. (ANÍSIO, 1937, grifos nossos)<sup>159</sup>.

Anísio Teixeira registra em sua carta que, nos “tempos de fantasmas”, a ciência não era para todos. No entanto, na produção literária infantil, Monteiro Lobato indica que a exclusão não se dá somente na relação com o conhecimento científico, mas também em relação aos seus produtos:

Pois é isso, meus filhos. Nós cá no sítio ainda estamos atrasados em matéria de luz. Ainda usamos o querosene. Mas deixe estar. No dia em que o café subir, eu compro um dínamo para aproveitamento da queda d’água da cachoeirinha do pasto. E havemos de ter luz elétrica excelente e força elétrica para o nosso rádio, em vez dessas baterias incômodas, e para mover minha máquina de costura, e para um batedor de ovos na cozinha, e para um ventilador, e para uma geladeira. Quanta coisa! (LOBATO<sub>2</sub>, 1957, p. 243).

Os estudos de Marina Maluf e Maria Lúcia Mott (1998, p. 403) corroboram as reflexões de Dona Benta relativas às vagarosas transformações tecnológicas na vida social à época:

Apesar da aparente facilidade, traduzida por uma gama variada de aparelhos elétricos oferecidos ao público e por anúncios, nos quais as mulheres executavam os mais difíceis e sujos serviços domésticos sempre sorrindo, ainda era muito restrito o acesso a novos utensílios e a serviços como eletricidade e água encanada. Os novos bens de consumo beneficiaram apenas uma parcela da população, composta

<sup>158</sup> Anísio Teixeira (1900-1971) foi um representante da *Escola Nova* no Brasil. Reformou o sistema educacional da Bahia e do Rio de Janeiro, exercendo vários cargos executivos. Além de signatário do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, fundou a Universidade do Distrito Federal, em 1935 (MENDONÇA, 2004).

<sup>159</sup> Os nomes grifados são de intelectuais católicos – Tristão de Ataíde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), Padre Arlindo Vieira e Padre Leonel Franca – o que confirma a divergência de pensamento entre a igreja, Anísio e o amigo Lobato. Um deles, Padre Leonel Franca, será citado posteriormente neste trabalho. Carta de Anísio Teixeira a Monteiro Lobato. 07-07-1937. CPDOC / FGV. Ref: AT c 1928.06.22 - 67:128.

daqueles que se decidiram pela novidade, já que a relação dos consumidores com o novo não foi automática e nem sem conflitos.

Havia o medo de que a modernidade alterasse a moral da sociedade cristã brasileira. Sim, as mulheres eram alvo de variadas propagandas publicitárias, mas não necessariamente donas do dinheiro. De acordo com parte expressiva dos intelectuais da época, seu lugar era a casa; ademais, sua formação psicológica — coração e sensibilidade — não era adequada à velocidade e às intempéries das cidades.<sup>160</sup> Nas “selvas de pedra”<sup>161</sup> que surgiam, era imprescindível tomar decisões rápidas e inteligentes, ou seja, “ser do sexo masculino”.

No discurso do Padre Leonel Franca<sup>162</sup>, por exemplo, essa distinção entre os sexos era natural e devia ser respeitada:

(...) o Pe. Leonel Franca procura demonstrar a diversidade dos tipos psicológicos que correspondem a cada um dos sexos: “O homem e a mulher são dois tipos psicológicos distintos naturais, dominantes, harmonicamente complementares”. Enquanto o homem é “egocêntrico e com tendência à abstração”, a mulher é “alterocêntrica e intuitiva”. Nesse sentido, “por tendência natural”, a mulher coloca fora de si os objetos de seu amor, prazer e ambição: o marido, os filhos etc., não em razão de “influências particulares de uma época ou de um país”, mas em função do “patrimônio de aptidões psicológicas próprias e insubstituíveis dado pela natureza”, pelo fato da “universalidade de sua existência”. A diferença não é contingente, mas uma necessidade natural (SOUZA, 1995, p. 40).

Esta não é, no entanto, a visão de Dona Benta; para ela, as diferenças entre os homens e as mulheres eram “fabricadas”. Vejamos como ela responde à sua neta, indignada com a desigualdade entre os gêneros:

- Por que em toda parte essa desigualdade das leis e costumes, vovó? Por que tudo para o homem e nada para a mulher?  
- Por uma razão muito simples. Porque os homens, como mais fortes, foram os fabricantes das leis e costumes — e sempre trataram de puxar a brasa para a sua sardinha (LOBATO<sup>5</sup>, 1977, p. 69).

<sup>160</sup> Para o crítico literário e intelectual católico, Alceu Amoroso Lima, as diferenças entre a “natureza” feminina e masculina demonstram características distintas desde a primeira infância: enquanto os meninos tem preferência por jogos violentos e esportivos, muitas vezes agindo de forma autoritária, as meninas preferem jogos domésticos e engenhosos, além de serem mais dóceis e obedientes. (LIMA, 1938)

<sup>161</sup> O termo era utilizado na época, pois se acreditava que o “espectro da cidade grande perturba o desenvolvimento adequado e positivo dos indivíduos.” Conferir o assunto em SOUZA, 1995.

<sup>162</sup> O Padre Leonel Franca, cujos ideais propagavam os preceitos católicos, estava sempre em contato com as instituições de formação de meninas e professoras. Representante das diretrizes cristãs no debate da educação superior, o intelectual foi o primeiro diretor e depois reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (SOUZA, 1995).

Mesmo para as mulheres que precisavam trabalhar e complementar a renda familiar, as ofertas de emprego eram restritas e a autorização do pai ou marido, obrigatória<sup>163</sup>. Algumas profissões eram consideradas ideais para o gênero feminino, pois expandiam a personalidade caridosa feminina: haveria na mulher uma necessidade em cuidar do outro, ajudar, ensinar. Dentro de casa, mulheres-mães-esposas; profissionalmente, enfermeiras-professoras-domésticas: elas deviam ser “a fé contra a razão, a caridade contra o capitalismo e a reprodução como justificativa” (PERROT, 1992, p. 180).

Apesar de não se mostrar contrária às ideias de igualdade, caridade e irmandade defendidas por Jesus, figura principal do Cristianismo, na fala de D. Benta percebem-se algumas discordâncias em relação aos dogmas da Igreja Católica:

Parece impossível que um homem pudesse vir a ser mais, e no entanto um que seria bem mais já era menino de quatorze anos quando Augusto morreu. Chamava-se Jesus e nascera numa pequenina cidade da Judéia, de nome Belém. Filho dum pobre carpinteiro, Jesus trabalhava com seu pai José no mesmo ofício. Só depois que chegou aos trinta anos é que saiu pelo mundo a espalhar suas idéias.

- Que idéias eram, vovó? – perguntou Narizinho.

- Idéias novas, minha filha, idéias que viriam mudar completamente a situação do povo romano — isto é, da grande massa de povo que trabalhava e sofria. **Jesus ensinou que todos os homens eram irmãos e deviam amar-se uns aos outros. Também ensinou aquela regra de ouro de Confúcio: “Não façais aos outros o que não quereis que vos façam”** (LOBATO<sub>5</sub>, 1957, p. 123) (grifos nossos).

-----

- E acha a senhora que a guerra se justifica, vovó?

- Para mim não se justifica. Para Jesus Cristo também não se justificava. **Mas eu não posso nada no mundo, e o próprio Cristo, cujas ideias tomaram conta do Ocidente, pôde tanto como eu em matéria de guerra.** Muitas houve em que os homens levavam à frente dos batalhões, como estandarte, a cruz de Cristo. O homem é mesmo aquilo que você diz, Narizinho. Continuemos (LOBATO<sub>5</sub>, 1957, p. 210-211, grifos nossos).

Ao apresentar Jesus como o homem mais importante no Ocidente, mas ainda com características humanas, defende que alguns de seus ensinamentos já haviam sido divulgados por outros indivíduos. Da mesma forma, ao comparar seu “poder” ao do Cristo, Dona Benta reduz a áurea divina de Jesus.

<sup>163</sup> De acordo com o *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*, “entre as ocupações do trabalho feminino, em que as aptidões do sexo mais se enquadram, estão as carreiras sociais, tais como são os serviços de enfermagem, visitadora-enfermeira, professora infantil, assistência social aos operários, combate à mendicidade etc. Nestas funções a mulher poderá exercitar em toda a sua plenitude, os mais nobres caracteres do seu sexo, nelas desenvolvendo a solicitude, a paciência, a pertinácia das idéias, a bondade, o afeto maternal, o conforto da adversidade, e a indispensável ação religiosa, predicados peculiares à mulher e que só ela sabe manejar com a doçura capaz de impressionar as inteligências ainda em formação ou os espíritos abalados pelos embates da Vida”. (REIS, 1942, p. 74)

No livro *História do Mundo para Crianças*, a personagem mostra o preceito Jesus-Deus como uma construção histórica, consequência da mudança de religião de Constantino, Imperador Romano, e das decisões tomadas durante o Concílio de Nicéia:

- (...) O ponto principal de divergência: resolver se Jesus Cristo era igual a Deus ou não.

Constantino fez uma coisa. Convidou a todos os que estavam discutindo aqueles assuntos para uma grande reunião, ou concílio, na cidade de Nicéia. ‘Agora discutam e assentem duma vez o que é e o que não é. O que a maioria decidir ficará sendo.’ O concílio decidiu então que Cristo era igual a Deus. Também fez um resumo das principais coisas que um cristão deve crer, e esse resumo foi o Credo, que desde então todos aprendem de cor e repetem diariamente (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 138-139).

Em outra linha, faz-se necessário acrescentar suas ponderações sobre a relação dos indivíduos com as máquinas, principais símbolos dos avanços científicos. Para Dona Benta as relações humanas deviam primar pela razão, quer se tratando de religiosidade ou ciência:

- Vou falar das máquinas, essas maravilhas de engenho que o homem foi inventando e está inventando todos os dias — e às quais as criaturas estúpidas atribuem a crise por que está passando o mundo. Como se a máquina fosse um ser vivo em competição com o homem na terra!...

- E que é a máquina, vovó?

- A máquina é o próprio homem, com seus braços, suas pernas e todos os seus sentidos, aumentado de eficiência por meio de truques que a inteligência inventou. Só isso. Quando leio arengas contra a máquina, lembro-me duma sova de pau que Narzinho deu numa cadeira certo dia. Como caísse da cadeira, enfureceu-se e foi buscar a vassoura para surrá-la. Atribuir males à máquina é surrar cadeira. A máquina obedece ao homem, só faz o que êle manda. Se de um avião de guerra cai uma bomba aqui em cima de nós e nos mata, que culpa tem disso o avião? Criminoso é o piloto que lançou a bomba (LOBATO<sup>2</sup>, 1957, p. 84);

Essa avó dotada de saberes científicos e cotidianos alega que o homem é a própria máquina, pois, ao empregar a inteligência, não somente constrói os artefatos, como direciona, conduz sua utilização. Merecem observação adicional os comentários de D. Benta que apontam para a necessidade de colocar uma “pitada de sal”, mesmo na crença perante as “verdades científicas”:

- E amanhã como será vovó?

- Não sei, meu filho. A ciência não para de estudar e de remendar o que chamamos Verdade Científica. Antigamente a verdade era a existência de quatro elementos. A verdade de hoje é a existência de 92. A verdade do futuro talvez seja a existência dum elemento só. Mas como não vivemos no passado nem no futuro, e sim no presente, só nos interessa a verdadezinha de hoje — embora a admitamos *cum grano salis*, como dizem os filósofos.

- Com um grão de sal, vovó? Que história é essa de verdade salgada?

- Quando a gente acredita numa coisa, mas não acredita ‘bem, bem, bem’ como diz a Emília, é que estamos botando na nossa crença um grãozinho de sal.

- Mas que sal, vovó? De cozinha?

- Não, meu filho. Um grãozinho do sal da dúvida. Um dia, quando você chegar à minha idade, saberá o que é o sal da dúvida. Um dia... depois de ler Anatole France e outros mestres salgadores, verdades humanas. Na sua idade, Pedrinho, somos só açúcar, sal nenhum. Somos o gostoso açúcar da credulidade. Mas continuemos com a nossa lição (...) (LOBATO<sub>5</sub>, 1957, p. 64).

Enquanto a Igreja católica pregava a fé acima da razão, Dona Benta colocava a razão sob suspeição em relação às ciências humanas e “de laboratório”. Monteiro Lobato, por meio das falas dessa avó, tematiza o conhecimento das crianças, o que ele chamava de “teoria da relatividade”, sempre exaltando a importância da crítica e da dúvida. Enquanto a história “oficial” elogia a atuação dos colonizadores, por exemplo, a personagem mostra que, no quesito crueldade/violência, muitas vezes os europeus eram tão bárbaros quanto os outros povos:

- A diferença única é que a história é escrita pelos ocidentais e por isso torcida a nosso favor. Vem daí considerarmos como feras aos tártaros de Gêngis Khan e como heróis, com monumentos em toda parte, aos célebres “conquistadores” brancos. A verdade, porém, manda dizer que tanto uns como outros nunca passaram de monstros feitos da mesmíssima massa, na mesmíssima fôrma. (...) Vasco da Gama encontrou na Índia vários navios árabes carregados de arroz, aprisionou-os, cortou as orelhas e as mãos de oitocentos homens da tripulação e depois queimou os pobres mutilados dentro dos seus navios. (LOBATO<sub>5</sub>, 1957, p. 239)

Isso porque a modernidade dos portugueses, bem como de seus contemporâneos alemães, ingleses e demais envolvidos na Primeira Guerra Mundial, estava na criação e uso das máquinas e não necessariamente na mentalidade dos indivíduos:

Pois é isso, meus filhos. Estamos vivendo num período muito interessante do mundo. A mão do homem adiantou-se demais neste nosso século, desenvolveu-se demais, multiplicou de tal modo sua eficiência que o cérebro ficou na bagagem, lá longe. Há miolo já muito adiantado nos grandes homens, isto é, nos inventores, nos pioneiros e nos que compreendem; mas a massa geral do cérebro humano está hoje séculos atrás da mão. **Van Loon diz que mecanicamente vivemos neste ano de 1935, mas espiritualmente, ainda muito perto dos peludos.** É que a mão pioneira veio correndo com a velocidade, suponhamos, de 100 quilômetros por hora e o cérebro das massas caminha com velocidade de 10 apenas. Noventa por cento dos homens de hoje são peludos que andam de automóvel e ouvem músicas pelo rádio. Só isso explica horrores como a Grande Guerra. Nessa guerra, que é que o homem revelou? O mesmo peludo que nos tempos antigos andava de machado de pedra em punho a partir o crânio dos semelhantes. O ato foi o mesmo. Só variavam os meios de realizá-lo. (...) E por muitos séculos as coisas continuarão assim. A mão não cessa de aperfeiçoar-se com velocidade sempre maior, mas o progresso moral tem a lentidão das lendas. Havemos de ter outras matanças ainda mais terríveis. **A futura guerra mundial vai pôr num chinelo a de 1914, porque de 1914 para cá a mão tem feito progressos tremendos — e o progresso moral até parece que diminuiu a velocidade da sua marcha de lesma.** (LOBATO<sub>5</sub>, 1957, p. 287-288, grifos nossos).

O raciocínio apresentado por Dona Benta infelizmente mostrou-se correto. Poucos anos depois, ela e seus netos acompanharam os terrores tecnológicos da Segunda Guerra Mundial: as bombas atômicas, dentre outros mecanismos avassaladores. Seria Dona Benta uma mulher com uma visão à frente de seu tempo?

Dona Benta mandou vir do seu laboratóriozinho um grande frasco de hidrogênio que ela mesma havia preparado; enfiou na rolha um tubo de vidro por onde o hidrogênio pudesse escapar — e acendeu. Formou-se uma chama como bico de gás. Sobre essa chama botou um copo, bem seco, de boca para baixo. Sabem o que aconteceu? Imediatamente se formaram gotas d'água no vidro do copo.

- Extrair água do ar? **Isso é magia negra, vovó** — exclamou Pedrinho. **Se a senhora fizesse semelhante experiência na Idade Média, acabava nas fogueiras da Inquisição.** (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 35, grifos nossos).

Suas opiniões e afazeres, mesmo que detalhadamente explicados pelos estudos científicos, por vezes surpreendiam os netos e chocavam os vizinhos. A seguir, destaca-se o trecho por meio do qual Dona Benta explica o tamanho e o peso de seus porcos:

(...) Dona Benta levou o Coronel ao chiqueiro científico em que ultimamente ela andava engordando porcos de raça Poland China. Ao ver aquilo o homem derrubou o queixo, de espanto. Nunca em sua vida imaginou que porco ficasse daquele tamanho e engordasse daquela maneira.

- Estou tonto com o que os meus olhos estão vendo, comadre! — exclamou êle. **Porco assim até parece arte do diabo.** Diga-me: como consegue isso?

- Aplicando a ciência, nada mais. O compadre só consegue porcos de 10 arrôbas porque se guia pela rotina — só faz o que os outros fizeram, sem nenhuma atenção aos progressos realizados no mundo pela zootécnica, que é a técnica, a ciência de lidar com os animais. Faça o que a zootécnica manda e obterá os mesmos resultados que eu. (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 204, grifos nossos)

Entre os anos 1920-1940, Dona Benta dificilmente seria queimada na fogueira, mas poderia ser internada em manicômios, como o grande Juqueri de São Paulo. A historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, em um estudo sobre o gênero feminino e a loucura, esclarece que muitas das qualidades exaltadas nos homens — disposição e capacidade para o trabalho, capacidade intelectual e independência — eram os principais sintomas diagnosticados nas mulheres e que os psiquiatras consideravam preocupantes nas figuras femininas. Uma das internas, por exemplo, havia despertado a preocupação dos familiares, pois:

Apenas três anos após sua formatura, ela já dirigia um grupo escolar público em Santos, para onde se mudara, passando a viver só por sua própria conta e onde, segundo alienista responsável pelo diagnóstico, 'sempre se distinguiu' entre seus colegas e companheiros de trabalho. (...) Ela havia começado a ter estranhos comportamentos: escrever livros escolares, fundar escolas noturnas para

alfabetização de adultos, comprar ‘livros e livros para ler...’ (CUNHA, 1986, p. 125).

Dona Benta não só comprava livros e mais livros para ler, como utilizava as palavras dos filósofos e cientistas no diálogo com crianças, na criação de porcos e demais atividades. O conceito de modernidade, explorado pela avó nas aventuras do sítio, apresenta a tensão entre evolução científica e moralidade, seja pelo mau uso dos novos instrumentos ou pela simples assimilação dos produtos culturais, sem um real investimento nos níveis e na qualidade da educação, saúde e outras necessidades humanas. Ela parece defender o acerto de contas, de que Herschmann e Pereira (1994, p. 12) nos falam:

Enquanto na virada do século XIX para o XX a palavra de ordem é ‘civilizar’, isto é, ficar em pé de igualdade com a Europa no que se refere a cotidiano, instituições, economia, ideias liberais etc., nos anos 30 a questão fundamental é realizar uma espécie de ajuste de contas entre o conjunto das ideias modernas e a realidade institucional do país; ou seja, adequar esta modernidade a um quadro institucional possível.

No período analisado, a adequação era realizada em diferentes setores: na arquitetura, na constituição familiar, nas práticas pedagógicas e médicas. Contudo, ao que parece, são as duas últimas instâncias que mais preocupam Dona Benta. Saúde e educação são temas constantemente abordados por ela nos livros e, muitas vezes, são as relações das personagens com esses campos que os classificam como modernos. Vejamos um exemplo:

- Sustentar o corpo e carregá-lo, fazendo-o mover-se dum lugar para o outro. Se o pé humano escrevesse suas memórias, como está fazendo a Emília, não haveria leitor que não chorasse. E nós sabemos disso melhor que os outros, porque moramos numa terra em que o pé ainda padece muito. **O Brasil é um país onde ainda há milhões de pés descalços, exatamente no estado de nudez do pé peludo.** Não tem conta aqui no sítio o número de cortaduras de pés, que eu curei; de estrepes, que eu tirei; de topadas de arrancar unha, que eu tratei. Pobres pés! Feios, sujos, de sola grossíssima, toda rachada, dedos cheios de cicatrizes... Como é triste o pé do brasileiro da roça, que nu nasce, nu vive e nu morre! (LOBATO<sub>2</sub>, 1957, p. 292, grifos nossos).

Dona Benta, além de usar sapatos, cuida dos pés descalços e, por meio dessas ações, aproxima-se da mulher que ela aponta como a mais importante e moderna do mundo: Florence Nightingale<sup>164</sup>. No livro *História do Mundo para Crianças* (1954), em algumas

<sup>164</sup> Florence Nightingale é uma enfermeira britânica que tornou-se conhecida por ser pioneira no tratamento a feridos de guerra. Recebeu dos soldados o apelido de "A dama da lamparina", pelo fato de servir-se deste instrumento de iluminação ao auxiliar os feridos durante a noite. (LOBATO<sub>5</sub>, 1957)

passagens, encontramos personagens femininas<sup>165</sup> — cientistas, rainhas, inventoras —; porém, apenas para três delas são dedicados os títulos dos capítulos, são elas: a Rainha da Inglaterra Isabel Turdor, Florence Nightingale e Princesa Isabel.<sup>166</sup>

A *Dama da Lâmpada*, desde pequena, mostrava seus “dons”, brincava de curar as feridas e doenças das bonecas, tratava dos animais domésticos e, assim, cresce abnegada e corajosa. Durante a guerra, parte para cuidar dos soldados ingleses:

- Tem razão, minha filha. **Vou falar duma mulher moderna, a criadora das mais preciosas coisas existentes em nossos tempos. Chamava-se Florence Nightingale**, palavra inglesa que significa rouxinol. Mas antes temos de ver como estavam as coisas no mundo quando tal rouxinol apareceu. Pôr esse tempo reinava na Inglaterra a grande rainha Vitória, que foi muito amada pelo seu povo, do qual era verdadeira mãe. (...) No seu reinado deu-se uma dura guerra entre ingleses e os russos. (...) **Florence teve notícia dos horrores passados pelos feridos da guerra e decidiu-se a cuidar deles, como havia cuidado das suas bonecas e cachorros.** Falou com o governo, obteve autorização e, reunindo um grupo de companheiras, cuidavam dos doentes com o máximo carinho e inteligência. A primeira coisa que Florence fazia ao entrar numa sala era escancarar as janelas. Ar! Ar, Dizia. O primeiro remédio chamava-se ar puro. Perto dela nunca houve janelas fechadas. O resultado final foi que, em vez de morrerem cinquenta em cada cem feridos entrados nos hospitais, morriam dois! (...) **E Florence não se contentava de dar ordem e higiene aos hospitais. Ia aos campos de batalha dirigir o serviço de recolhimento dos feridos, para que não fossem maltratados. Andava de noite com uma lâmpada acesa, vindo daí ser reconhecida entre os soldados como a Dama da Lâmpada.**

Terminada a matança, voltou para Londres, feita a verdadeira heroína da tragédia passada na Rússia. **O governo deu-lhe uma grande recompensa em dinheiro, que Florence aceitou não para si, mas para organizar a primeira escola de enfermeiras. (...)**

**Florence Nightingale é na minha opinião a mulher que até hoje mais fez pela humanidade.** Se existe esse maravilhoso serviço chamado Cruz Vermelha, que corre em socorro desta pobre humanidade por ocasião de uma grande catástrofe — seja guerra, terremoto, incêndio ou inundação, à inglesa da lâmpada o devemos. **Vamos, Pedrinho, pegue o lápis e escreva o nome dessa mulher no seu caderno.** (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 297, grifos nossos).

Apesar de haver a conformação de um estereótipo, é importante frisar que isso não ocorre por esta ser mulher, mas por uma questão de superioridade. Quando Dona Benta fala de homens que ela considera importantes, também acaba por mistificá-los, contando histórias do cotidiano e tentando mostrar que seus dons estavam sempre presentes. Sócrates, por exemplo, mesmo nas brigas com a mulher Xantipa, era sábio:

<sup>165</sup> No livro *História do Mundo para crianças*, Lobato dedica-se a contar a evolução da humanidade e traz em suas páginas a história de algumas mulheres: Cleópatra, Joana D’Arc, Maria Antonieta, Princesa Isabel, Marie Curie, entre outras.

<sup>166</sup> Os títulos que se referem a essas mulheres são respectivamente: “O Rei Isabel”, “A época de Isabel”, “A Dama da Lâmpada” e “Lincoln e a Princesa Isabel”. (LOBATO<sup>5</sup>, 1957) (grifo do autor)

Sócrates era casado com Xantipa, uma verdadeira jararaca. Xantipa jamais compreendeu o marido, ao qual vivia xingando de vadio, de indolente, de traste inútil. ‘Este diabo leva a falar, a falar o tempo todo e nada de aparecer aqui com dinheiro’ — devia ser a xingação diária dessa senhora. Certa vez ela o descompôs com tamanha fúria que Sócrates achou prudente fazer uma retirada estratégica. Assim que ia saindo, Xantipa jogou sobre ele um balde d’água. O grande sábio apenas murmurou: ‘Depois da trovoada vem a chuva’ — e nada mais.

- Ah, se fosse comigo! — exclamou Pedrinho, arregaçando as mangas.

- Batia-lhe com um pau, não é verdade? — disse Dona Benta. Pois seria um ato muito vulgar e reles. Não há brutamontes na roça que não faça o mesmo. Justamente porque em vez de bater em Xantipa Sócrates respondeu de maneira tão fi-lo-só-fi-ca, é que estamos hoje a falar nêle. Procure nunca ser vulgar, Pedrinho, que você acertará (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 92-93).

A intervenção de Dona Benta não foi em prol de Xantipa, mas do próprio Sócrates<sup>167</sup>. A personagem não era propriamente uma defensora das mulheres, mas reconhecia a inteligência e a generosidade onde estivessem. As mulheres podiam ser “jararacas” ou cientistas, assim como os homens podiam ser “brutamontes” ou filósofos. Eles estavam em pé de igualdade. Tanto deviam ser imitados os homens como Sócrates quanto aplaudidas as mulheres como Madame Curie:

- Os homens — disse Dona Benta — ainda estão muito próximos da barbárie primitiva. Isso explica o alto valor que ainda dão à coragem física. Quando Madame Curie, a descobridora do radium, chegou a Nova Iorque foi recebida por pequeno número de pessoas, mas naquela hora uma enorme multidão estava recebendo, com uma trovoada de palmas e gritos, um famoso jogador de boxe — isto é, um brutamontes cujo mérito é quebrar o queixo de outro antes que esse outro lhe quebre o seu. Madame Curie valia um milhão de vezes mais que o jogador de boxe — mas o povo ainda não tem a cultura necessária para perceber que é assim... (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 186).

Essa distinção fica clara no trecho acima, em que a ciência fala mais alto. O que Dona Benta lamenta não é o descaso com a figura feminina, mas a falta de cultura do povo, a pouca importância que é dada à descoberta científica, em prol de um esporte que ela compreende como próximo à “barbárie primitiva”.

Nos momentos em que sua neta Narizinho expõe orgulho pelo gênero e implica com o primo, Dona Benta pondera:

A história da Inglaterra — continuou Dona Benta, mostra o caso de duas rainhas notáveis — essa Isabel e uma rainha Vitória que reinou muitos anos depois. O reinado de ambas soma 109 anos; Isabel 45 e Vitória, 64. O curioso é que foi

<sup>167</sup> Sobre a violência doméstica contra mulheres no final do século XIX e início do século XX, pesquisas registram que o marido, tal como um pai, se sentia no dever de punir com violência sua esposa quando desobedecido: “(...) embora nenhum código permitisse ou se quer relevasse tais agressões, estas se davam sob a proteção de regras de costume. A violência só era vista como selvageria e brutalidade quando exercida diante dos considerados pelas classes médias e altas como seus iguais, ou daqueles que privavam com o casal” (MALUF; MOTT, 2008, p. 377).

justamente no governo das duas que a Inglaterra mais cresceu de importância no mundo.

- Toma! — fêz Narizinho pondo a língua para o menino. As mulheres sabem governar melhor que os homens.

- Não sei se sabem governar melhor — disse Dona Benta. Mas o fato é que essas duas souberam, e por isso são veneradas pelos ingleses (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 251).

Ela, como uma cientista, pede a atenção da neta para o perigo das generalizações e para a necessidade de comprovar o que se diz. Ainda assim, ao descrever como curioso o bom governo dessas rainhas, a estranheza parece estar relacionada ao tempo de duração desses governos, em comparação ao conjunto de anos em que o país foi governado por homens.

No entanto, ainda percebemos resquícios dos modelos femininos nesse trecho. É importante destacar que o título sobre as “maldades de Isabel” é intitulado “O ‘Rei’ Isabel”. Não há uma explicação explícita para o título. Pode-se inferir que haja uma comparação com outros monarcas que, assim como ela, eram ambiciosos e, muitas vezes, bárbaros com os outros povos, mas demonstravam cuidado para com o seu povo. Esse é o caso de Guilherme, o Conquistador, e Alfredo, o Grande:

Mas, voltando às filhas de Henrique VIII, direi que Isabel soube governar com pulso forte, como aquele Guilherme, o Conquistador, que tomou conta da Inglaterra nos começos. Tinha grande tino de estadista. Infelizmente era má [Isabel], como demonstrou no caso da rainha da Escócia. A Escócia estava sendo governada por uma rainha católica, de nome Maria Stuart, Isabel a fêz prender sob pretexto de que Maria andava conspirando para apossar-se do trono da Inglaterra, e conservou-a prêsa durante dezoito anos. Por fim, mandou cortar-lhe a cabeça (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 249-250).

Além de Isabel não ter casado e não ter deixado herdeiros, havia governado como os reis, tanto do ponto de vista da “dureza” quanto por não ter cumprido seu papel de mãe<sup>168</sup>.

No entanto, merece reconhecimento o fato que, mesmo fazendo distinção entre os sexos, Dona Benta, na maior parte das vezes, apontava como importantes as características geralmente reconhecidas como femininas. A avó educava seus netos a par de outros valores, prezando os valores relacionados à formação intelectual:

- A riqueza que quero para os meus netos, compadre, é uma que eles possam guardar onde ninguém a furte: na cabeça. Porque a riqueza em bens e dinheiro me lembram dinheiro de sacristão, que cantando vêm e cantando vão. Onde está grande fortuna dos Sarmentos? O velho ao morrer deixou bens avaliados em mais de dois mil contos — e os filhos andam hoje por aí vivendo de expedientes. A riqueza material é

<sup>168</sup> Faz-se necessário destacar que, no período entre 1920-1940, a “construção da figura feminina ‘sadia’ ou higiênica, integrada e realizada através do casamento, constitui um dos mecanismos básicos de redefinição da família enquanto estratégia básica de construção da ordem burguesa, peça-chave para a manutenção da estabilidade social” (CUNHA, 1989, p. 132).

areia do deserto: ora se acumula aqui, ora ali, conforme sopram os ventos. Mas quem tem a riqueza no miolo, ah, esse está garantido contra todos os azares da vida (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 202-203).

Dona Benta faz menção às riquezas provenientes da cabeça — a inteligência, a sabedoria e a razão — e igualmente as de caráter — a benevolência, a lealdade e coragem.

Nesta breve análise, percebem-se indícios<sup>169</sup> do ser mulher nos anos 20-40. Todavia, trata-se de uma mulher específica: a par das inovações tecnológicas, apreciadora das ciências e influenciada pela pedagogia proposta por alguns dos partidários do movimento renovador na educação, ilustrada nos limites desta pesquisa por algumas ideias de Anísio Teixeira. Todavia, por prezar a moral, a ética e o amor, também se aproxima de alguns ideais católicos e estereótipos criados sobre o perfil feminino.

Na sessão seguinte, analisa-se a construção da personagem Tia Nastácia. Poder-se-ia inferir que, tal como Dona Benta parece ser criação embasada nas características e sonhos de um Monteiro Lobato urbano e encantado com os Estados Unidos da América<sup>170</sup> — seus automóveis, indústrias e liberdades —; Tia Nastácia seria fruto do que o escritor viu e ouviu na juventude no Sítio do Visconde de Tremembé, seu avô?<sup>171</sup> Seria coerente afirmar que todas as mulheres tinham acesso aos livros da capital<sup>172</sup>? Como as mulheres das camadas populares circulavam nos espaços públicos e privados dos anos 20-40?

---

<sup>169</sup> Trata-se de abordagem extraída da micro-história, “um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como um caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico” (LEVI, 1992, p. 154).

<sup>170</sup> Em 1927, nomeado pelo presidente Washington Luís, Monteiro Lobato embarca no navio American Legion com destino à Nova Iorque, onde assumiria o cargo de adido comercial. (<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato> - Acessado em fevereiro de 2012)

<sup>171</sup> Durante a infância, Monteiro Lobato vive nas terras do Visconde de Tremembé, seu avô. Em 1911, quando este falece, Lobato e as irmãs tornam-se herdeiros das terras na região de Taubaté. Na correspondência do autor, tem-se acesso às memórias relativas aos criados, aos animais e contações de histórias (LOBATO, 2010).

<sup>172</sup> Parece que não, pois, de acordo com Bignotto (2011), “a década de vinte herdou, do decênio anterior, a bandeira de luta contra o analfabetismo. Os dados levantados pelo recenseamento de 1920, as discussões e os estudos resultantes da conferência sobre o ensino primário de 1921 e o constrangimento que dominou o ambiente espiritual em 1922, quando, ao mesmo tempo em que se procurava comemorar o primeiro centenário da independência, pesava sobre a Nação uma cota de 80% de analfabetos — conforme os cálculos da época — transformaram o analfabetismo na grande vergonha do século, no máximo ultraje de um povo que vive a querer entrar na rota da ‘moderna civilização’” (Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/RepublicaVelha.htm>).

## 2.2 Tia Nastácia: cozinheira e contadora de histórias populares

De início, observam-se as atividades exercidas pela personagem: quase sempre atrapalhada com suas obrigações na cozinha e outros afazeres domésticos. Tia Nastácia é representada como personagem muito querida pelos leitores das aventuras do sítio; muitos sonham em provar seus bolinhos e pipocas. De acordo com as crianças brasileiras, fictícias ou reais, parecem ser os melhores do mundo:

- Pois é — disse Dona Benta — a razão da nossa viagem a estes séculos foi uma razão ao mesmo tempo sentimental e culinária: a procura de Tia Nastácia, que é **nossa amiga e nossa cozinheira**. E que cozinheira! Como sabe manejar o violino do ‘gostoso’ e tirar dele mil harmonias! O mais simples guizado, um picadinho com batatas, um virado de feijão com torresmos, um vatapá, tudo, enfim, que sai de suas panelas, está para o que chamamos comida, como os mármore ali dos Senhores Fídias e Policleto estão para as esculturas comuns. Perfeitas obras-primas.  
- E os bolinhos, vovó? — lembrou a menina do outro lado da mesa. Os bolinhos de tia Nastácia já estão famosos no Brasil inteiro. **Quantas cartas a senhora não recebe das crianças, pedindo a receita dos bolinhos de tia Nastácia?** (LOBATO<sub>7</sub>, 1957, p. 151, grifos nossos).

Dar voz a essa personagem torna-se complexo. Quem lê os livros de Monteiro Lobato apenas para fruição pode crer inclusive que sua fala é única e homogênea: “Credo!”. Observa-se que, quando a profere, Tia Nastácia o faz sem conhecer a etimologia da palavra, reproduzindo o vocábulo sem conhecer seu valor histórico:

A pobre negra vivia dizendo: “Credo! Credo!” sem saber que usava essa exclamação por causa dum imperador romano chamado Constantino que havia reunido os principais chefes cristãos na cidade de Nicéia no ano 325!... (LOBATO<sub>5</sub>, 1957, p. 139)

No entanto, apesar de não dialogar tanto quanto outros personagens, Tia Nastácia mostra-se nas ações. Não é à toa que se salvou do Minotauro<sup>173</sup> com seus bolinhos; essa mulher “fala com as mãos” e, por intermédio delas, algumas vezes cria a vida:

- Nós ainda nos arranjamos com um bom banho, disse Dona Benta. Mas o Visconde, não sei. Só se Tia Nastácia o ferver um dia inteiro no tacho de fazer marmelada. Como há de ser, Nastácia?

<sup>173</sup> *O Minotauro* foi publicado em 1937. Na narrativa, Tia Nastácia é raptada pelo monstro grego que dá nome a aventura. Graças aos seus deliciosos bolinhos, a cozinheira sobrevive. Afinal, como seria possível fazer mal àquela mulher e viver sem seus bolinhos? A personagem é salva por Pedrinho, Emília e Visconde no final da história. (LOBATO<sub>7</sub>, 1957)

- Deixe êle comigo que dou jeito, Sinhá — respondeu a negra, pegando no Visconde e examinando-o. Chi! Está que nem uma esponja. O jeito que vejo é um só: mudar o corpinho dele – botar um sabugo novo... (LOBATO<sub>6</sub>, 1957, p.105)

Ao contrário do que parece — e dizem as crianças do próprio sítio —, não é que Tia Nastácia não “saiba de nada”; a questão é que ela possui outro tipo de conhecimento e que, naquela época — e talvez ainda hoje —, não seja valorizado. Ela domina a arte da culinária, por exemplo, ela sabe dos acontecimentos da vida na prática e não pela ciência:

- Está ali uma casa — disse Pedrinho, em que eu não poderia morar. As paredes são de açúcar-cande; as telhas, de chocolate; as torneiras dão mel e vinho e leite. Eu comia essa casa inteirinha.

- E não escapava duma boa dose de erva-de-santa-maria com óleo de rícino — observou Emília. Doce demais gera lombrigas, **diz tia Nastácia**. (LOBATO<sub>8</sub>, 1957, p. 25, grifos nossos)

-----

- Tia Nastácia, que é do pano com que você enxugou a mesa ontem?

- Está no varal, secando, sinhá.

- Bem. Pode ir.

A negra retirou-se com um resmungo e Dona Benta prosseguiu:

- **Vê como sabe coisas e como aplica as ciências?** Sabe que se deixasse o pano amontoado num canto, ele emboloraria. Sabe que para não estragar o pano tem que mantê-lo seco. Sabe que para secá-lo tem de estendê-lo no varal, ao sol ou ao vento. **Mas faz tudo isso sem conhecer as razões teóricas** do emboloramento e da evaporação — coisas que vocês também não sabem, porque ainda não abriram nenhum compêndio de física. (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 8, grifos nossos).

“Ignorante” é um adjetivo muitas vezes relacionado a essa personagem pelas outras personagens-crianças das histórias. Por falta de conhecimentos teóricos, Tia Nastácia é comparada às crianças do sítio. Entretanto, os infantes aprendem nos serões de Dona Benta, passam a aplicar as ciências ao seu cotidiano. Já a cozinheira dorme embalada pelo falatório e, com frequência, permanece em condição inferior. A opressão é neutralizada pela “incapacidade” de aprender da personagem<sup>174</sup>, corroborando com a percepção de que o “fazer” popular está dissociado do “saber”. (ARANTES, 2012)

É interessante para o historiador observar nesta personagem de poucas falas e muitos resmungos a representação de uma classe social, denominada de popular<sup>175</sup>. Por intermédio de Tia Nastácia e de como se referem a ela, tem-se acesso a versinhos populares, credices, pistas importantes para uma pesquisa por meio da qual se deseja “apresentar representações

<sup>174</sup> O trecho a seguir evidencia essa afirmação: “Todos concordaram que a lição do Visconde fora boa, exceto tia Nastácia. A negra dormira o tempo inteiro. E quando Narzinho a censurou por causa disso, respondeu com a maior sinceridade: - Pra que ouvir, menina? Não entendo nada mesmo...” (LOBATO<sub>6</sub>, 1957, p. 18)

<sup>175</sup> Para ampliar o debate a cerca do termo “popular” sugerimos a leitura de Arantes (2012), Chauí (2007) e Funari (2010).

mais realistas e menos mecanicistas, ampliando assim o campo da indeterminação, sem necessariamente rejeitar as elaborações formalizadas” (LEVI, 1992, p. 159).

Não obstante os resmungos, a personagem Tia Nastácia ganha importância no enredo das histórias por meio da percepção dos demais personagens. Pedrinho, a título de exemplo, desconfiava que Tia Nastácia tivesse muita história para contar:

As negras velhas — disse Pedrinho — são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário das histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Tôdas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. **Quem sabe se tia Nastácia não é uma segunda tia Esméria?** (LOBATO, 1957, p. 4, grifos nossos).

As “negras velhas” brasileiras são conhecidas internacionalmente. A pesquisadora francesa Michelle Perrot<sup>176</sup> (1992), ao analisar as mulheres das classes populares do início do século XX, lembra a importância das tias Nastácias, Esmérias, Tiagas... Além de contadoras de histórias maravilhosas, essas mulheres passam adiante narrações da constituição do próprio país e de seu povo:

Pela sua irreverência, ironia e espontaneidade, a fala das mulheres é prenhe de subversão. Ela conserva esse no-que-me-diz-respeito, essa distância que permite que os humildes preservem sua identidade. Resgatem sua memória. **É também pelas — mulheres crepusculares — que se transmite, muitas vezes de mãe para filha, a longa cadeia de histórias de família ou aldeia. (...) As lembranças da escravidão, abolida apenas em 1888, persistem entre o povo brasileiro através das velhas avós.** (PERROT, 1992, p. 206-207, grifos nossos).

Merece nota o fato de que, em várias passagens do livro *Histórias de Tia Nastácia*, de Monteiro Lobato, Tia Nastácia perca traços de sua individualidade: ela passa a representar o povo<sup>177</sup>:

- Uma idéia que eu tive. **Tia Nastácia é o povo.** Tudo que o povo sabe e vai contando de um para o outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite de folclore que há nela. (LOBATO, 1957, p. 4, grifos nossos).

<sup>176</sup> *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* (1992).

<sup>177</sup> O termo “povo” surgiu no Império Romano. Diferente do vocábulo “plebe”, o “povo”, ou *populus*, nominava “o restante da população romana (...) formada por subalternos excluídos da cidadania. Pouco a pouco, foram adquirindo um nome próprio, “povo” (*populus*). Em grande parte, a história de Roma pode ser vista como uma luta pelos direitos sociais e pela cidadania entre aqueles que tinham direitos civis plenos e os demais grupos” (FUNARI, 2010, p. 50). Apesar de parecem sinônimos, esses termos eram utilizados de acordo com conceitos políticos distintos; ser do povo e ser da plebe era diferente. O povo era, em geral, representado como apolítico, acomoda-se, conforma-se com as decisões superiores. (FUNARI, 2010)

E o menino consegue. No entanto, em oposição aos vários enredos das histórias em que Dona Benta se propõe a contar histórias e ler, “bem do seu jeito”, por meio de uma tradução, quando Nastácia conta suas histórias, verifica-se que não utiliza apenas palavras suas, pois, profere “os causos” tais como os ouviu. Ela pode ser percebida como porta-voz das camadas populares e, algumas vezes, nem sabe explicar os acontecimentos ou reparar a falta de coerência:

- Que história de contar sete é essa? — perguntou Emília quando a negra chegou ao fim. Não estou entendendo nada.
- Mas isto **não é para entender**, Emília — respondeu a negra. É da história. Foi assim que minha mãe Tiaga me contou o caso da Princesa Ladrona, que **eu passo para diante do jeito que recebi**. (LOBATO, 1957, p. 29, grifos nossos).

Tia Nastácia não recebe muitos elogios durante as narrações de suas histórias; pelo contrário, por vezes, é duramente criticada pelas narrativas pouco convincentes segundo a percepção dos demais personagens. Os ouvintes classificam as histórias como incoerentes e com enredos mal desenvolvidos:

- Sim — disse Dona Benta. Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda (LOBATO, 1957, p. 29).

-----

É o que eu digo — ajuntou Emília. O povo, coitado, não tem delicadeza, não tem finuras, não tem arte. É grosseiro, tosco em tudo que faz. Êste livro vai ser só das histórias populares do Brasil, mas depois havemos de fazer um só de histórias compostas por artistas, das lindas, cheias de poesia e mimos — como aquela do Príncipe Feliz, do tal Oscar Wilde, que Dona Benta nos leu. Aquilo sim. Até deixa a gente leve, leve, leve, de tanta finura de beleza! (LOBATO, 1957, p. 63).

O encanto pela categoria denominada povo desaparece ao terminar a primeira narrativa. O folclore revela-se como um conjunto de histórias antigas e mal contadas que foram modificadas ao longo do tempo, e sem compromisso com a coerência, já que eram modificadas por sujeitos que não tinham acesso à escola, nem acesso aos livros, e apenas administravam as narrativas a partir de uma visão menos culta. É assim, pelo menos, que o discurso das crianças e de Dona Benta faz parecer. Em acréscimo, podemos entrever por esses termos o tom de “inferioridade” sugerido no material literário e corroborado em reflexões filosóficas:

(...) que o ‘povo’ tem um código perceptivo e linguístico restrito (eufemismo para encobrir palavras como inferior, pobre, estreito), pois tomamos nossos próprios códigos como paradigmas e somos incapazes de apreender a diferença de um outro código, conciso pela fala e expressivo pelo gesto, marcado pela fadiga, por uma relação com o trabalho na forma do cansaço, numa exaustão que determina a maneira de designar o espaço e de viver o tempo. Porque já ‘sabemos’ o que é a consciência de classe ‘correta’, tudo o que escapa ao nosso ‘saber’ serve apenas para afirmarmos a existência da alienação ali onde certamente não se encontra.(CHAUI, 2007, p. 56-57).

Alienação que aludida pela filósofa pode ser superada pelo saber, pela ciência. Ademais, essa era a principal diferença entre essa avó e seus netos, na infância<sup>178</sup>. A própria Nastácia, que pouco sabe das matérias científicas, aponta o excesso de livros como a causa do “topete” das crianças, principalmente de Emília<sup>179</sup>. No entanto, ao mesmo tempo em que reconhece a diferença entre seu modo de saber e os dos outros, a personagem parece reforçar as relações de poder como justa, pois eles sabem e ela não:

Essa representação é extremamente ambígua, como sempre acontece com as representações dominadas, pois indica consciência de uma exclusão e, ao mesmo tempo, a legitimação da diferença entre os membros da mesma sociedade, como se a representação que o dominante possui de si fosse reproduzida pelo dominado, mas não sem a percepção difusa de que sob a diferença esconde-se, pelo menos, a injustiça. (CHAUI, 2007, p. 58)

No entanto, chama-nos a atenção o fato de que “esses objetos e modos de pensar considerados simplórios, rudimentares, desajeitados e deselegantes [sejam] os que reproduzimos religiosamente em nossas festas e comemorações nacionais” (ARANTES, 2012, p.15) até os dias atuais e que alguns dos personagens, como a Cuca e o Saci, recebam destaque nas produções literárias de Monteiro Lobato.

O texto de Lobato parece contraditório em alguma medida. Indica ressalvas sobre a questão educacional<sup>180</sup> e assinala que nem tudo dependia do querer individual. Era preciso ter

<sup>178</sup> A avó percebe diferenças entre sua infância e a de seus netos: “- Bom — disse Dona Benta. O que estou observando é que as crianças de hoje são muito mais exigentes do que as antigas. Eu, quando era pequenina, ficava deslumbrada quando ouvia histórias como esta. Hoje está tudo diferente. Em vez de meus netos deslumbrarem-se, metem-se a criticar, como se fossem uns sabiozinhos da Grécia...” (LOBATO, 1957, p. 105).

<sup>179</sup> Nas palavras de Tia Nastácia: “- Emília já disse que a culpa é sua, Sinhá. A senhora vive ensinando tantas coisas dos livros que eles acabam sabidões demais. Eu até fico tonta de lidar com essa criança. Às vezes nem entendo o que me dizem. Ontem o Visconde veio para cima de mim com uma história de ‘rocha sedimentária’, ou coisa assim, que até eu tive de tocar êle lá da cozinha com o cabo da vassoura. Já não percebo nem uma isca do que o Visconde diz...” (LOBATO, 1957, p. 15).

<sup>180</sup> Conforme analisamos em páginas anteriores, Lobato destaca nas histórias infantis analisadas – através da representação da personagem Dona Benta em algumas situações como uma professora – a importância de

sede de conhecimento, querer e buscar conhecimento nos livros. Em contrapartida, era necessário ser alfabetizado e ter poder aquisitivo para comprá-los:

O fato de antigamente ninguém saber ler vinha da impossibilidade de haver livros ao alcance da bolsa do povo. Se hoje, por um acaso, os livros subissem de preço, o povo rapidamente recairia na velha ignorância. Não basta querer ler, é preciso poder ler.

- Mas então querer não é poder, vovó? — perguntou Narizinho.

- Nem sempre. Por mais que um pobre diabo queira ir à lua, não fará essa viagem antes que haja uma linha de foguetes da Terra à lua. Assim também a humanidade com a leitura. Antes de aparecer a imprensa, isto é, antes de surgir a arte de produzir livros na maior quantidade e a preços baratíssimos, a pobre humanidade não podia ler — e quem não lê não se instrui, fica asno a vida inteira (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 219).

Como destacamos anteriormente, Tia Nastácia, sempre que havia oportunidade de crescimento intelectual, deixava passar a chance e não aproveitava o conhecimento à sua volta. Todavia, podemos fazer uma ressalva: por que dormia? Que interesse uma cozinheira teria em rochas sedimentares? No que os conceitos sobre geologia ajudariam/modificariam seus afazeres domésticos?

Se o assunto fazia parte de sua vida cotidiana, no entanto, mostrava-se bastante atenta e esperta:

No jantar daquele dia Pedrinho repetiu a história da água fóssil, que muito interessou Dona Benta. Ao ouvir falar em água salgada, tia Nastácia bateu palmas.

- Que bom! Se é salgada, a gente seca ela e faz sal — e fica livre das ladroeiras do Elias. Aquele centurião cobra Cr\$ 1,50 por um saquinho de sal que não dá para nada, o peste. (LOBATO<sup>6</sup>, 1957, p.120)

-----  
- O palmito acabou, Sinhá. Seu Pedrinho gastou ontem o último para fazer uma tal de bica d'água.

- Mande buscar meia dúzia no Elias Turco.

- O palmito do Elias é falsificado, Sinhá. Só casca. (LOBATO<sup>8</sup>, 1957, p. 11)

Visões de mundos diferentes, interesses diversos. E um subjugado ao outro pelas relações de poder entre os grupos sociais à época analisada. Enquanto Dona Benta sonha com os eletrodomésticos, Tia Nastácia, ao ver um porco ou ave, imagina-o em uma travessa decorada com ovos. Para a primeira, cabem a sala, a varanda e o laboratório; para a segunda, a cozinha:

Dona Benta olha e diz:- Tia Nastácia, a prima Dodoca vem jantar hoje aqui. Acho bom pegar 'aquele um!' e aponta para o coitado.

A negra vai ao paiol, toma uma espiga de milho e grita no terreiro — xuque, xuque, xuque!

Os bobinhos ouvem e vêm correndo atrás do milho que ela começa a debulhar, e comem, comem, comem. De repente a malvada se abaixa e — nhoque! Segura pela perna o tal “aquê um”. E pode o coitadinho espernear e berrar quanto queira! Não tem remédio. Vai arrastado para a cozinha, onde é assassinado com uma faca de ponta.

E se fosse só isso! Depois de assassinado é pelado com água fervendo, é destripado, temperado e, afinal, assado ao forno. (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 77)

Conforme as análises anteriormente desenvolvidas, a modernidade não estava ao alcance de todos: as cozinhas amplas e ventiladas com fogões elétricos, geladeiras e bateadeiras eram raridades.

Nos anos 1920-30, na maioria das casas, a cozinha estava longe das estampadas nas revistas:

Muitas cozinhas permaneceram até meados do século como um apêndice da casa, um puxado coberto por telhas-vãs, voltado mais para o quintal do que propriamente para o interior da residência. Além de ser o local onde eram pelados diferentes produtos, preparados os alimentos e lavada a louça, a cozinha era também onde se guardava a bacia para banhos e se fervia a água, banhavam-se as crianças, passava-se a roupa e onde, em muitas casas, as empregadas dormiam sobre esteiras. Ali era realizado um trabalho cansativo, demorado e sujo, seja pela preparação dos pratos, seja pela limpeza das panelas engorduradas e enegrecidas pela fuligem. Basta tomar como exemplo o consumo de aves. Antes da popularização da geladeira, mesmo nas casas mais ricas, sobrevivia o costume ancestral de manter galinheiros, onde eram criados frangos, patos e perus (MALUF; MOTT, 2008, p. 412-413).

E como Tia Nastácia fazia para limpar “as panelas engorduradas e enegrecidas”? Como muitas outras empregadas domésticas de seu tempo, produzia sabão, seguindo o versinho:

Azeite e água brigaram  
Certa vez numa vasilha.  
Vai tabefe, vem taponá,  
Sôco velho ali fervilha.  
Eis, porém, que a separá-los  
A potassa se apressou.  
Todos três se combinaram,  
O sabão daí dotou.

**Aí está a receita que até a tia Nastácia usa quando faz o que ela chama “sabão de cinza”.**

- Ela não, vovó — protestou Narizinho. **Tôda gente na roça diz assim.**
- Pois é isso. Primeiro, tia Nastácia leva uma porção de tempo juntando as cinzas que se acumulam no fogão. Depois enche um barril, aperta bem a cinza e despeja a água em cima. A água atravessa a cinza e vai dissolvendo a potassa nela existente — e sai pelo fundo do barril sob forma dum caldo preto, que tia Nastácia chama ‘decoada’.
- **Não só ela que diz decoada, é todo mundo, vovó** — insistiu a menina. (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 55, grifos nossos).

De um longo processo que culminava na substância decoada, Tia Nastácia fazia dois tipos de sabão: um mole e outro duro ou de corte. O segundo tipo é citado também pelas pesquisadoras Maluf e Mott (2008, p.413, grifos nossos):

Para a limpeza das panelas e frigideiras de ferro, pedra, barro, cobre e, modernamente, alumínio, consideradas mais econômicas e higiênicas, utilizava-se **sabão feito em casa com uma mistura de cinzas e folha de pau de pita.**

A passagem sublinhada no fragmento acima leva a crer que a personagem Narizinho estava correta: a receita era conhecida por muitos. O mesmo acontecia com as produções culturais: fossem os contos tradicionais ou as novíssimas películas cinematográficas, havia “roteiros” a serem seguidos, a reprodução de uma narrativa uniforme:

- Sim — disse Dona Benta. Também eu não encontro grande riqueza de imaginação no nosso povo. As histórias que por aí correm de fato se repetem, parecendo ser todas do mesmo ciclo. (...) Quando há uma idéia central e em redor dela surgem muitas histórias parecidas umas com as outras, dizem os sábios que elas pertencem ao mesmo ciclo. Na Europa houve, na Idade Média, o ciclo das histórias da Rapôsa. Houve também o ciclo das histórias do Rei Artur. O povo encanta-se com uma idéia e vai tecendo variantes em torno.

- No cinema de hoje noto a mesma coisa — disse Pedrinho. Sempre que aparece uma fita original, todas as companhias se aproveitam da idéia e dão fitas sobre o mesmo tema. Até enjoo a gente essa repetição. (LOBATO<sub>2</sub>, 1957, p. 42)

Através do exemplo cinematográfico, podemos concluir que esse não era um movimento restrito ao âmbito nacional. A pesquisadora Marilena Chaui (2007, p. 99) contribui com o exame, ao ratificar que a “cultura popular” ultrapassa as barreiras nacionais:

(...) o popular não está determinado apenas pela cultura nacional-local, mas possui uma universalidade própria, desconhecendo fronteiras. Afirma ainda que muitas obras estrangeiras são populares enquanto conservação épica, trágica ou cômica de tradições remotas ou recentes, de modo que o popular, além de não se confinar às fronteiras do espaço, também não é limitado por fronteiras temporais — nem o espaço geográfico da nação nem o presente nacional circunscrevem inteiramente o popular

No entanto, se em alguns momentos “as tias nastácias” seguiam modelos culturais estrangeiros, por outras vezes seus repertórios eram limitados desde a infância, visto que, como ex-escravas, raramente frequentavam escolas e aprendiam a ler e escrever, o que se confirma nos dados de recenseamento de 1872, momento em que a escravatura não havia sido abolida:

Os primeiros dados sobre instrução mostram enormes carências nessa área. Em 1872, entre os escravos, o índice de analfabetos atingia 99,9% e entre a população livre aproximadamente 80%, subindo para mais de 86% quando considerarmos só as mulheres. Mesmo descontando-se o fato de que os percentuais se referem à população total, sem excluir crianças nos primeiros anos de vida, eles são bastante elevados. Apurou-se ainda que somente 16,85% da população entre seis e quinze anos frequentavam escolas. Havia apenas 12 mil alunos matriculados em colégios secundários. Entretanto, calcula-se que chegava a 8 mil o número de pessoas com educação superior no país. Um abismo separava, pois, a elite letrada da grande massa de analfabetos e gente com educação rudimentar. (BIGNOTTO, 2011)

Dona Nene, uma ex-escrava que trabalhava para a viúva do Rocha<sup>181</sup>, era uma dessas milhares de mulheres analfabetas. Ela aparece em muitas das cartas de Monteiro Lobato, justamente pelo aspecto cômico de suas ações e falas:

(...) Dona Nene continua a burrice de sempre. Diz coisas que nem criança diz. Hontem aquela ema que há em qualquer casa lá dos lados do empório deu aqueles gritos do costume, na hora em que se estava tomando café. E ela: ‘Aquele lugar deve ser bom para criar galinha.

Na noite do Blackout ele morreu de medo dos ladrões. Deitou-se e trancou-se no quarto às seis horas e fez que Marta fechasse a porta da rua a chave. ‘Medo de que, dona Nene?’ perguntei. ‘É que de repente dão algum tiro por ai.’ A gata é duas vezes mais inteligente. (LOBATO, 193-)<sup>182</sup>

-----

Aqui aquela vidinha de sempre. D. Nene cada vez mais tapada. Vendo pacote de 10 chaves que a Editora me mandou, sabe o que ela disse, depois de examinar os livros? ‘Por isso o senhor fica o dia inteiro na maquina — e como sabe fazer tantos livros um igualzinho ao outro.’ Ela pensa que eu faço os livros um por um...(LOBATO, 193-)<sup>183</sup>

No que diz respeito à representação das mulheres negras nas cartas e literatura infantil de Lobato, percebe-se que existe, por vezes, a descrição delas como inferiores, sobretudo pela falta de saber. No entanto, Lobato referia-se também a homens e mulheres brancas como “ignorantes”. Durante algum tempo caboclos e caipiras paulistas também foram criticados por meio de sua escrita ácida, assim como os mineiros:

De lá (Capital Paulista) fui para Minas. Essa está ainda dormindo. Avalie que a mentalidade dominante é a de um messianismo de um século atrás. (LOBATO, 1922)<sup>184</sup>

<sup>181</sup> Nas cartas de Lobato não encontramos o nome da viúva.

<sup>182</sup> Trecho de carta escrita por Monteiro Lobato para sua esposa Purezinha. CEDAE-IEL/UNICAMP. Ref: MLb 3 1 00183

<sup>183</sup> Trecho de carta escrita por Monteiro Lobato para sua esposa Purezinha. CEDAE-IEL/UNICAMP. Ref: MLb 3 1 00181

<sup>184</sup> Carta de Monteiro Lobato a Anísio Teixeira. 28-06-1922. CPDOC / FGV. Ref: AT c 1928.06.22.

Embora existam relações de discriminação pertinentes à raça naquele contexto em que viveu Lobato, a maior dificuldade do escritor parece ser lidar com o atraso científico do país. Ele queria varrer do solo brasileiro a falta de conhecimento; queria o progresso, e grande parte das limitações para que as mudanças fossem implementadas acabava recaindo na multidão analfabeta, que, em sua maior parte, era negra.

Como o próprio autor aponta em seu texto, a mentalidade humana não evoluía na mesma velocidade que a tecnologia. Lobato parece ser a prova disso: estava à frente de seu tempo em muitos aspectos, inclusive no que diz respeito à figura feminina, mas ainda guardava ranços da sociedade escravocrata em que nasceu.

### 3 LÚCIA E EMÍLIA: A PRIMEIRA MENINA DO MUNDO E SUA BONECA DE CARNE E OSSO

Narizinho eu quero muito bem, porque é uma espécie de minha mãe. Brigamos bastante, é verdade, e ela implica deveras comigo quando “me excedo”. Mas já vi que briga é prova de amor. Quem não ama não briga. Gosto dela no fundo do coração, e não admito que haja outra menina que a valha. Nem Alice. Nem Capinha Vermelha. Para mim, a primeira menina do mundo é Narizinho. (LOBATO<sub>10</sub>, 1957, p. 145-146)

Narizinho é considerada no fragmento acima a primeira menina. Se não do mundo, ao menos do Sítio do Picapau Amarelo, já que a boneca Emília só alcançou tal patamar ao longo das aventuras escritas por Monteiro Lobato. No início das aventuras do sítio, Emília era uma boneca de macela que não falava e, se tinha pensamentos, não se podia conhecê-los.

No entanto, sua transformação em boneca com características humanas se deu rapidamente: se, nas *Reinações de Narizinho*, não se encontram passagens de sua total transformação em personagem de “carne e osso”, fica claro que ela já havia desenvolvido o pensamento e não somente a fala, pois apontava alguma “independenzinha”<sup>185</sup>. Emília é educada ao lado da menina Lúcia — e, muitas vezes, pela própria garota —, que lhe ensina, por exemplo, como se portar na presença de convidados. Além disso, as maneiras de se vestir e falar também são recomendações feitas constantemente a Emília por Narizinho (Lúcia). Para receber os convidados do Reino do Faz-de-conta deve-se, por exemplo, ter a casa limpa, e, é igualmente necessário cuidar de seu próprio asseio e vestuário:

A boneca estava num grande assanhamento a varrer, com pincel de goma arábica que lhe servia de vassoura, um lugar do chão que o Visconde sujara de verde com seu bolor. Narizinho implicou-se.  
- Chega, Emília! Assim você fura o assoalho de vovó. Antes vá tomar banho e vestir aquele vestido côr do pomar com tôdas as suas laranjas. Ponha ruge, não esqueça. Está um tanto pálida hoje (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p.175).

<sup>185</sup> No primeiro livro da série do Sítio do Picapau Amarelo, *Reinações de Narizinho* (1931), apesar de a boneca ser muitas vezes comparada aos humanos pelos demais personagens que se encantam e se surpreendem com suas atitudes, ainda não é confirmada sua transformação total em personagem com características humanas. No entanto, sua metamorfose é comprovada em outros livros, como em *O Poço do Visconde* (1937). Veja-se o trecho em que Dona Benta pensa sobre o mistério que envolve a boneca: “Todos ainda a tratavam de boneca, por força do hábito apenas, porque na realidade **Emília era gente pura, de carne. Fazia tudo que as gentes fazem – comia com ótimo apetite, bebia, pensava, tinha um coraçãozinho lá dentro, e alma e tudo.** Como explicar êste mistério, esta transformação duma feia boneca de pano em gente?” (LOBATO<sub>6</sub>, 1957, p. 134) (grifos nossos)

Conselhos que, na maior parte das vezes, obedecem às prescrições possíveis de serem encontradas em manuais e regulamentos pedagógicos e médico-higienistas à época e, outras vezes, em dicas de revistas e manuais de educação feminina: varrer a casa, tomar banho todos os dias, colocar roupas limpas e passar ruge eram etapas a serem seguidas pelas senhoras das camadas médias e altas, que iriam receber convidados ou não<sup>186</sup>.

Mas, se Narizinho, em alguns momentos, é quem ampara e aconselha a menina-boneca Emília, há situações em que também precisa ouvir as recomendações de sua avó e de tia Nastácia. As suas brigas com Emília, a Marquesa de Rabicó, são provas de que ama a amiga, mas também de que ainda é criança. Afinal:

(...) a vida do homem na Terra tem sido uma luta constante entre os povos. Mas sabe a razão disso? Criançice. Falta de juízo que só a madureza traz. A humanidade é ainda muito criança. Está ainda no período dos meninos de escola que depois das aulas vêm para a rua engalfinhar-se pelos motivos mais fúteis. Por que é que gente grande não briga na rua? Porque tem juízo, apenas por isso (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 313).

Narizinho é uma menina em vias de se tornar moça, uma irmã mais velha para Emília. Ela ainda brinca no pomar e recebe a visita das princesas encantadas. Todavia, já auxilia nos afazeres domésticos e treina seus “instintos maternos”, cuidando da pequena boneca. Ela cozinha, trepa nas árvores e usa seu “meio palmo” de língua para responder os que estão à sua volta. Ela é representada, pois, como uma menina-moça, tal como descreve Machado de Assis em seu poema:

Está naquela idade inquieta e duvidosa  
Que não é dia claro e já o alvorecer  
Entre-aberto botão, entre-fechada a rosa  
*Um pouco de menina e um pouco de mulher.*  
(apud: GIRAUD, Mad, 1947, p. 12, grifos nossos).

Outra característica que denuncia as inconstâncias da menina que atravessa significativo período de transformações é o de ainda sofrer o “efeito da presença”, ou seja, por ainda não ter definido seu caráter. Merece nota o fato de modificar suas atitudes diante dos familiares mais velhos, comportar-se melhor na frente da avó, ao passo que, longe dela, continua a fazer travessuras. Interessante observar que mesmo o conceito utilizado para

---

<sup>186</sup> Para ampliar o debate sobre os manuais e regulamentos escolares de cunho médico-higienista, consultar o artigo de José Cláudio Sooma Silva, intitulado *O aprendizado de cada dia: a educação primária carioca e os investimentos nos mandamentos higiênicos nos anos 1920* (In: LOPES, Sonia de Castro e CHAVES, Miriam Waidenfeld, 2012). Além da exposição teórica sobre os princípios da educação e instrução pública, o pesquisador transcreve de alguns periódicos e regulamentos escolares os mandamentos higienistas dirigidos aos estudantes.

explicitar o comportamento das crianças por parte das personagens pautava-se em base científica:

- Mistérios da natureza, meu filho. Há um fenômeno químico muito interessante, que se chama Catálise, ou ação de presença. A simples presença do dióxido ao lado do clorato faz que o oxigênio dêste se desprenda mais depressa. O dióxido só influi pela presença.
- Essa ação da presença – disse Narizinho – é muito comum na vida. A sua presença, por exemplo, vovó, faz que as criaturas se comportem de outra maneira – sobretudo a Emília. Assim que a senhora sai, ela vira outra...
- E você também – protestou Emília. Você é uma na frente de sua avó e outra longe – pensa que não sei? (LOBATO<sup>3</sup>, 1957, p.19).

Apesar de Narizinho apontar as mudanças de comportamento de Emília, a menina-boneca parece estar certa em seu julgamento – Narizinho também "se transforma" na frente de Dona Benta. Nas histórias analisadas, percebe-se que a menina mais velha é quem sofre mais esse efeito. Emília diz suas "asneiras", briga com os outros, mesmo com Dona Benta por perto, tanto que, a todo o momento, a avó e Tia Nastácia comentam as ações da boneca e reclamam de sua insolência. Por sua vez, Narizinho, que recrimina os modos da boneca, também resolve seus problemas de modo implicante e por meio de pequenas vinganças quando elas estão sozinhas. Mas, por que denunciar os defeitos de Emília? Que função esta estratégia desempenha nos enredos de modo recorrente? Observa-se que as duas personagens disputam a atenção da avó e, por essa razão, muitas vezes implicam uma com outra. O trecho a seguir constitui um exemplo:

- Conta-se que um dia, quando ainda meninos, Cornélia recebeu a visita duma orgulhosa dama, a qual, depois de lhe mostrar tôdas as preciosas jóias que trazia no corpo, pediu para ver as de Cornélia. Cornélia chamou os dois filhinhos, Tibério e Caio e apresentou-os à dama emproada, dizendo: 'Eis as minhas jóias'.
- Aposto que vovó faria o mesmo – disse Narizinho – se alguém lhe pedisse para ver as jóias...
  - Está claro, minha filha. Vocês são as minhas jóias.
  - E eu? – reclamou Emília.
  - Você não é neta de vovó – disse Narizinho. Não é jóia nenhuma...
- Emília fêz bico, mas Dona Benta consolou-a.
- É, sim, Emília. Você é minha jóia número 3. E o Visconde é a quarta (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 111-112).

Apesar das observações elencadas, Narizinho mostra-se mais madura na maior parte das situações, ao obedecer aos impulsos morais, que, nos anos 1920-1930, emergiam

diretamente ligados à missão da maternidade<sup>187</sup>. Segundo o ideário dominante, a representação de Narizinho conformava-se à tradição feminina, segundo a qual devia cumprir a função de cuidar e de amparar nas circunstâncias as mais diversas:

- Eu aqui não fico sózinha!...
  - Por que, sua enjoada? Tem medo que o leitão venha espiar êsses cambitos magros?
  - Espiar não é nada, mas êle é capaz de me comer. Tia Nastácia diz que Rabicó devora tudo o que encontra.
  - Nesse caso, penduro você na árvore.
  - Isso também não! – protestou Emília. Alguma vespa pode me ferrar.
  - Bôba! Não sabe que vespa não ferra pano?
  - Mas se eu cair com o vento?
  - Grande coisa! Boneca de pano quando cai não se machuca. Eu é que não posso ficar nesse sol tirano à espera de que a excelentíssima Senhora Condessa de Três Estrelinhas, seque! Quem mandou molhar-se?
  - Mal agradecida! Se não fosse a minha molhadela você não comia a traíra.
  - Está pensando que era uma grande coisa a tal traíra? Só espinho...
  - É, mas você comeu-a com espinho e tudo – e até lambeu os beiços.
  - Lábios, aliás. Beiço é de boi. Comi porque quis, sabe? Não tenho que dar satisfações a ninguém, ahn! e Narizinho pôs-lhe a língua.
- Emburraram ambas. Narizinho, porém, ficou, porque lá no íntimo estava com receio de deixar a boneca sozinha (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 43).

Apesar de estar insatisfeita com Emília e respondê-la com má vontade, em seu íntimo, como que acima de suas razões, parecia projetar o sentimento de proteção. Isso porque, como propagavam alguns psicólogos e intelectuais religiosos do período:

(...) a mulher é fundamentalmente mãe, mãe por natureza e mãe por vocação, mãe do corpo e mãe do espírito, mãe dos indivíduos e mãe das sociedades. A sua constituição, a sua psicologia, o cunho característico da sua inteligência e a admirável harmonia dos seus sentimentos talharam-na para a maternidade (FRANCA<sup>188</sup>, 1954, p.281).

Em realidade, observam-se duas crianças aprendendo e tornando-se mulheres, educando-se e fortalecendo suas identidades de gênero. Por vezes, segundo marcas rígidas e conservadoras, e, em outros momentos, regidas por preceitos modernos e modificadas pelos artefatos tecnológicos. De tal modo, por compartilharem tantas experiências, em um primeiro momento, foi difícil escolher o método de análise: se, ao buscar a representação feminina das personagens adultas, têm-se dois perfis bem distintos — pois as vivências sociais, econômicas e educativas habilitavam-nas para o desenvolvimento de atividades diferentes – na maioria

<sup>187</sup> Segundo Guacira Lopes Louro (1997), nas primeiras décadas da República brasileira, o “ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas” (In: DEL PRIORE, 1997, p. 447)

<sup>188</sup> O Padre Leonel Franca, como citado no capítulo anterior, é um intelectual representante das diretrizes cristãs no debate da educação (SOUZA, 1995).

das vezes, essas meninas aparecem associadas . Auxiliam-se, compartilham as situações e os diálogos que envolvem uma delas; quase sempre apresentam as vontades e as visões uma da outra:

Naquele tempo havia uma lei punindo com pena de morte quem cortasse uma cerejeira. Pois bem, quando seu pai chegou e perguntou: ‘Quem cortou a cerejeira?’ o bom menino não vacilou na resposta. ‘Não sei mentir, meu pai. Fui eu’ – disse êle. Faria você o mesmo Pedrinho?

- Eu... eu... gaguejou Pedrinho.

- Não minta! Faça como Washington. Não minta!

- Eu... eu não sei, vovó. As coisas dependem das circunstâncias. Tudo depende.

- Pois eu mentia! – declarou a boneca. Se essa tal terra tinha essa tal lei mandando matar quem cortasse essa tal árvore, eram todos uns grandes idiotas, e bem merecedores de que a gente lhes mentisse na cara com todo caradurismo. Eu mentia!

- E você, Narizinho?

- Comigo não era possível acontecer nada, pois em caso nenhum eu iria cortar uma cerejeira. Se vivo plantando sementes de árvores aqui no sítio, por que iria destruir uma já grandinha? (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 275-276).

No trecho acima, por exemplo, o debate torna-se mais rico na contraposição das opiniões de cada criança. Enquanto Pedrinho embarça-se em pensar ou assumir uma posição, Emília admite que mentiria, contrariando uma das muitas regras da boa educação: a honestidade. Ela ultrapassa os limites das convenções sociais - para Emília, certo e errado são conceitos ambivalentes – e faz perguntas que não eram recomendadas nem aos adultos: todas as leis são justas? Todas devem ser respeitadas? Em alguns casos a mentira é necessária e produz resultados positivos? Ao passo que Narizinho sequer titubeia. A menina estaria acima da visão das outras crianças e não hesita em dar a resposta , pois, além de não infringir a lei, ainda cultivava novas árvores.

Assim, ao mesmo tempo que avaliamos a importância de traçar e identificar as características de cada uma, Lúcia e Emília, o que permite encontrar diferentes práticas e reflexões para os mesmos problemas do período histórico brasileiro dos anos 1920 e 1930, ao investigarem-se alguns temas, é necessário ainda acompanhar o seu desenvolvimento.

Definiu-se , pois, como um tema de relevância para este estudo a vivência das meninas no quesito casamento; e considerou-se que a análise do evento, separando as representações acerca da noiva Emília e de sua “mãe”, Narizinho, prejudicaria o debate. Nesse sentido, o terceiro capítulo será subdividido em quatro partes: esta breve introdução; a análise do perfil feminino de cada uma das personagens (Lúcia e Emília); as anotações sobre a instituição do casamento.

### 3.1 Narizinho: uma menina na medida de seu tempo.

Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem 7 anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer bolinhos de polvilho bem gostosos. Na casa ainda existem duas pessoas – tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós prêto e sobrelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira.

*LOBATO, 1957, p.3*

Lúcia é representada como uma menina encantadora. Suas histórias mirabolantes preocupam e despertam a curiosidade dos adultos à sua volta, e reveste-se de tamanha imaginação que materializa os reinos mágicos, com eles se relaciona e dá a conhecer aos adultos seres mitológicos e personagens de contos populares. A menina de sete anos, que possui a chave dos mundos fantásticos e não larga sua boneca, em outros momentos mostra-se bastante racional e amadurecida: faz bolinhos de polvilho, elabora críticas a governos que se empenham em aumentar o poderio bélico, resolve cálculos matemáticos rapidamente e, até mesmo, negocia a venda do petróleo encontrado no Sítio do Picapau Amarelo.

Nessa perspectiva, percebe-se uma inconstância de comportamentos, que pode se configurar como um indício da transição pela qual Narizinho passa, ao transpor o período da infância para a adolescência.

De acordo com Alceu Amoroso Lima<sup>189</sup> (1938), um influente intelectual católico com atuação destacada nos anos 1930, o período que compreende dos 7 ao 18 anos é a “mais

---

<sup>189</sup> Alceu Amoroso Lima, formado em direito, dedicou-se ao magistério e à crítica literária. Participou ativamente do movimento de renovação católica no período analisado, 1920 -1940, como editor da revista *A Ordem* e fundador da Ação Católica Brasileira (ACB) e a Liga Católica Eleitoral (LCE). Para aprofundar o debate consultar (CURY, In: FAVERO e BRITTO, 1999).

antipática, mas também a mais misteriosa das idades do homem”(p.120). Lúcia atravessa essa idade e sua companheira Emília torna-se o principal alvo da suposta antipatia:

- Uf! – exclamou. Escapamos de boa! Continuemos a nossa viagem, Emília, e tratou de montar novamente. Um, dois, três – Upa! Montou. Emília também – um, dois, três... e nada! Não conseguiu montar.  
 - Ai! – gemeu sacudindo a perninha saqueada. Não posso andar, nem montar com esta perna vazia!...  
 Apesar do triste da situação, Narizinho espremeu uma risadinha.  
 - Malvada! – exclamou Emília chorosa. Salvei-a da morte à custa da minha pobre perna e em paga você ri-se de mim... (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p.59)

Compreende-se o “mistério” atribuído a essa faixa etária como uma referência à espontaneidade das ações dos indivíduos que por ela transitam; por vezes inadequada, como ao achar graça de alguém machucado e, por outras, filosóficas, na compreensão dos mecanismos políticos, sociais e econômicos que regem a vida humana:

Mal se pilhou de novo em Roma, organizou uma boa esquadra e veio dar caça aos ladrões, conseguindo capturá-los a todos e levá-los para a terra, onde foram postos na cruz. Era êsse o modo de Roma tratar os ladrões.  
 - Interessante! – exclamou Narizinho com ironia. Um castigo tão horrível para os que roubavam no mar um bocadinho do colosso que êles roubavam em terra na pilhagem dos outros povos! A mesma coisa é crime se feita em ponto pequeno; e é a glória se feita em ponto grande...  
 - O mundo é isso mesmo, minha filha, sempre foi e talvez continue assim. Essa indignação que você sente é própria da idade. Quando crescer de acostumar-se e achar tudo muito natural. É a vida. (LOBATO<sub>5</sub>, 1957, p. 114)

Isso porque a criança de sete anos começa a estruturar sua individualidade, a diferenciar o mundo de seu eu, a compreender seus sentimentos e, conseqüentemente, suas relações com o outro se modificam, perde-se a ingenuidade de antes. Esse momento de crise<sup>190</sup> é que lhe propicia o estranhamento, a descoberta das ambivalências sociais e o início do reconhecimento dos valores e poderes que os sustentam. Nas palavras de Vigotsky (2006, p.385-386)<sup>191</sup>:

<sup>190</sup> Segundo Vigotsky, “aos sete anos se forma na criança uma estrutura de vivências que lhe permite compreender o que significa ‘estou alegre’, ‘estou aborrecido’, ‘estou cansado’, ‘sou bom’, ‘sou mau’, quer dizer, nela surge a orientação consciente de suas próprias vivências. [...] As vivências adquirem sentido (a criança aborrecida é consciente de seu aborrecimento). Devido a isto se formam relações novas da criança consigo mesmo, antes impossível pela não generalização das vivências. [...] Nas crises dos sete anos se generalizam pela primeira vez as vivências ou os afetos, aparece a lógica dos sentimentos” (VIGOTSKY, 2006, p. 380).

<sup>191</sup> *La crisis de los siete años* e outros estudos escritos por Vigotsky entre os anos de 1932 -1934 foram lançados recentemente em espanhol na coleção Obras Escogidas (2006).

A reestruturação de necessidades e motivos, a revisão de valores, é o momento essencial na passagem de uma idade para outra. Ao mesmo tempo se modifica também o meio, é dizer, a atitude da criança ante o meio. Começam a interessar-lhes coisas novas, surgem novas atividades e sua consciência se reestrutura, se entendermos a consciência como a relação da criança com seu meio.

Narizinho, experimentando os sentimentos de aprovação e desaprovação, torna-se mais suscetível aos acontecimentos e reage às falas e às ações dos outros de maneiras diferentes daquelas que seriam recomendadas nos manuais de civilidade: revolta-se e aprova a revolta alheia<sup>192</sup>; “curte” suas dores<sup>193</sup>; defende seus pontos de vista e as personagens que são seus modelos:

Ah, por que (Dona Carochinha) foi dizer aquilo? Ouvindo chamar Dona Benta de velha coroca, Narizinho perdeu as estribeiras.

- Dobre a língua! – gritou vermelha de cólera. Velha coroca é vosmecê, e tão implicante que ninguém mais quer saber das suas histórias emboloradas. A menina do narizinho arrebicado sou eu, mas fique sabendo que é mentira que eu haja desencaminhado o Pequeno Polegar, aconselhando-o a fugir. Nunca tive essa ‘bela ideia’, mas agora vou aconselhá-lo, a êle e a todos os mais, a fugirem dos seus livros bolorentos, sabe? (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 11-12)

-----

- Tia Nastácia! – exclamou o médico escandalizado. Com certeza é alguma curandeira vulgar! Macela! Alguma mezinha vulgar também! Ó, santa ignorância! Admira-me ver uma princesa tão ilustre desprezar assim a ciência de um verdadeiro discípulo de Hipócrates e entregar a condessa aos cuidados dum reles curandeira!...  
- Reles curandeira? – exclamou a menina indignada. Chama então Nastácia de reles curandeira? Se tem algum amor à casca retire-se, Senhor Cascudo, antes que eu faça o que fiz para a tal Dona Carochinha. Reles curandeira! Já viu, Emília, um desafio maior? (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 63)

Para defender Dona Benta e tia Nastácia, a menina Lúcia se contrapõe às lições de recato, humildade e acanhamento passadas aos indivíduos, em especial do sexo feminino, a partir de meados do século XIX, como, por exemplo, aquelas registradas no *Código do Bom Tom*, escrito pelo cônego J.I. Roquette em 1845, e que foi amplamente divulgado no Brasil.

Em 1900, o *Código de Bom Tom* já alcançava sua sexta edição e, nos anos 1920 e 1930, era utilizado nas escolas de formação de professores, juntamente a outros tratados de civilidade e etiqueta, que tinham por objetivo educar os corpos e as mentes dos brasileiros

<sup>192</sup> Ao saber da fuga do Gato de Botas, “Narizinho gostou tanto daquela revolta que chegou a bater palmas de alegria, na esperança de ainda encontrar pelo seu caminho algum daqueles queridos personagens.” (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 11).

<sup>193</sup> Refere-se ao trecho da primeira aventura de Lúcia, quando a menina é picada por uma vespa enquanto degustava jabuticabas: “Narizinho curtiu a dor por alguns minutos, de língua inchada e olhos vermelhos, soluçando de vez em vez. Depois que a dor passou, foi contar à boneca tôda a história.” (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 35).

para a vida nas cidades.<sup>194</sup> Nesse sentido, a Primeira República reorganizava o espaço público e disseminava a seus transeuntes os imperativos da ordem e urbanização:

Os possíveis sentidos que podem ser atribuídos à palavra urbanidade (civildade, cortesia, afabilidade, respeito, tolerância, abdicção de interesses pessoais diante dos coletivos) remontam, muito mais, a uma predisposição dos sujeitos para autodisciplinarem e /ou autorrefletirem os seus atos antes de praticá-los. Portanto, evocar os ideais de urbanidade significa enfatizar as circunstâncias internas de autocontrole que deveriam ser concretizadas nos momentos de sociabilidade, mesmo na ausência e /ou insuficiência de mecanismos externos de policiamento e fiscalização (SILVA In: LOPES; CHAVES, 2012, p. 56).

Como apontamos anteriormente, Narzinho ainda não havia adquirido totalmente o autocontrole: berrava, fazia bicos, distribuía sopapos e pontapés. No entanto, faz-se necessário destacar que, quando o fazia, tinha “bons motivos” e não era por simplesmente satisfazer seus caprichos, como acontece com Emília<sup>195</sup>. Narzinho defendia os parentes, os amigos e a natureza:

Nesse momento ouviu-se grande barulheira no corredor.  
 - Que será? – indagou a menina surpresa.  
 - É o papagaio que vem vindo – declarou o Doutor.  
 - Que papagaio, homem de Deus? Que vem fazer aqui êsse papagaio?  
 Mestre Caramujo explicou que como não houvesse encontrado suas pílulas mandara pegar um papagaio muito falador que havia no reino. Tinha de mata-lo para extrair a falinha que ia pôr dentro da boneca.  
 Narzinho, que não admitia que se matasse nem formiga, revoltou-se contra a barbaridade.  
 - Então não quero! Prefiro que Emília fique muda tôda a vida a sacrificar uma pobre ave que não tem culpa de coisa nenhuma.  
 Nem acabou de falar, e os ajudantes do Doutor, uns caranguejos muito antipáticos, surgiram à porta, arrastando um pobre papagaio de bico amarrado. Bem que resistia êle, mas os caranguejos podiam mais e eram murros e mais murros.  
 Furiosa com a estupidez, Narzinho avançou de sopapos e pontapés contra os brutos (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 26).

Contra os brutos, utilizou-se da força física. Nos casos em que não precisava ou estava impedida de agir imediatamente para fazer valer a *Lei de Talião*, pregava o “olho por olho, dente por dente”, planejando vinganças. No entanto, observa-se que nunca eram postas em prática. Lúcia, quando dispunha de tempo para refletir, conseguia dominar seus impulsos

<sup>194</sup> Para aprofundar questões sobre os manuais de civilidade e higiene que ajudaram a conformar a moral e as práticas da burguesia brasileira, consultar a produção bibliográfica do *Projeto de Pesquisa Tenha Modos! - Educação e Sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1845 -1960)*, coordenado por Maria Teresa Santos Cunha.(CUNHA, 2006)

<sup>195</sup> Os modos de agir e falar da personagem Emília serão abordadas na próxima sessão do capítulo.

coléricos.<sup>196</sup> A piedade, então, é uma de suas características marcantes, pois, além de perdoar seus ofensores, mesmo que depois de planejar maneiras de lhe pagarem suas faltas, também intercede por aqueles que haviam causado mal a outrem:

- Boa-noite, Major Agarra! Que gemidos tão tristes são êsses? Não está contente com a sua sainha nova?
- Não caçoe, menina, que o caso não é para caçoadas – respondeu o pobre sapo com a voz chorosa. O Príncipe condenou-me a engolir cem pedrinhas redondas. Já engoli noventa e nove. Não posso mais! Tenha dó de mim, gentil menina, e peça ao Príncipe que me perdoe.
- Tanta pena do sapo sentiu Narizinho que mesmo em camisola como estava foi correndo ao quarto do Príncipe, em cuja porta bateu precipitadamente – toque, toque , toque!...
- Quem é? – indagou de dentro o peixinho, que estava a despir-se de suas escamas para dormir.
- É Narizinho. Quero que perdoe ao pobre do Major Agarra (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 23).

Mesmo que Narizinho, como representante do sexo feminino, tivesse a constituição psicológica piedosa, caridosa e altruísta, que a impulsionava a socorrer aqueles que sofrem, pode-se suspeitar de que sua atitude não fosse aprovada por muitos intelectuais e educadores da “república civilizada”. Haveria motivo suficiente para tirar uma moça de seu quarto quando trajava apenas uma camisola? E se fosse para se apresentar ao quarto de um homem? Suspeitamos que não. Era preciso tomar cuidado com as vestimentas para ser respeitada na sociedade da época. Júlia Lopez de Almeida, escritora de manuais femininos, como *O livro das noivas* (1914, p. 56), reprova as meninas solteiras que nos bailes:

(...) mostram, à claridade amarela e quente do gaz dos clubs, os seus hombros e os braços nús, e nos decotes dos vestidos de seda prendem broches caros ou ramos de flôres artificiais. Ó futuras noivas, recatadas e meigas, perdi menos noites na dança, e, quando fordes a um ou outro baile, pedi à vossa modista um vestido mais discreto, e ao jasmineiro do vosso jardim as suas florinhas estreladas e puras!

No entanto, Lúcia, quando participa do baile oferecido em sua homenagem pelo Príncipe Escamado, seu futuro noivo, desobedece a todos esses conselhos: não só usa um vestido rosa com estrelinhas douradas, nada discreto, como ainda coloca inúmeras joias – braceletes de rubis, anéis de brilhantes e fivelas de esmeraldas nos sapatos – e de modo mais

---

<sup>196</sup> Destaca-se, como exemplo, a vez em que foi traída por Rabicó: ele abandonou a menina e Emília ao avistar uma quadrilha. Por sorte, a menina conhecia o chefe, o cowboy Tom Mix, ao qual encomendou a vingança: “Minha vingança tem que ser esta: quero amanhã no almoço comer virado de feijão com torresmo, mas torresmo de Marquês, está ouvindo?” (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 59). No entanto, mais tarde, arrepende-se e troca a pena de morte por um pontapé, só para pregar-lhe um susto.

suntuoso , uma grande rosa vermelha no decote. Tudo isso para atender ao desejo do Príncipe: “(...) quero vê-la deslumbrar a côrte.” (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 17).

Ademais, em outros trechos das narrativas infantis de Monteiro Lobato, observa-se uma Narizinho-moça, que auxilia na cozinha, costura, recebe bilhetinhos amorosos e, em acréscimo, separa brigas de outras crianças:

- Concha por aqui! – exclamou muito admirado. Isto tem dente de coelho!...  
Pegou a concha. Examinou-a. Sacudiu-a ao ouvido. Percebeu barulhinho de carta dentro. Abriu-a: era carta mesmo!

- **Hum! Carta para Lúcia. Há de ser namôro** – e voltou para casa a correr.  
**A menina estava ajudando tia Nastácia a enrolar rosquinhas de polvilho.** Assim que ouviu aquêles berros, largou da massa, limpou as mãos no avental da preta e disse:

- De quem será meu Deus do céu? (LOBATO <sub>1</sub>, 1957, p.100) (grifos nossos).

-----  
O gato virou-se para Narizinho:

- Veja bem quem é que está insultando. Se eu sou hipopótamo, que é ela? Uma macaca!...

Aquilo era demais. Emília perdeu a cabeça, avançou para o Gato Félix, agarrou-lhe a barba e deu tal puxão que arrancou um fio. **A menina apartou os briguentos;** pôs o gato para fora e deixou Emília sózinha na varanda. **E foi continuar o seu serviço na salinha de costura** (LOBATO <sub>1</sub>, 1957, p.167) (grifos nossos).

Se com tia Nastácia aprendia a preparar quitutes e desenvolvia outros trabalhos manuais, com a avó aprendia não só a ler e contar, mas também a apreciar os livros, a pesquisar e realizar experiências científicas, práticas que , em meados dos anos 1920, não era a vivência da maioria das crianças brasileiras, principalmente em sua parcela feminina. De acordo com os estudos da brasilianista Susan Kate Besse (1999), em 1920, apenas 28, 9 % dos homens e 19,9% das mulheres eram alfabetizados no Brasil. Desse modo, Lúcia faria parte de uma elite, que além de ler, teria acesso a livros sobre a história da humanidade e de literatura infantil, dentre outros. No mesmo período, Anísio Teixeira defendia uma nova escola, que atuasse também no fomento à cultura de crianças e jovens brasileiros, através da literatura. Pode-se acompanhar alguns desses pressupostos no fragmento abaixo:

Não creio que a escola possa vir a ser um instrumento eficiente de progresso, se não atender a esse mínimo indispensável de educação. Ler, escrever e contar é indispensável, mas é fator precário [...]. As crianças de elevado padrão de vida são as crianças – exceção, privilégio de uma pequena minoria. A criança do povo só tem a escola. Nem livros, nem revista, nem o exemplo da leitura, nem, o que é pior, a necessidade da leitura. Os pais vivem, rudemente, a ocupação diária [...] (TEIXEIRA, 1932).

No entanto, como se observa pelos dados estatísticos, para as mulheres havia maior dificuldade de acesso à escolarização, já que o número de escolas femininas era reduzido e muitas famílias contavam com o trabalho doméstico dessas meninas ou não reconheciam a necessidade da instrução escolar para a realização de suas funções de esposas e mães, papéis sociais que lhes eram, com frequência, destinados. No caso das famílias mais abastadas, até o início do século XX, o ensino destinado ao gênero feminino:

(...) era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. [...] Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja, que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para essas jovens (LOURO, 1997, p. 446).

No período analisado para fins deste estudo — a década de 20 e a de 30 —, a instrução pública sofreu inúmeras modificações<sup>197</sup>. Verifica-se que nas escolas primárias, secundárias e profissionais da capital, durante as administrações que se sucederam nesses níveis educativos, ainda que se modificassem os nomes e aparecessem, em alguns momentos, como “optativas”, as disciplinas domésticas permaneciam compondo os currículos femininos. (RODRIGUES, 2000; VIDAL, 1996).

Ademais, até 1928, além de ler e contar, se desenvolviam nas oficinas escolares habilidades como, por exemplo, cozinhar, lavar, engomar e fazer arranjos caseiros. As reformas na instrução pública do Distrito Federal, iniciadas por Fernando Azevedo em 1928, continuaram contemplando, através da disciplina Educação Doméstica, os trabalhos manuais, os cuidados com a produção de alimentos e de organização do lar (VIDAL, 1996), mas propunham-se a aperfeiçoar técnicas e oferecer bases científicas para as estudantes, sem esquecer-se das lições de higiene e civilidade:

Tal ensino terá estreita ligação com as demais matérias, mas especialmente com aritmética, que facilitará a aprendizagem da escrituração da receita e despesa da casa, com a geometria, que instituirá sobre avaliações e medidas, com a história natural e higiene, que fornecerão conhecimentos sobre alimentos, a casa e os objetos de uso doméstico, cultivo de plantas etc., com o desenho e os trabalhos manuais (...) (DISTRITO FEDERAL, 1929 apud VIDAL, 1996, p.33).

<sup>197</sup> São três os administradores da educação no Distrito Federal no que compreende esse período: Antônio Carneiro Leão (de 1922 a 1926), Fernando de Azevedo (de 1927 a 1930) e o já citado Anísio Teixeira (a partir de 1932). (SOOMA, In: CHAVES, 2012)

Sendo um dos princípios do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932) a coeducação dos 7 aos 15 anos no Distrito Federal, a partir de então, as diferenças na educação feminina foram acentuadas no ensino profissionalizante. Anísio Teixeira, em seu mandato, substituiu o ensino de Química, Higiene Alimentar e Puericultura pelo de Ciências Físicas e Naturais e Higiene, que compreendia uma introdução dos estudos de Física, Química Aplicada, Eletricidade, Agricultura, Zootecnia, História Natural, Higiene (individual, industrial e puericultura), alargando os conteúdos dos cursos de Formação Doméstica. Todavia, manteve as oficinas de artes domésticas (culinária, administração e decoração do lar) e de artes do vestuário (corte, costura, bordados e tecelagem). (RODRIGUES, 2000; VIDAL; RODRIGUES, 2004). Era preciso educar as mulheres, desenvolvendo aquelas que eram tidas como suas aptidões naturais por meio da ciência e da tecnologia.

No que diz respeito à educação aplicada no sítio, chama a atenção o fato de que Narizinho soubesse cozinhar e costurar. Porém, se destacava de modo particular em outras “disciplinas” e em uma, inclusive, caracterizada como masculina. O próprio Pedrinho, mesmo que protagonizasse cenas de ciúmes, reconhecia: a prima era a matemática<sup>198</sup>! Ela resolvia os cálculos bem depressa:

Temos agora o inverso. Quando uma grama de água desce de um grau em sua temperatura, perde 1 caloria. Uma grama de ouro que se resfria de 2 graus, perde 60 calorias. E uma tonelada de ferro que se resfria de 10 graus, quantas calorias perde, Narizinho?

A perguntada fez a conta de cabeça.

- Uma tonelada tem 1000 quilos, e como cada quilo tem 1000 gramas, a tonelada inteira tem 1000 X 1000, ou seja 1 milhão de gramas. Ora, como cada grama de ferro perde 9 calorias, 1 milhão de gramas perdem 9 milhões de calorias para cada grau que a temperatura abaixe. E se na sua pergunta o ferro se resfriou de 10 graus, temos de multiplicar 10 por 9 milhões – o que dá 90 milhões.

- Ótimo! – exclamou Dona Benta, entusiasmada com a aritmética da menina. Certíssimo...

Narizinho olhou para os outros com ar de vitória.

- Grande coisa! – exclamou Pedrinho. Se vovó me perguntasse, eu também responderia certinho. Nunca vi conta canja... (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 103-104)

Nessas cenas, Narizinho era representada como a própria “matemática”. Não se pode esquecer, tal como advogara Anísio Teixeira em citação anterior, ela tinha no seio familiar acesso aos livros e revistas, além de ser privilegiada com uma educação de tempo integral, já

<sup>198</sup> Quando as crianças estão planejando a “caça ao petróleo”, Pedrinho pede a ajuda da prima para fazer algumas contas. Destaca-se aqui o trecho: “Pedrinho compreendeu que realmente não havia outro jeito e redigiu o telegrama. Restava calcular o preço da encomenda e mandar os dólares. - Venha fazer a conta, Narizinho, você é a matemática. Narizinho calculou pelos preços do catálogo a importância total do pedido. - Anda em 105.742 dólares – disse ela mostrando a conta” (LOBATO<sub>6</sub>, 1957, p. 104).

que a grande “mestra”, Dona Benta, estava sempre à sua disposição. O que não quer dizer que Narizinho a procurasse apenas para os momentos de aprendizagem.

A “mestra” tinha seu programa de ensino e estava a todo o momento lançando perguntas, aguçando a curiosidade de Narizinho e aproveitando as vivências da pequena para explicar termos científicos e fazer experimentos. Já Pedrinho, que estudava em uma instituição escolar tradicional<sup>199</sup>, não tinha a mesma instrução e, talvez por isso, não tenha desenvolvido tão bem o raciocínio matemático e científico. Apesar de dizer o contrário, ele não demonstrava o mesmo desempenho da prima durante os serões:

- Pois é, continuou depois; os persas construíram 600 trirremes, que levavam, cada uma, 200 soldados, além dos remadores. O exército inteiro tinha – **quantos homens, Pedrinho? Depressa, de cabeça...**
- **Doze mil! – respondeu o menino.**
- Cento e vinte mil! – emendou Narizinho, que era muito boa no cálculo rápido.
- Um milhão e duzentos milhinhos! – gritou lá do fundo a boneca.
- **É isso mesmo, Narizinho** – disse Dona Benta, fingindo não ter ouvido o cálculo da Emília (LOBATO<sub>5</sub>, 1957, p. 78) (grifos nossos).

- 
- E se as terras abaixo do mar se nivelassem com as terras acima do mar, que aconteceria? (Pedrinho)
  - É uma coisa já calculada. As águas do oceano cobririam a terra inteira, com profundidade de 2 quilômetros e meio. (Dona Benta)
  - Para mim é o que vai acontecer – disse Narizinho. A erosão, com a sua mania de desmontar as terras altas para ir aterrando o fundo dos mares, acabará nivelando tudo que é terra – e então, adeus, humanidade!...
  - Isso não – protestou Pedrinho. O homem saberá adaptar-se à água, construindo cidades flutuantes, como os navios de hoje são hotéis flutuantes.
  - Com que roupa, Pedrinho? Há navios porque há a terra, com seus ferros e madeiras e outros materiais de construção. Mas se ficar tudo água, onde o ferro e a madeira e o resto?
  - Pedrinho embatucou (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 32).

Narizinho era representada com uma compreensão mais complexa da natureza e de seus componentes. Enquanto Pedrinho fazia uma pergunta sobre a erosão — processo natural de desgaste do solo que acontece desde a formação do planeta e continuará a acontecer —, achando que o homem pode adaptar-se a toda e qualquer situação, ela racionalmente averiguava que a humanidade poderia ser extinta. São muitas as passagens em que Pedrinho é surpreendido pelas respostas de Narizinho, a menina Lúcia:

Pedrinho apeou-se, abraçou-a e não resistiu à tentação de ali mesmo abrir o pacote dos presentes para tirar o dela.

---

<sup>199</sup> Pedrinho não gostava de retornar ao ambiente escolar, pois na instituição não ensinavam como sua avó: “Anda mamãe muito iludida, pensando que aprendo muita coisa na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi ensinado por vovó, durante as férias aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo” (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p. 199).

- Adivinhe o que trouxe para você! – disse escondendo atrás das costas um embrulho volumoso.

- **Já sei – respondeu a menina incontinênti. Uma boneca que chora e abre e fecha os olhos.**

Pedrinho ficou desapontado, porque era justamente o que havia trazido.

- Como adivinhou, Narizinho?

A menina deu uma risada gostosa.

- **Grande coisa! Adivinhei porque conheço você. Fique sabendo, seu bobo, que as meninas são muito mais espertas que os meninos...**

- Mas não têm mais muque! – replicou êle com orgulho, fazendo-a apalpar a dureza dos seus **bíceps que a ginástica escolar havia desenvolvido**. E conclui: **Com êste muque e a sua esperteza, Narizinho, quero ver quem pode com a nossa vida!** (LOBATO 1, 1957, p. 50, grifos nossos).

Com a esperteza de Narizinho e o muque de Pedrinho, que ironicamente Lobato exalta como um legado escolar — (teria sido o músculo mais exercitado pelo menino na instituição?) - os dois netos de Dona Benta resolvem os problemas do Sítio. Não se pode esquecer que os dois sempre contam com a parceria de Emília e seus planos mirabolantes; parece que sua contribuição para a conformação do trio seja a coragem. Seriam essas as características ditas naturais para as meninas brasileiras na Primeira República? Através das discussões anteriores, deduz-se que não, pois as características exaltadas nas mulheres eram as ligadas ao papel da maternidade: paciência, conformação, compaixão e altruísmo. Aliás, recomendava-se que não procurassem ser mais inteligentes que seus parceiros, afinal o homem era seu guia (ALMEIDA, 1914).

Todavia, as mulheres superavam obstáculos e utilizavam as ferramentas que conheciam para alçar novos patamares. Nesse período, veem-se surgir as primeiras mulheres formadas em curso superior<sup>200</sup> e escritoras<sup>201</sup>, que publicam livros e colunas nos jornais e revistas e reivindicam o direito do voto<sup>202</sup>. Concordamos com Michelle Perrot (2005, p. 273), as mulheres

<sup>200</sup> Segundo estudo de Kaizô Iwakami Beltrão e José Eustáquio Diniz Alves (2009), “no Distrito Federal, entre 1907 e 1912, a presença feminina nos cursos secundários correspondia a menos de um quarto do total de estudantes; e, nos cursos superiores, não alcançava 1,5%. Vale lembrar que a cidade do Rio de Janeiro apresentava uma das melhores taxas educacionais do país” (p. 129). Como se sabe, dessa pequena porcentagem a maioria era professora. Nas profissões consideradas masculinas, a luta foi maior. Na engenharia, por exemplo, a primeira mulher brasileira a se formar foi Edwiges Maria Becker, em 1919, pela Escola Politécnica (RJ). (*Reportagem de Andrés Gianni, publicada na Voz do Engenheiro nº6, 2013*). Na medicina, em 1987, Rita Lobato Velho Lopes foi a primeira a se formar no Brasil, embora, até 1920, 21% da população de médicos fosse feminina (Pesquisa Demografia Médica no Brasil, 2011. CFM, p. 21).

<sup>201</sup> Muitas delas foram citadas no capítulo anterior, por terem sido editadas por Monteiro Lobato, como a poetisa Maria Eugênia Celso. A própria Júlia de Almeida, que parece ter ideias conservadoras, é uma das mulheres que soube aproveitar as possibilidades de seu tempo, por exemplo, publicando livros. Para ampliar o debate acerca da trajetória de Júlia Lopes de Almeida consultar (MAGALDI, 2007).

<sup>202</sup> Essa foi uma grande conquista do movimento feminista do Brasil. Embora, em 1932, houvesse cisões e grupos que discutiam as necessidades e direitos femininos, este era um desejo que unia os diferentes grupos.

(...) não foram somente vítimas ou sujeitos passivos. Utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixados ou confiados, elas elaboravam, às vezes, contrapoderes que podiam subverter os papéis aparentes.

Narizinho, por exemplo, na dimensão ficcional, tornou-se diretora de uma empresa de petróleo. Negociou, então, o preço do “ouro preto” com homens de grandes empresas do mercado internacional. Num primeiro momento, perplexos por tratarem de negócios com uma menina, tentam se aproveitar dela e oferecem um valor irrisório pelo produto. Contudo, no transcorrer da narrativa, se surpreendem com Lúcia, visto que a menina sabia a cotação do petróleo no mercado internacional e demonstrava pulso firme para realizar as vendas:

- Vovó tem sessenta e cinco anos e nunca precisou do petróleo para viver. Nem nunca aturou ninguém. É independentíssima. Se não achar quem lhe pague o petróleo pelo preço que pede, pensam que ela se amola? Ah, ah, ah! Fecha os poços para só abri-los quando estiver com o oleoduto e a refinaria montados – e os senhores ficam bigodeados. Não temos pressa nenhuma em vender o nosso petróleo. Passem muito bem.

Venda aquela firmeza da Diretora Comercial, os ciganos coçaram a cabeça.

- Pois bem – disseram êles. Aceitamos o seu preço de dez centavos.

- Meu preço é 12, já disse. E amanhã será 13. Nós aqui não somos brincadeiras de ninguém.

Os ciganos pararam com a ciganagem e fecharam a compra de todo o petróleo produzido pelos cinco Caraminguás à razão de 12 centavos o litro (LOBATO<sup>6</sup>, 1957, p. 206).

A neta de Dona Benta tinha jeito para os negócios e falava com autoridade. Parafrazeando o Padre Leonel Franca, tem-se uma hipótese de qual seria a reação que os negociantes e a opinião pública teriam se ouvissem uma mulher falar assim: “que desafinação insuportável! O que assenta tão naturalmente num homem, como destoa numa mulher”<sup>203</sup>. Como lemos nos jornais e revistas da época, as mulheres que trabalhavam fora, lutavam por seus direitos e participavam do movimento sufragista muitas vezes eram ridicularizadas como “machonas”. (BESSE, 1999; MALUF; MOTT, 2008)

Contudo, o leitor poderia se perguntar: o que essa menina tão empreendedora faria com o dinheiro da companhia? A possível resposta pode ser lida nas histórias protagonizadas pela menina Lúcia:

<sup>203</sup> O Padre Leonel Franca (1954, p. 291) recomendava o seguinte teste para reconhecer as diferentes funções e constituições psicológicas dos gêneros masculinos e femininos: “Tomai as grandes heroínas que se consertavam na literatura universal. Na Bíblia, Rebeca ou Noemi, Ruth ou Maria Madalena. Passai à literatura profana de todos os povos, desde a Andrômaca de Homero ou Dido de Virgílio até a Eugênia de Balzac, a Lucia de Manzoni, a Rebeca de Walter Scott, a Dwitt de Dickens. Substituí estes tipos representativos do sexo por tipos masculinos. Que cacofonia psicológica! Que desafinação insuportável! O que assenta tão naturalmente numa mãe, como destoa num pai”.

- E também poderemos criar umas boas escolas profissionais para esta caboclada bronca, propôs Narizinho. Eles são aproveitáveis, mas têm que ser ajudados. Por si nada fazem porque nada podem fazer. (...)

- Aprovado! – disse Dona Benta.

- E construiremos para eles casas decentes, com higiene e coisas modernas, que lhes sejam vendidas a prestações bem baixinhas. É uma vergonha para nossa terra como moram as gentes da roça – em casebres de sapé e barro, imundíssimos, sem mobília, sem nada lá dentro. Qualquer toca de bicho do mato, qualquer ninho de João-de-Barro, vale mais que um casebre de caboclo.

- Aprovado! – disse Dona Benta (LOBATO<sub>6</sub>, 1957, p. 215).

Como se observa no excerto acima, Narizinho aproveitaria para levar a modernidade para aqueles que necessitavam de suas ações caritativas, pregando a higiene dos corpos e dos espaços, a educação profissionalizante para os mais pobres, que, sim, poderiam ser “aproveitados”, mas precisavam da ação benevolente das classes sociais mais abastadas. Ideias correntes à época: homens e mulheres fundavam associações para promover caridade e educar os cidadãos menos favorecidos<sup>204</sup>. Não se pode esquecer que a personagem Narizinho, portanto, vivia na esfera ficcional a modernidade nos seus aspectos morais e culturais:

Narizinho a tremer olhou para êle e franziu a testa. ‘Eu conheço este cara!’ – pensou consigo. ‘É Tom Mix, o grande herói do cinema!... Mas quem havia de dizer que êsse famoso cowboy tão simpático, havia de acabar assim, feito chefe duma quadrilha de lagartos?...’ (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 57).

A menina Lucia conhecia os personagens das fitas de cinema — Tom Mix e Gato Félix —; e, em suas conversas, utilizava palavras americanas e dizia-se amiga da eletricidade. No entanto, chocava-se com os usos que a humanidade dava aos seus artefatos. Ela era representada como pacifista como sua avó e não aprovava que países investissem economicamente em arsenal bélico, ao invés de investirem em máquinas e ciência:

- Há seis anos que lidam nisso, trabalhando sem parar – e o custo está calculado em seis milhões de dólares...

- Mais de cem mil contos em nossa moeda! – exclamou Narizinho, de olhos arregalados. Por isso gosto dos americanos. Só eles têm a coragem dessas coisas loucas. Se fosse na Europa, todo êsse dinheiro iria para novos canhões ou aviões de bombardeio... (LOBATO<sub>3</sub>, 1957, p.143).

Narizinho mostra-se bastante sensível. Apesar de representar o conceito da modernidade feminina, evidenciando certa liberdade e um pensamento racional, não podia enfrentar o sofrimento à sua volta. Durante as aulas-serões de sua avó, ao ouvir a histórias dos grandes impérios, sofre com calafrios e “ais”. Ela questiona o progresso que se deu à

<sup>204</sup> No estudo empreendido pela brasilianista Susan Kate Besse (1999), é possível aprofundar essas questões e obter informações sobre a formação da Sociedade Nacional da Cruz Vermelha, por exemplo.

custa de outros. Contudo, merece nota o fato de que, com frequência, procure para a maldade humana uma explicação científica. Os homens não poderiam ser tão cruéis naturalmente: deviam ser doentes. Nero, para Narizinho, por exemplo, era um caso de patologia psicológica:

- Ui! – exclamou Narizinho, que já conhecia alguma coisa da vida de Nero. Só de lhe ouvir o nome já sinto um arrepio pelo corpo.
- Nero foi mesmo uma ruindade completa – continuou Dona Benta. Matou a própria mãe. Matou sua mulher. Matou seu mestre, o velho filósofo Sêneca. Matou S. Pedro e S. Paulo. Incendiou Roma. Não há crueldade que êsse diabo não tenha feito. O sofrimento dos outros causava-lhe prazer. Com que gôsto ia ao circo assistir ao espetáculo das feras estraçalhando pobres criaturas humanas! (...)
- Ah! Um diabo dêsses é que merecia ser empalado num pau bem pontudo! – desabafou Emília. (...)
- Que horror, vovó! Como pode uma criatura ser má assim?... exclamou a menina, horrorizada.
- Pôs a culpa nos pobres cristãos a fim de persegui-los com maior ferocidade ainda.
- Quem sabe se não era um louco, vovó?
- Devia ser. Só a loucura pode explicar muitos atos de sua vida (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 127).

Assim como questiona o uso dos artefatos tecnológicos, Lúcia também faz suas ressalvas às ações da Igreja Católica e de seus seguidores. Suas ideias surpreendem até mesmo sua avó: como dizer-se cristão, ferindo e tirando a vida do próximo?<sup>205</sup> Narizinho é representada como uma menina, cuja característica marcante é o questionamento. Diversos assuntos a mobilizam, como, por exemplo, a condição feminina. Ela não se conforma com o fato de que a mulher seja tão inferiorizada e indigna-se com o fato de que povos tão inteligentes e inovadores, como os egípcios, tratassem as mulheres como um adorno:

- Os mortos não eram enterrados e sim queimados. Se o defunto fôsse casado, também queimavam a viúva. As coitadas não tinham o direito de continuar a viver depois da morte do marido...
- Que desafôro! – exclamou Narizinho, indignada. Quer dizer que mulher nesse país não era gente – não passava de lenha...
- Por muito tempo foi assim, mas se era a mulher que morria, o viúvo, muito lampeiramente, ia arranando outra... (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 69)

Chama-nos bastante atenção que Narizinho apresente, mesmo sendo tão perpicaz e questionadora, características femininas típicas dos discursos conservadores, que se

---

<sup>205</sup> Referência ao trecho em que Narizinho questiona as Cruzadas: “- O que eu acho muitíssimo interessante, vovó, é tôdas essas matanças serem feitas em nome de Cristo!... - Ah, minha filha, se Cristo voltasse ao mundo havia de horrorizar-se com os milhões de crimes cometidos em seu nome... Não há pior calamidade que o fanatismo religioso. A História é atravessada por um Amazonas de sangue derramado por causa dêsse fanatismo. Mas é preciso notar que nem todos os que tomavam parte nas cruzadas eram seguidores de Cristo... - Nem todos, não, vovó! – protestou a menina. Nenhum! Onde se viu um seguidor de Cristo andar matando gente? - Sim, minha filha, mas êles ingênuamente se davam como seguidores de Cristo (...)” (LOBATO<sup>5</sup>, 1957, p. 201).

aproveitavam de alguns arquétipos psicológicos: ela também é muito frágil, por vezes medrosa, uma verdadeira princesa. No que corresponde ao ideal da época, estuda e até trabalha, mas isso pouco modifica sua “feminilidade”: ainda se preocupa com seus vestidos e em agradar seu marido. Lúcia é moderna, mas não é ousada como Emília, ela não desafia o mundo à sua volta. Ainda que lide com um grau maior de poder, ela, na maioria das vezes, desenvolve as funções para qual foi destinada.

### 3.2 Emília: a dona da palavra.

A boneca Emília analisada neste estudo é construída por Monteiro Lobato à luz de diversas características humanas, em uma palavra, é a “Emília-gente”, aquela que dá seus primeiros passos mesmo antes de ter a capacidade de falar e que, ao alcançar tal aptidão, passa a enunciar suas asneiras e rebeldias. Uma boneca-menina que vai construindo seu mundo interior e social através do jogo de palavras – até as não ditas – o mesmo jogo que ela logo identifica como sendo o jogo do mundo, segundo a chave do poder. Essa personagem é lembrada especialmente por conta das palavras despropositadas. Todavia, se dedicarmos leitura mais atenta aos primeiros capítulos das aventuras da boneca, já percebemos alguns traços de vida: a boneca caminha até o Reino das Águas Claras, emburrada, atrás do Príncipe e de Narizinho. E, apesar de dizer em seu livro de memórias que no início era apenas uma boba olhando o mundo<sup>206</sup>, já ajudava Lúcia a sair de situações perigosas:

A velha atracou-se com a menina, e certamente que a subjugaria, se a boneca, que estava na mesa ao lado de sua dona, não tivesse tido a bela idéia de arrancar-lhe os óculos e sair correndo com eles (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 17).

Ela podia não pronunciar palavras, mas já estava em diálogo com a sociedade que a cercava. Nesse percurso, passa por uma transição brusca e rápida, diferente de uma criança que aprende a falar, enquanto também desenvolve as cadeias mais complexas do pensamento, ou seja, vai proferindo e reelaborando os nomes, significados e sentidos na interação com o

---

<sup>206</sup> Ao explicar seu nascimento, Emília diz que foi “enchida de macela” e ficou “no mundo feito bôba, de olhos parados, como qualquer boneca”. (LOBATO<sub>10</sub>, 1957, p. 10)

outro<sup>207</sup>. Emília parece mais uma prisioneira de pensamentos, seus e dos outros, que encontra a palavra como uma chave para a libertação de suas ideias. Ela aprendeu as palavras sem poder verbalizá-las e, assim, foi interpretando o mundo, por intermédio da fala alheia, mas sem o direito de externar suas ideias por meio delas. A cadeia das interações verbais, da qual fala Mikhail Bakhtin, estava quebrada, pois Emília não interagiu verbalmente com seu interlocutor:

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é a função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido etc.) (...) Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (BAKHTIN, 2009, p. 116-117).

Na primeira oportunidade que tem<sup>208</sup>, Emília fala por horas consecutivas, como se uma represa arrebentasse e ela pudesse pôr para fora tudo o que havia contido. No entanto, Lúcia percebe que sua fala não está bem ajustada. Emília inventa palavras, renomeia objetos e nem mesmo aceita suas correções. Isso acontece porque ela não está acostumada ao diálogo: a boneca entendia a fala do outro e formulava suas hipóteses, mas não podia lançá-las à crítica do ouvinte, ela não era alvo da contrapalavra alheia<sup>209</sup>. E, como não havia contraposições, Emília foi reunindo em seu interior algumas certezas:

- Doutor CARA DE CORUJA. Só acordei quando o Doutor CARA DE CORUJÍSSIMA me pregou um liscabão.

<sup>207</sup> A pesquisadora Solange Jobim e Souza, no livro *Infância e Linguagem* (2006), ao comentar as concepções de Vigotsky sobre linguagem e pensamento, explicita que, aos dois anos, o indivíduo passa por um momento crucial de estruturação da fala, pois o pensamento pré-linguístico e a linguagem pré-intelectual se encontram e, nesse momento, “o pensamento torna-se verbal e a fala, racional” (p. 128). Ou seja, caminham e se complexificam juntos, pois “os significados das palavras são formações dinâmicas que se modificam e evoluem à medida que a criança se desenvolve e de acordo com as várias formas pelas quais o pensamento funciona” (p.129).

<sup>208</sup> “A primeira coisa que disse foi: ‘Estou com horrível gosto de sapo na bôca!’ E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar. Falou tanto que Narizinho, atordoada, disse ao doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca.” (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p.27)

<sup>209</sup> Mikhail Bakhtin (2009) utiliza esse conceito para evidenciar a participação do receptor no diálogo. Para ele, “a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (...) Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*” (p. 137).

- Beliscão – emendou Narizinho pela última vez, enfiando a boneca no bolso. Viu que a fala da Emília não estava bem ajustada, coisa que só o tempo poderia conseguir. Viu também que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu.
- Melhor que seja assim, filosofou Narizinho. As ideias de vovó e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as advinha antes que elas abram a boca. As ideias de Emília hão de ser sempre novidades (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p.29).

Os que estão à sua volta é que precisam aprender a lógica, a construção de sua enunciação: as ideias de Emília são realmente novidades para eles. O interessante é igualmente perceber que, mesmo não desfrutando anteriormente da possibilidade de discutir suas ideias, Emília formulou conceitos bem complexos e um tanto rebeldes. Talvez porque muitas de suas experiências de vida fossem regidas pelas vontades da menina Lúcia; mesmo pensando de maneira diferente, era Narizinho quem controlava onde devia ir e o que devia fazer.

Emília tinha alguém que a governava: a menina Lucia. No entanto, a palavra lhe presenteia com o direito de governar a si mesma e, além disso, de gerenciar a vida dos outros, conforme faziam quando ela era muda. Assim, a personagem, compreendendo as escalas de poder presentes nos diálogos<sup>210</sup>, elege como seu interlocutor preferido o Visconde, um sabugo de milho, alguém que lhe é inferior:

- Perfeitamente, Visconde! Isso é que é o importante. Fazer coisas com a mão dos outros, ganhar dinheiro com o trabalho dos outros, pegar nome e fama com a cabeça dos outros: isso é que é **saber fazer** as coisas. Ganhar dinheiro com o trabalho da gente, ganhar nome e fama com a cabeça da gente, é **não saber fazer** as coisas. Olhe, Visconde, eu estou no mundo dos homens há pouco tempo, mas já aprendi a viver. Aprendi o grande segredo da vida dos homens na terra: a esperteza! Ser esperto é tudo. O mundo é dos espertos. Se eu tivesse um filhinho, dava-lhe um só conselho: ‘Seja esperto, meu filho!’
  - E como lhe explicava o que é ser esperto? – indagou o Visconde.
  - Muito simplesmente – respondeu a boneca. Citando o meu exemplo e o seu, Visconde. Quem é que fez a ‘Aritmética’? Você. Quem ganhou nome e fama? Eu. Quem é que está escrevendo as Memórias? Você. Quem vai ganhar nome e fama? Eu...
- O Visconde achou que aquilo estava certo mas era um grande desaforo (LOBATO<sub>10</sub>, 1957, p.97, grifos do autor).

Ao mesmo tempo em que passa por uma fase de maturação, o que explicaria uma negatividade característica da primeira infância<sup>211</sup>, parece que, por não ter o contraponto da

<sup>210</sup> Ainda de acordo com Bakhtin, “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais” (2009, p. 48).

<sup>211</sup> Para Vigotsky, “el primer síntoma que caracteriza el inicio de la crisis es el negativismo. Debemos formarnos una idea clara de lo que se trata. Al hablar de negativismo infantil es indispensable diferenciarle de la

opinião de outros indivíduos, especialmente dos adultos, suas tendências acabam por evoluir para uma forte rebeldia<sup>212</sup>. Ainda assim, suas verdades não são monológicas. Emília está inserida no mundo e observa as ações humanas. Sabe que as pessoas ganham dinheiro com o trabalho dos outros, ganham fama com o nome dos outros, se aproveitam e, portanto, são consideradas espertas.

Ela é muitas vezes assinalada como uma criança selvagem, mas, diferente dos casos de crianças criadas em florestas por animais<sup>213</sup>, Emília conhece o sistema capitalista, esteve observando a modernidade, sabe o que pode esperar da humanidade e parece ter aprendido bem as lições. Se, nas ações dessa personagem, veem-se potencializadas as mazelas da urbanização, pode-se, por outro lado, se detectar na fala de todas as crianças, como já se apresentou nas passagens destacadas para a análise de Lúcia, o discurso da época e da sociedade onde estão inseridas:

Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso que funciona como um espelho que reflete e refrata o cotidiano. A palavra é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam. O texto da criança coloca-nos frente a frente com o mundo tal qual idealizado e construído por nós, quer seja nos seus aspectos perversos ou estigmatizantes, quer seja na sua dimensão crítica e transformadora da ordem estabelecida. Portanto, escutar a criança é uma oportunidade de retomarmos, a partir do ângulo dela, um olhar crítico sobre o mal-estar da nossa cultura (JOBIM; SOUZA, 2006, p.120).

Assim, ainda que a partir de um parêntese para reflexão de base teórica sóciolinguista, ao atentarmos para os enunciados de Emília, colocamo-nos frente a frente com mais algumas questões importantes para o estudo historiográfico dos anos 1920 e 1930<sup>214</sup>. Ressaltamos, outrossim, que os problemas apresentados por Lobato, na elaboração de seus personagens,

---

desobediencia habitual. En el negativismo la conducta del niño se opone a todo cuanto le proponen los adultos.” (VIGOSTKY, 2006, p.1)

<sup>212</sup> Para aprofundar as questões sobre o desenvolvimento infantil, especificamente sobre a crise dos três anos, caracterizada por ser um dos períodos de maior negatividade infantil, consultar o artigo “La crisis de los tres años”, parte das Obras escolhidas de Vigotsky (2006).

<sup>213</sup> Consultar a dissertação *O Processo de comunicação pós-ressocialização de duas crianças selvagens* (LIMA, 2006).

<sup>214</sup> Essa escolha metodológica pareceu-nos adequada para o presente trabalho, pois, além de nos ancorar em estudiosos que escreviam e defendiam suas teses sobre a infância e a linguagem justamente no período dos anos 1920 e 1930, estes reafirmam o caráter moderno das personagens lobatianas, pois a caracterização das personagens converge com as teorias de Vigotsky e Bakhtin, que até os dias atuais alimentam profícuo debate nos cursos superiores nas áreas das ciências humanas. Ademais, para Roger Chartier (1990) e Robert Darnton (2010), teóricos alinhados à História Cultural, o cruzamento dos conceitos entre as demais áreas de pesquisa, como dos estudos linguísticos, amplia as análises historiográficas, principalmente quando essas tratam do objeto livro.

eram comuns a outros escritores; os demais também expressam os caminhos tortuosos por onde os pequenos eram levados. Veja-se o trecho de Cecília Meireles:

Sede bons, generosos, verdadeiros, e alcançareis a glória dos mártires, - dizem os antigos exemplos. Sede justos, heróicos, leais, e morrereis na humilhação, mas o futuro vos exaltará... Como soam essas palavras estranhamente no mundo de hoje, mundo de velocidade e conforto, onde todos pretendem a felicidade material, e o eterno foi substituído pelo imediato?

Ah! não batem as horas de hoje nos antigos relógios... **Que menino quer vencer as tentações para conseguir sabedoria? Que menina será capaz de amar as feras por piedade, e desencantá-las por amor?** O herói saiu das páginas dos livros e campeia aos nossos olhos, opulento e vaidoso: é o tipo que os jornais aplaudem, **que em lugar de coragem tem atrevimento; em lugar de inteligência, esperteza; em lugar de sabedoria, habilidade...** (MEIRELES, 1979, p. 107, grifos nossos).

Os dois escritores detectam as mudanças morais dos tempos modernos, mas os tons de seus discursos são diferentes. Emília torna-se ardilosa, pois, além de não ser capaz de perdoar as feras, é uma defensora do atrevimento e da esperteza. Emília detecta os novos preceitos, mas faz uma campanha contrária aos princípios de altruísmo e abnegação propagados pela escritora Cecília Meireles. Ela é autêntica, reconhece seus defeitos e, ao invés de tentar desfazer-se deles, utiliza-os para saciar suas vontades. Ela pode ter inúmeras imperfeições de caráter, mas não é hipócrita:

- O senhor me traiu. Escreveu aqui uma porção de coisas perversas e desagradáveis, com o fim de me desmoralizar perante o público. Mas, pensando bem, vejo que sou assim mesmo. Está certo.

Leu mais uma vez o capítulo.

- É isso mesmo. Sou tudo isso e ainda mais alguma coisa. Pode ficar como está (LOBATO<sub>10</sub>, 1957, p. 116-117).

Ela não se fazia de humilde, como recomendava Lobato às suas editadas<sup>215</sup>; ela expunha seus pontos de vista e perturbava a ordem moral do sítio e do Brasil daqueles leitores. Muitas vezes, por conta das falas dessa personagem, Lobato era censurado e aconselhado a modificar os rumos de suas histórias. Veja-se a intervenção da Secretária dos Negócios da Educação e Saúde Pública, e a resposta de Emília no livro *O poço do Visconde* (1937), para o qual há tantas outras reclamações de professores:

SECRETARIA DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CHEFIA DO SERVIÇO DAS INSTITUIÇÕES AUXILIARES DE ESCOLA

<sup>215</sup> Como já citamos anteriormente, em 1945, Monteiro Lobato recomendava a jovem Edy Lima que se fizesse de humilde, até fortalecer a carreira de escritora. (VALLERIO, 2009).

RUA D. VERIDIANA, 220 – Tel. 5- 4116 – S. Paulo

Ofício nº 1143

Assunto: Emilia no País da Gramática.

São Paulo, 13 de Novembro de 1939.

Ilmos. Snrs. Diretores da Companhia Editor Nacional  
Rua dos Gusmões  
CAPITAL

Em execução ao programa que esta Chefia de Serviço se impôs, de cooperar com os editores no sentido de facilitar a difusão de livros de literatura infantil, junto remeto cópia do parecer apresentado à mesma pela comissão que estudou o livro ‘Emília no País da Gramática’, da autoria do notável escritor patricio Monteiro Lobato.

Esta chefia, que subscreve os termos do referido parecer, não poderá opinar favoravelmente à autorização para que o livro em apreço possa constar em bibliotecas escolares, enquanto nas edições persistirem os trechos ou palavras apontados pela comissão.

Reitero a V. S. os protestos de elevada consideração.

Máximo de Moura Santos

(Chefe do Serviço das Inst. Aux. da Escola)<sup>216</sup>

- É besteira! – gritou a boneca.

Dona Benta advertiu-a.

- Emília, as professoras e os pedagogos vivem condenando êsse seu modo de falar, que tanto estraga os livros do Lobato. Já por vêzes tenho pedido a você que seja mais educada na linguagem.

**- Dona Benta, a senhora me perdoe, mas quem tôrto nasce, tarde ou nunca se endireita. Nasci torta. Sou uma besteirinha da natureza – ou dessa negra beijuda que me fêz. E, portanto, ou falo o que quero ou calo-me. Isso de falar como as professoras mandam, que fique para a Narizinho.** Pão pra mim é pão; besteira é besteira – nem que venha da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Cá comigo é na batata.

Dona Benta suspirou. Impossível domar aquela pequena selvagem... (LOBATO<sup>6</sup>, 1957, p. 63-64, grifos nossos).

Para ela, não era importante de onde vinha o pedido; a menina boneca não mudaria suas opiniões. E por quê? Talvez, porque intuísse que todos estão sujeitos a errar, todas as pessoas costumam utilizar argumentos para defender suas verdades. E as “verdades”, para a Marquesa de Rabicó, nada mais são do que “mentiras”. Mentiras muito bem contadas, em que se deve acreditar em nome de uma ordem, um controle social. Controle que ela também conhece e gosta de exercer:

Pronto que foi o borboletograma, surgiu uma dificuldade. A quem endereçá-la? À rainha das vespas ou à rainha das abelhas?

- Já resolvo o caso – disse Emília, e soltou a borboleta com essas palavras: ‘vá direitinha hein? Nada de distrair-se com flôres pelo caminho’.

- Ir para onde? – perguntou a borboleta.

- Para a casa do seu sogro, ouviu? Malcriada! Atrever-se a fazer perguntas a uma condessa!

<sup>216</sup> Carta de Máximo de Moura Santos a Monteiro Lobato. 13-11-1939. CEDAE / IEL-UNICAMP. Ref: MLb 33 00489.

- Mas... ia dizendo humildemente a borboleta. A Emília, porém, interrompeu-a com um berro.  
 - Ponha-se daqui para fora! Não admito observações. Conheça o seu lugar, ouviu? A borboleta lá se foi amedrontada e desapontadíssima.  
 - Você parece louca, Emília! – observou Narizinho. Como há de ela saber o enderêço se você não deu enderêço algum?  
 - Sabe, sim! – retorquiu a boneca. São umas sabidídssimas as senhoras borboletas. Se sabem fabricar pó azul para as asas, que é coisa difícilima, como não hão de saber o enderêço dum borboletograma?  
 Narizinho fêz cara de quem diz: ‘ninguém pode entender como funciona a cabeça da Emília! Ora raciocina muito bem, tal qual gente. Outras vêzes, é assim – tão torto que deixa uma pessoa atrapalhada...’ (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 55).

Narizinho afirma que a boneca parece louca, que ora raciocina tal qual gente, ora sua cabeça não funciona. No entanto, nessa passagem, destaca-se que Emília age tal qual gente e gente de poder. Ela devia conhecer o ditado popular: “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. E, como ocupa um cargo de maior hierarquia entre os que compõem o diálogo — é a condessa que envia uma carta para uma rainha – enquanto a borboleta era apenas a mensageira, uma serva, sua maneira de resolver a situação pode não ter sido justa, mas foi eficiente.

Todavia, ao resolver os conflitos entre seus iguais, quando arma planos para conseguir objetos que pertenciam a outras crianças do Sítio – sua finalidade era ser a criança mais rica (de brinquedos) do mundo<sup>217</sup> –, modulava seu discurso: não gritava e desenvolvia argumentações filosóficas e sentimentais. Certa vez, para ganhar um cavalo de madeira de Pedrinho, inventa a existência de um toco falante, da mesma espécie de madeira de que era confeccionado o Pinóquio, e, para comprovar a existência do toco mágico, obriga o Visconde a se esconder no oco de uma árvore, para que gemesse quando Pedrinho cortasse um dos galhos. Quando voltam para casa e o toco “torna-se” mudo, Emília, que não queria devolver o cavalinho, prossegue com a mentira, formulando um discurso sedutor:

Emília, sempre com a pulga atrás da orelha de medo que seu estratagema fôsse descoberto, disse logo, muito espivitadinha:  
 - Dona Benta falou outro dia que as grandes dores são mudas. Êsse pau bem que sente mas como a dor de se ver separado do tronco pai dêle é muito grande, está assim mudo como um peixe. De repente a dor diminui e êle começa a gemer que ninguém o pode aturar.  
 O Visconde tossiu e olhou para ela com o rabo dos olhos, admirado dos progressos ‘psicológicos’ que Emília estava revelando (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 206).

<sup>217</sup> É no livro *Reinações de Narizinho* que se apresenta seu maior desejo: “Emília sempre fôra interesseira, mas depois que encasquetou a idéia de tornar-se a boneca mais rica do mundo (rica de brinquedos), virou uma perfeita cigana, dessas que não fazem nada de graça” (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 2000).

Há artimanha nas mentiras de Emília; suas palavras são envolventes. Um caráter de surpresa e inovação reveste suas ações e aguça a curiosidade dos que estão à sua volta. Por mais que as atitudes sejam, por vezes, tirânicas e violentas, na maior parte dos casos, são desculpadas ou permitidas pelos demais, por conta da coragem, atributo maior da personagem. Observe-se como ela resolve ironicamente a antiga história da cigarra e da formiga, escrita por La Fontaine:

O Senhor de La Fontaine, curioso de ver qual seria a vingança da boneca, pôs-se de lado, a observar disfarçadamente. Vendo isso, Narizinho não teve coragem de ralar com Emília e deixou-a em paz. Emília mandou que a cigarra batesse na porta outra vez. A cigarra obedeceu batendo três toc-tocs. Veio a formiga espiar quem era. Dando com a mesma cigarra, disse-lhe um grande desafôro e já lhe ia batendo com a porta no nariz outra vez, quando Emília a agarrou pela perna seca e a puxou para fora.

- Chegou tua vez, malvada! Há mil anos que a senhora me anda a dar com essa porcaria de porta no focinho das cigarras, mas chegou o dia da vingança. Quem vai levar porta no nariz és tu, sua cara-de-coruja seca!

E, voltando-se para a cigarra:

- **Amor com amor se paga.** Eu seguro a bruxa e você malha com a porta no nariz dela. Vamos! (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 271, grifos do autor).

Emília não seguia algumas das recomendações do Pelotão da Saúde das Escolas Primárias da Capital Federal (Rio de Janeiro) de 1926: vivia a tirar “ourinho” do nariz com os dedos e mentia de brincadeira e de verdade<sup>218</sup>. Tampouco, seguia os conselhos de J. L. Roquete (1920) - de se abster da teimosia, zombaria e do espírito de contradição. Espírito de contradição ou de filósofo? E o que é um filósofo? A própria personagem explica:

- É um bicho sujinho, caspento, que diz coisas elevadas que os outros julgam que entendem e ficam de olho parado, pensando, pensando. Cada vez que digo uma coisa filosófica, o olho de Dona Benta fica parado e ela pensa, pensa...

- Fica pensando o quê, Emília?

- Pensando que entenderam (LOBATO<sub>10</sub>, 1957, p. 11-12).

E, muitas vezes, realmente não entendem. Assim, no final de seu livro de memórias, a menina-boneca precisa se defender de uma grande mentira que espalham a seu respeito: dizem que ela não tem coração. Acontece que Emília não fala como uma “mulherzinha”<sup>219</sup> e tampouco sente como uma princesa; ela diz ser dona de um belo coração, só que não é feito

<sup>218</sup> Referimos-nos ao conjunto de quesitos que deviam ser respeitados pelas crianças das escolas públicas do Rio de Janeiro, durante a administração de Antônio Carneiro Leão. Um deles era: “20 - Não mentir, nem brincando” (SILVA, 2012, p. 60).

<sup>219</sup> O Visconde utiliza esse termo pejorativo para classificar sua fala, mas Emília defende-se, apontado o teor de suas conversas: “- Tenha paciência, Emília – disse o Visconde. Ficou muito acima do nível, porque a verdade é que você ainda hoje fala mais do que qualquer mulherzinha. - Mas não falo pelos cotovelos, como elas. Só pela bôca. E falo bem. Sei dizer coisas engraçadas e até filosóficas” (LOBATO<sub>10</sub>, 1957, p. 11).

de banana. E o demonstra durante a visita das personagens do Reino da Carochinha ao Sítio: enquanto Cinderela, Capinha Vermelha e Narizinho desmaiam com a iminência de o lobo invadir a sala, Emília encontra uma solução. É uma solução bem “emiliana” – chama tia Nastácia para fazer o serviço de espantar o malfeitor:

- E agora! – exclamou Emília coçando a cabeça e pensando lá consigo se valeria a pena desmaiar também. E talvez fizesse isso, se o lobo naquele instante não arrancasse mais uma tábua e não enfiasse dentro da sala quase meio corpo. Vendo que o monstro entrava mesmo, Emília berrou com tôdas as forças dos seus pulmões:
- Acuda, tia Nastácia! O lobo está entrando de verdade e vai comer Dona Benta...
- Ouvindo o berro, a negra veio lá da cozinha com a vassoura e num instante espantou dali a fera com três boas vassouradas no focinho.
- Lobo sem vergonha! Vá prear no mato que é o melhor. Dona Benta nunca foi quitute pra teu bico seu cão sarnento!...
- Bravos! – exclamou Emília batendo palmas. A senhora é tão valente que até merece casar com o pássaro Roca (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 193-194).

Sua relação com a cozinheira também é um quesito que mostra a inadequação de Emília aos ideais modernos do início do século XX. Enquanto nos manuais femininos, como *O Livro das Noivas* (1914), recomenda-se o cuidado ao falar com os criados, lembrando que os donos não podiam esperar que os ex-escravos se tornassem cultos do dia para noite, Emília geralmente só fazia aumentar a condição humilhante a que tia Nastácia estava fadada<sup>220</sup>. Em inúmeras passagens, a menina — diferente de Narizinho, que acredita num determinado potencial do caboclo e defende tia Nastácia — zomba da cozinheira, ri de seus não saberes e a humilha.

Emília age como tantos senhores que dependem de seus servos, mas são sempre injuriosos e covardes, pois, apesar de chamar tia Nastácia de burra e, outras vezes, culpá-la por seus defeitos, recorre à negra para salvar-se do lobo, para curar-se das lombrigas, para consertar seus olhos e do boneco Visconde. Porém, em suas memórias, Emília reconhece que tia Nastácia sabe muitas coisas, coisas do cotidiano, e reflete sobre o fato de ela ser menosprezada por ser negra:

Eu vivo brigando com ela e tenho-lhe dito muitos desaforos – mas não é de coração. Lá por dentro gosto ainda mais dela do que de seus afamados bolinhos. Só não compreendo porque Deus faz uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão. É verdade que as jabuticabas, as amoras, os maracujás também são pretos. Isso me leva a crer que a tal côr preta é uma coisa que só desmerece as pessoas aqui neste mundo. Lá em cima não há essas diferenças de côr. Se houvesse, como havia de ser preta a jabuticaba que para mim é a rainha das frutas? (LOBATO<sub>10</sub>, 1957, p. 145).

<sup>220</sup> Segundo Júlia Lopes de Almeida (1914), não se podia esperar que “a gente de um torrão inculto não nasça uma rosa fina, ou que terreno árido não nos dê água como crystallina e leve, distillada gotta a gotta de uma rocha antiga. (...) À proporção que a instrução se derrama vae falhando a uns a humilhação natural para esse cargo (...)” (p. 120).

Parece que Emília faz, nesse comentário, o que já havia anunciado no início de seu livro: “arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta ideia do escrevedor” (LOBATO<sub>10</sub>, 1957, p. 4). Emília era ou não representada como preconceituosa? Em muitas outras passagens, como já se explicitou anteriormente, a menina-boneca utiliza vocábulos e leva tia Nastácia ao choro com seus insultos. Todavia, encontramos trechos em que ela generaliza esse procedimento e destrata outros personagens, inclusive seu marido.

Preconceituosa ou não, deve-se observar que ela mente com “muita manha”, pois primeiro reconhece seus erros e depois se apoia em fatos – como o fato de a cor das frutas não influenciar seu gosto. Nos livros, ela e Narizinho vivem a comer jabuticabas. Ou seja, ainda que pensando diferente do que enuncia, sabe que esse não é um pensamento que pode ser compartilhado abertamente. Ao expô-lo, não mais estaria em “alta conta”, pelo menos para parte do público leitor negro<sup>221</sup>. Ainda que estivesse preocupada apenas com as censuras, Emília acentua em seus discursos o fato de que rejeitar alguém por sua cor e raça não é o correto.

### 3.3 Lúcia e Emília noivas: um sonho de amor e de poder.

- Eu quero tanto bem à Emília – explicou Narizinho, que tenho vontade de desmanchar o seu casamento com o Marquês para casá-la com o Gato Félix. Emília não está sendo feliz no primeiro casamento.
- Por que, se não é indiscrição?
- Os gênios não se combinam. Além disso, **Emília não se casou por amor, como nós. Só por interêsse, por causa do título.** Emília não é mulher para Rabicó. Merece muito mais. Merece um senhor sacudido e valente como o Gato Félix

*LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 131, grifos nossos.*

---

<sup>221</sup> Como já foi apresentado anteriormente, a partir dos anos 1920, uma corrente de entusiasmo pela educação se espalhou pelo país. Assim, mulheres e negros tiveram maiores chances de matricular-se nas instituições escolares. Nas palavras de Ana Maria Magaldi, nesse período: “Em meio a expressões diversas de nacionalismo conduzidas em múltiplas direções e dotadas de tonalidades variadas, um dos caminhos comumente assinalados como dos mais importantes na afirmação de uma realidade nacional em bases modernas foi o da educação” (2003, p. 214).

Em sessão inserida no primeiro capítulo, *Lobato – o intelectual amigo das mulheres*, foram apresentadas algumas ideias de Monteiro Lobato sobre a instituição do casamento. Nas cartas escritas para a noiva Purezinha, ele distinguia dois tipos de uniões matrimoniais: uma delas regida pelo interesse econômico e social, e a outra, pelos sentimentos mais nobres, que selaria um encontro de almas<sup>222</sup>. No livro *Reinações de Narizinho* (1931), as duas meninas casam-se e a distinção entre os tipos de matrimônios é visível. Como esclarece Narizinho, Emília não se casou por amor ao marido, mas, sim, por amor ao título de Marquesa, enquanto Lúcia e Escamado se uniram por gostarem um do outro.

Cabe destacar que a história do noivado de Lúcia se parece com o que é dado a conhecer sobre a história do noivado de Lobato, por meio das missivas dirigidas a sua noiva, Pureza, muitas delas transcritas ao longo desta dissertação. O noivo na história fictícia também é quem sofre de paixão, de “narizinho-arrebitadite” aguda, como Lobato, que estava sempre a declarar que só poderia ser feliz ao lado de sua amada<sup>223</sup>. Já a menina Lúcia, tal qual Pureza, é mais reservada, aceita o compromisso, mas continua a preparar suas rosquinhas<sup>224</sup>, parecendo um tanto indiferente.

Suas vidas seguem de maneira diferente desde que se conhecem. Narizinho realiza as mesmas atividades de antes: brinca e auxilia nos afazeres domésticos, organiza o casamento de Emília, visita o Reino da Rainha Abelha, dentre outras. E parece não se lembrar do futuro noivo: só fala do Príncipe quando conta suas aventuras mais recentes ao primo Pedrinho, que acaba de chegar da capital e quando encontra próximo à colmeia o Major Agarra, um dos guardas do Reino das Águas Claras. No entanto, nessa ocasião, pergunta como vão os seres marinhos e têm-se, então, indícios de seu interesse romântico pelo Príncipe. Ela questiona o sapo se Escamado já está casado e seu coração palpita apressadamente ao saber que não. Segundo o Major, o Príncipe “ama alguém que não faz caso dele”. (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 65).

---

<sup>222</sup> Destacamos o seguinte trecho de uma das cartas de amor: “Há dois casamentos, Purezinha. Um em que se casa para tomar estado, por conveniência de conforto ou de interesses. Outro, por amor, isto é, forçados pela necessidade imperiosa de combinar duas almas por toda a vida” (LOBATO, 27/04/1907. In: LOBATO, 2010, p. 81).

<sup>223</sup> E o Doutor Caramujo dá o diagnóstico da doença, que tinha como sintomas a saudade da menina, a diminuição do apetite e da atenção de Escamado (LOBATO<sub>1</sub>, 1957). Monteiro Lobato, por sua vez, dizia que “o amor não é condição para a felicidade, e sim a própria felicidade”. Ele era feliz por amar Pureza. (LOBATO – 1906. In: LOBATO, 2010, p. 20 -21).

<sup>224</sup> Vejamos a resposta de Narizinho ao pedido de casamento: “– Responda que sim, que aceito. Diga que estou ajudando tia Nastácia a enrolar estas rosquinhas e logo que acabe irei casar com êle.” (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 102).

Já o Príncipe, depois de conhecer a menina, não conseguia sequer se alimentar normalmente:

Depois da viagem de Narizinho ao Reino-das-Águas-Claras, o Príncipe Escamado caiu em profunda tristeza. Emagreceu. Suas escamas foram ficando fininhas como papel de sêda. Permanecia horas de olho pregado no trono de onde Narizinho havia assistido ao grande baile da corte, e de vez em quando puxava uns suspiros que pareciam arrancados com torquês (LOBATO1, 1957, p. 97).

O outro casal – Emília e Rabicó- é mais harmônico. Nenhum deles está apaixonado. Enquanto Emília pensa em seu título de nobreza — para ela a única qualidade de Rabicó —, o porco pergunta pelo dote e garante que só casará se for bom; por dois cargueiros de milho, casaria até com uma vassoura (LOBATO1, 1957).

Narizinho é desenhada como uma menina discreta e recatada, mas nutre sentimentos especiais pelo Príncipe Escamado. Defende o noivo, por exemplo, quando a avó não aprova sua união por não serem da mesma igualha<sup>225</sup>. Já Emília aceita casar-se, na esperança de se tornar uma princesa, e sempre dispensa a companhia do marido que, para ela, é um ser desprezível. Assim, além das representações contrárias das noivas, os noivos também apresentam perfis distintos. Enquanto Escamado é o marido dos sonhos, um príncipe também nos modos de agir (cortês, sensível, bondoso e apaixonado), o Marquês de Rabicó é um porco no sentido metafórico do termo: comilão, covarde e interesseiro. Como disse Emília no dia do casamento, quando Rabicó devorou todos os doces da festa: “um tipo muito ordinário, que não sabe respeitar uma espôsa” (LOBATO1, 1957, p. 94).

A partir dos anos 1920, iniciava-se no Brasil, campanha de educação da mulher, para que realizasse seus trabalhos domésticos com maior qualidade, campanha para que os homens também fossem mais respeitadores e amigos de suas esposas: era preciso fortalecer a instituição do casamento. No entanto, se o marido em questão não cumprisse com esses pré-requisitos, era preciso crer que “com o tempo ir(ia) criando juízo e ainda acabar(ia) um excelente esposo” (LOBATO1, 1957, p. 94), conforme Lúcia diz à Emília. Era a esposa quem deveria civilizar o marido. Veja-se um trecho do manual *A Felicidade no lar*:

A mulher educada sob os princípios da moral e da religião não se deixará perecer sob maus-tratos do esposo nem tampouco o abandonará. Ela saberá convertê-lo, pela sua vontade enérgica, em um companheiro amigo e bom e poderá moldá-lo a seu talento (apud BESSE, 1999, p. 91).

<sup>225</sup> São poucas as vezes em que se vê Lúcia dirigir-se à sua avó com tamanha rispidez: “Dobre a língua, vovó! Escamado é príncipe. Se se tratasse aí dum peixe vulgar de lagoa, vá que vovó falasse. Mas o meu noivo é um grande príncipe das águas!...” (LOBATO1, 1957, p. 102).

Entende-se, nesse contexto, a “vontade enérgica” feminina como tato, paciência, encanto, para falar ao coração do esposo; boa educação e inteligência para sensibilizá-lo. Não obstante as qualidades apontadas, Emília, ainda no período do noivado, já utilizava outros métodos. Certa vez, quando rabicó roubou um de seus croquetes, a boneca lançou mão da vassoura para resolver o problema:

- Espere que te curo! – gritou ela, passando a mão na vassoura. E pá! Pá! Pá!... desceu a lenha no lombo do gatuno, enquanto Narizinho se rebojava na cama de tanto rir, pensando consigo: ‘Se antes de casar é assim, imagine-se depois!’” (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 49).

A pesquisadora Karina Klinke, na dissertação *Meninas em estado de sítio* (1998), também se dedica ao estudo acerca das representações femininas das personagens de Monteiro Lobato em torno do casamento. Corrobora-se aqui com suas análises de que algumas passagens, tratando dessa instituição social, principalmente quando envolvem a menina Emília, parecem revolucionárias no cenário geral. Bater em seu noivo, por exemplo, seria inadmissível! Apesar de achar graça, no primeiro momento, a personagem Narizinho segue as tradições e apresenta a boneca e suas prendas ao pai do noivo:

– E não é só isso – interveio Narizinho. Bonita e prestimosa como não há outra! Sabe fazer tudo. Cozinha na perfeição, lava roupa e lê livros que nem uma professora. Emília é o que se chama uma danada (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 86).

Sabemos também que Emília não era grande leitora, tal como Lúcia elogiava. Observamos que muitas de suas “propagandas” não são verdadeiras, ao pedir, por exemplo, que Emília dê uma volta para mostrar seu vestido, fala dos talentos da noiva para a costura. Porém, Emília tenta contar que o vestido, na verdade, foi feito por tia Nastácia, situação que Narizinho contorna, dizendo que ela só está sendo modesta (LOBATO<sub>1</sub>, 1957). Ainda sobre esse caso, chama a atenção a modernidade do comprimento do vestido de Emília:

Emília levantou-se da cadeira e deu umas voltas pela sala.  
 - Não está dos mais elegantes mas serve – continuou Narizinho. Emília nasceu aqui na roça e nunca foi à cidade, nem aprendeu costura. Para uma criatura nessas condições não acha que está bem feitinho?  
 O Visconde olhou, olhou e disse:  
 - Eu, a falar a verdade, não entendo de modas. Só que **a saia me parece um tanto curta...**  
 - Eu também acho e já o disse a ela; mas **Emília, como tem perna grossa anda com mania de mostrá-la.** Só usou saia comprida durante o tempo da perna sêca (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 87, grifos nossos).

Apesar de contar algumas mentiras, Lúcia mostra-se mais conservadora do que a boneca e, no momento final, quando Emília deve responder ao pedido de casamento, Narizinho ressalta a importância da instituição: “– Não devo dar opinião, Emília. Você tem que decidir por si mesma. **Casamento não é brincadeira**” (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 88) (grifos nossos). Estaria naquele contexto concedendo real autonomia à noiva? Podemos inferir que essas não seriam as palavras de uma mãe ou educadora da época, pois a pesquisadora Barbara Heller (2006, p. 90) indica a resposta de uma das consultoras da Revista Feminina<sup>226</sup> sobre a dúvida do casamento:

Recebi a carta em que fazes a embaraçosa confidência de teu noivado. Dizes que não ama o teu noivo, mas confessas que ele é um homem honrado, bom, afetuoso e inteligente. É difícil que encontre um moço com tantas qualidades. Casa-te com ele, embora não o ames. O amor vem depois, é uma coisa que se faz com o hábito. Casate e serás feliz. Quem dá este conselho não sou eu, que tenho pouca experiência da vida, pois temos quase a mesma idade. Quem o dá é Paul Bourget que, como sabes, é o mais fino e autorizado conhecedor desses assuntos.

Segundo a análise de Karina Kinkle (1998), esse era somente outro meio de exercer pressão sobre a noiva, responsabilizando-a por sua escolha. No entanto, desde as primeiras histórias, Emília mostra que suas ideias sobre o casamento são diferentes, com tonalidades progressistas para o contexto da época. Ela decide casar-se, mas:

Emília não se mostrava disposta a casar. Dizia sempre que não tinha gênio para aturar marido, além de que não via lá pelo sítio ninguém que a merecesse. (...) Emília pensou, pensou, pensou e disse:  
– Pois bem, aceito! Mas desde já vou dizendo que não saio daqui. Caso-me, mas não vou morar com Rabicó enquanto ele não virar príncipe novamente (LOBATO<sub>1</sub>, 1957, p. 82-83).

Ela não é o ideal de esposa brasileira dos anos de 1920-1930: não estava disposta a abdicar de seus desejos para satisfazer aos desejos do marido; sua felicidade não consistia em fazê-lo feliz (MALUF; MOTT, 2008). Assim como as mulheres norte-americanas observadas pelo autor<sup>227</sup>, tem as rédeas de seu marido e utilizar-se-ia do divórcio para conseguir a própria felicidade, ou melhor, um título maior:

<sup>226</sup> A Revista Feminina foi publicada de 1914 a 1936 e, além da longevidade, chama a atenção pela “organização editorial e, principalmente, pelas discussões internas sobre o que se devia oferecer como leitura às mulheres do Brasil” (HELLER, 2006, p. 79).

<sup>227</sup> Destaca-se aqui trecho da carta de Monteiro Lobato para o amigo Godofredo Rangel: “A mulher aqui que colosso! Bateram o homem em tudo e agora o pobre do homem é que anda a pensar em igualdade de direitos.

– Não tem mas, nem meio mas! Quem manda neste casamento sou eu. O marquês fica por lá e eu por cá – declarou Emília, toda espevitadinha e de nariz torcido (LOBATO<sub>4</sub>, 1957, p. 89).

-----

– Emília é uma empreada, príncipe, que não dá confiança ao marido. Casou-se só por casar, pelo título, e se encontrar por aqui algum duque, é bem capaz de divorciar-se do marquês (LOBATO<sub>4</sub>, 1957, p. 110).

Emília tende a pensar como a personagem Mademoiselle Futilidade, criada por Maria Eugênia Celso (1924), uma das editadas de Lobato: “Que importância tem o noivo, meu Deus? (...) O importante é o casamento.” (p. 78) ou o título que se ganha a partir dele. Emília torcia sempre para que a vida lhe presenteasse com a viuvez e acaba por divorciar-se. O que não quer dizer que a personagem desistiu do casamento; ela continuou a procurar um novo candidato e adoraria casar-se com um pirata, só para poder comandar um navio. A personagem inclinava-se a mandar, desejava, com frequência, exercer seu poder em maiores escalas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

- É que o começo é difícil, Visconde. Há tantos caminhos que não sei qual escolher. Posso começar de mil modos. Sua idéia qual é?
- Minha idéia – disse o Visconde – é que comece como quase todos os livros de memórias começam – contando quem está escrevendo, quando êsse quem nasceu, em que cidade, etc. (...)
- Ótimo! – exclamou Emília. Serve. Escreva: Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada...
- Por que tanta estrelinha? Será que quer ocultar a idade?
- Não. **Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira.**

*LOBATO, 1957, p. 9-10, grifos nossos*

- A História é o mais belo romance anedótico que o homem vem compondo desde que aprendeu a escrever. Mas que tem com o passado a História? Toma dele fatos e personagens e os vai estilizando ao sabor da imaginação artística dos historiadores. Só isso. (Benson)
- E os documentos da época? Insisti. (Ayrton)
- Estilização parcial feita pelos interessados, apenas. Do presente, meu caro, e do passado, só podemos ter vagas sensações.

*LOBATO, 1951, p. 167<sup>228</sup>*

Começar é difícil? Mas, terminar também! Dentre o caminho que traçamos no processo de escrever, reescrever, buscar nos livros ficcionais de Monteiro Lobato depoimentos de outro tempo, são muitos os caminhos que poderíamos escolher para essas últimas considerações. Na emergência de perguntas desde a escrita do projeto da dissertação,

---

<sup>228</sup> O trecho destacado é parte de um diálogo desenvolvido por dois personagens de *O presidente negro*: o cientista Professor Benson, que havia inventado uma máquina de viagem ao passado e futuro, e Ayrton, homem comum. (LOBATO, 1961, p. 167)

confirma-se para a pesquisadora “mexeriqueira” que a escolha pelo material literário pode ser frutífera.

Acredito que o objeto livro, além de ampliar o campo documental do historiador, modifica a relação do historiador - autor, pois:

(...) à medida que os historiadores aprendem a analisar as representações de seus universos a partir de seus temas, inevitavelmente começam a refletir sobre a natureza de seus próprios esforços para representar a história; afinal, a prática da história é um processo de criação de texto e de “ver”, ou seja, de dar forma aos temas. Os historiadores da cultura, particularmente, são forçados a se tornar mais conscientes das consequências de suas opções formais e literárias, das quais geralmente não são conscientes. (HUNT, 2006, p. 27)

Na presente dissertação, buscamos não somente refletir sobre a mulher e o conteúdo do livro literário, por vezes esquecidos na análise e compreensão de nossas histórias, como tornar conscientes as formas de escrita. Lobato enfatiza através das falas dos personagens de livros dedicados à infância e aos adultos algumas inquietações acerca do escrever a História. Numa das epígrafes escolhidas acima, o autor ressalta a participação subjetiva do historiador em seus estudos, alegando que o “estilo” da escrita empregada pelos acadêmicos desse campo modifica os sentidos e as análises realizadas - apesar de nos anos 1920, e o que nos adverte Hunt, até mesmo nos dias atuais, alguns historiadores não estejam conscientes ou não se preocupem com o processo da “criação de texto” histórico.

Como “consequência de nossas opções formais e literárias”, desejamos que a forma textual dessa dissertação, ainda que rigorosa, em certa medida, seja agradável e dinâmica como a dos livros literários analisados. Neste sentido, buscamos aproximar questões culturais, políticas e sociais - que perpassaram a criação das personagens lobatianas, como nos indicam a correspondência do autor e demais fontes documentais do período, as possíveis práticas de mulheres reais – dos leitores acadêmicos ou não.

No primeiro capítulo, por meio das missivas de José Bento, coletadas nos centros de pesquisa<sup>229</sup>, observamos que uma das concepções de modernidade, ligadas aos artefatos tecnológicos e conseqüentemente às transformações socioculturais advindas de sua utilização, eram visíveis nos diferentes papéis representados ao longo da vida de Monteiro Lobato. Fosse como amigo, noivo, jovem estudante paulista ou escritor, ele estabelecia sua forma de se

<sup>229</sup> Referimo-nos aos: *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil* (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas e o *Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio* (CEDAE), Instituto de Estudos da Linguagem na UNICAMP.

relacionar com a sociedade e os sujeitos, ou seja, sua leitura de mundo era influenciada por esse maquinário, assim como sua criação literária.

Notou-se, especificamente nos livros infantis, que, apesar das personagens estarem inseridas em paisagem rural, o Sítio do Picapau Amarelo, e no início não terem acesso à luz elétrica, por exemplo, elas estiveram conectadas às invenções tecnológicas e almejavam possuir nas instalações do sítio um rádio, uma geladeira, um ferro, etc. Durante as aventuras, por meio dos conhecimentos científicos - disponíveis nos livros e nas enciclopédias da biblioteca de Dona Benta, e igualmente compartilhados durante as experiências realizadas por essa avó e seus aprendizes mais dedicados: Narizinho, Pedrinho, Emília e Visconde - as condições financeiras do Sítio se aquilatam.

Os porcos de Dona Benta valem mais do que os de seus vizinhos, pois ela sabe a fórmula para uma alimentação mais nutritiva; o Visconde e as crianças, com experimentos e teorias geológicas, encontram petróleo. O recurso financeiro acumulado, a partir dessas atividades comerciais, é utilizado na modernização do Sítio e do povoado em seu entorno<sup>230</sup>. Pode-se observar que a modernidade da educação - a razão acima da fé, a crítica /dúvida como guia, a experimentação da teoria - reunida na higienização dos corpos e ambientes, e aliada à modernidade dos artefatos - domésticos, científicos e culturais - soluciona os problemas do pessoal que habita o Sítio do Picapau Amarelo. Essa parece ser a receita que Lobato utilizou para criar não um livro, mas um lugar onde as crianças (e também alguns adultos) pudessem morar<sup>231</sup>.

Ainda no capítulo, *Destino e Arte – mesclas na trajetória de um José*, evidenciamos, por meio do exame da correspondência de Monteiro Lobato, uma relação próxima do escritor com as mulheres de seu círculo familiar e profissional. Importa destacar que o respeito relativo à liberdade de pensamento e expressão, característico de suas narrativas ficcionais, foi, com frequência, evidenciado em sua correspondência. Nas missivas a que tivemos acesso, aparece o apoio do escritor para que as mulheres realizassem seus sonhos, mesmo que, para elas, isso significasse se dedicar à carreira e não à constituição de uma família. No entanto, avaliamos que esses estudos podem ser ampliados, por exemplo, em um estudo comparativo entre seus livros e os de suas editadas. Em seus escritos, Maria Eugênia

---

<sup>230</sup> No livro *O poço do Visconde* (1957), Dona Benta cria a Casa de Saúde Dona Benta, A Escola Técnica Narizinho, hotéis de luxo e estradas para atraírem turistas. Tudo isso com as vendas do petróleo da Companhia Donabetense.

<sup>231</sup> Referência ao trecho da carta de 7 de maio de 1926, escrita por Monteiro Lobato para o amigo Godofredo Rangel: “Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar” (LOBATO, 2010, p. 513)

Celso, Iainha Pereira Gomes e Edy Lima expunham suas opiniões como nas cartas direcionadas ao amigo-editor ou modulavam seus discursos com maior recato? Suas personagens femininas eram modernas como as de Lobato? Qual a interferência do Lobato editor nas narrativas dessas mulheres? Questões que podem suscitar outras pesquisas relevantes sobre o autor e sua interferência na vida pública.

Em sequência, no capítulo *Dona Benta e tia Nastácia – Representações de mulheres nos anos de 1920-1940*, já nas primeiras análises, essas duas mulheres apresentaram perfis femininos distintos. Dona Benta e tia Nastácia, por consequência das origens sociais e econômicas, representam mulheres distintas: a primeira de classe média - alta sabia ler, podia comprar livros na capital, tinha uma empregada doméstica – e a outra, uma ex-escrava - não sabia ler e tampouco demonstrava interesse pelos debates científicos em geral, mas contava muitas histórias populares. Todavia, se as duas desempenham funções diferentes durante as aventuras – a primeira faz experiências em seu laboratório, lê livros sobre a história da humanidade e convoca os moradores do Sítio para serões científicos; a segunda, tia Nastácia, está sempre a preparar quitutes e a limpar a casa – parecem, na mesma medida, preocupar-se e demonstram afeição pelas crianças.

As duas mulheres tomam como sua a missão na educação dos pequenos, atentas às suas dúvidas e travessuras, tentando agradar-lhes com pequenos mimos. Destaco uma das passagens do livro *O Poço do Vinconde*, que demonstra a preocupação das duas senhoras com os pequenos. Durante a sessão de discursos em homenagem à Dona Benta, a primeira a possuir um poço de petróleo no Brasil fictício, Tia Nastácia é obrigada a fazer um discurso. No entanto, acaba por também receber uma homenagem:

- Discurso não sei fazer, porque não tenho estudos. Dizer coisas bonitas sôbre Dona Benta também não sei. Só sei beijar a mão dela – e correu, com os olhos rasos de lágrimas, a beijar a mão de Dona Benta.  
 Todos se comoveram, inclusive Quindim, que pingou uma lágrima dum tamanho duma jabuticaba na bacia com capim picado que Emília pusera na sua frente.  
 Dona Benta abraçou a preta, dizendo:  
 - Sim, minha negra. Você, além de ser a minha grande amiga, é a outra avó dos meus netos... (LOBATO, 1957, p.242)

Nessa e em outras passagens, tia Nastácia se desculpa pelo que não sabe - ainda que a falta de escolaridade, provavelmente, não tenha sido uma escolha, já que a personagem é uma ex-escrava - apesar de se comunicar muito bem com os que estão à sua volta. Mesmo sem as tais “palavras bonitas”, Nastácia toca os corações dos demais e atua na harmonização da vida no sítio, seja limpando cômodos, fazendo comida ou orientando as crianças com

ensinamentos da vida cotidiana (na fabricação de remédios caseiros, receitas, etc). Ela é, antes de tudo, representada como uma mulher amiga e sincera.

Dona Benta, por sua vez, aceita seu beijo e também a abraça. Se a expressão “minha negra” acaba transmitindo um mal estar para o leitor atual, o carinho de Dona Benta por Nastácia desfaz, a nosso ver, a interpretação de uma fala preconceituosa: se o pronome possessivo é usado seguido da sua identificação de raça, é também da qualificação de amiga. Logo a seguir, ele é utilizado novamente: "minha grande amiga". Dona Benta também nomeia tia Nastácia como segunda avó das crianças. Seria uma pretensão de Lobato, ao enfatizar que Nastácia era negra, mostrar que a raça da amiga não importava para Dona Benta?

No terceiro capítulo, também revela-se uma forte cumplicidade entre as duas meninas: Lúcia e Emília. Foi preciso repensar os caminhos metodológicos para prosseguir com a investigação. Em certo momento, foi necessário unir as análises sobre as duas personagens, para examinar os trechos sobre a instituição do casamento.

Como já destacamos, no capítulo *Lúcia e Emília – a primeira menina do mundo e sua boneca de carne e osso*, Narizinho foi concebida por Lobato como uma menina que acompanha as novidades da capital e, por vezes, ousa em sua vestimenta, mas não ultrapassa os limites da moralidade. Ela é moderna, obedecendo à aparente contradição entre os preceitos morais e científicos dos anos 1920/1940. Já Emília não tem limites para suas formulações orais e tampouco para suas ações. Ela é representada como uma menina rebelde, sem nenhum interesse por temas amorosos e domésticos. Emília é ambiciosa e, muitas vezes, tirana: almeja possuir tesouros e comandar as multidões.

Uma possibilidade de continuar o debate iniciado no último capítulo seria o aprofundamento da análise dos perfis masculinos em destaque, como os noivos, por exemplo: Príncipe Escamado e Rabicó, o porco. Parece-nos que, em certos momentos, uma dessas figuras masculinas está a par das campanhas de fortalecimento e renovação do casamento: o Príncipe Escamado mostra-se um noivo bem mais sensível do que Rabicó.

Ademais, constatamos que os perfis femininos representados nos livros infantis de Monteiro Lobato analisados nesta dissertação, em grande medida, se aproximam das práticas e dos discursos produzidos para as mulheres brasileiras de 1920-1940. Dona Benta, Narizinho e Emília enaltecem a utilização de conceitos e das práticas científicas para a qualificação dos trabalhos domésticos; preocupam-se com a higiene e saúde do corpo e se interessam pelos novos artefatos culturais como rádio e cinema. No que diz respeito à tia Nastácia, representa outra parte da população brasileira, que parece não acompanhar o ritmo veloz da

modernidade: por vezes se encanta, por outras, se assombra com as novas tecnologias e pouco as incorpora em seu cotidiano.

Desejamos que se juntem às análises e propostas de estudos, por nós apresentadas, a curiosidade de outros pesquisadores em relação à história das mulheres, da educação e dos livros. Por último, almeja-se que esta dissertação e os demais trabalhos - conduzidos com o distanciamento necessário, para que a ingenuidade não nos emudeça perante os documentos – também transmitam ao leitor os prazeres de pesquisar e a alegria de “descobrir” uma fonte documental como uma carta.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Julia Lopes. *Livro das noivas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.
- ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato, Escritor e Pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares, Brasília, INL, 1988.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BAKHTIN, Mikhail. (Volochínov) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. *Cadernos de Pesquisa*, FCC, São Paulo, v. 39, n. 136, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n136/a0739136.pdf>>. Acessado em: janeiro de 2013.
- BESSE, Susan Kate. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)*. São Paulo: Edusp, 1999.
- BIGNOTTO, Cilza. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2007. Disponível em: <[www.unicamp.br/iel/memoria](http://www.unicamp.br/iel/memoria)>
- BIGNOTTO, Cilza. *Monteiro Lobato e a infância na república velha*. 2011. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/RepublicaVelha.htm>>.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 71-79
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e obra..* São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956. 2 v.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda (org.) *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.89-110.

CECCANTINI João Luis; LAJOLO Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CELSO, Maria Eugênia. *De relance: Crônicas de B.F.* São Paulo: Monteiro Lobato e Co., 1924.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Introdução, p. 13-28.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. São Paulo: Cortez, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um hospício*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Tenha modos! Manuais de civilidade e etiqueta na escola normal (anos 1920-1960)*. Minas Gerais: COLUBHE, 2006. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/29MariaTeresaSantosCunha.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2013.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Alceu Amoroso Lima*. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader Medeiros. *Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC/INEP, 1999. p. 45-50.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

SCHEFFER, Mário (coord.). *Demografia médica no Brasil*. São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo : Conselho Federal de Medicina, 2011.

DEL PRIORE, Mary. (org) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

FRANCA, Leonel. *Liberdade e Determinismo: a orientação da vida humana*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1954.

FUNARI, Pedro Paulo. A cidadania entre os romanos. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2010.

GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

GIANNI, Andrés. Mulheres na Engenharia: além dos estereótipos. *A voz do engenheiro*, Brasília, n. 6. Disponível em: <<http://www.sengedf.com.br/mulheres.html>>. Acesso em: janeiro de 2013.

GIRAUD, Mad. *Sir Jerry detetive*. Trad. de Gulnara. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, SBHE, n. 5, jan./jul. 2003.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HELLER, Bárbara. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. São Paulo: Porto de Ideias, 2006.

HERSCHMAN, Micael Maiolino; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KLINKE, Karina. *Meninas em estado de sítio*. Dissertação de Mestrado (orientação Eliane Marta Santos Teixeira Lopes). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: Intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Edusp, 2006.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, (2000).

LAJOLO, Marisa. Linguagens *na e da* literatura infantil de Monteiro Lobato. In: CECCANTINI João Luis; LAJOLO Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: EDUNICAMP, 1996.

LEVI, Giovanni. Sobre micro-história. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da nova história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 133-161.

LIMA, Alceu Amoroso. *Idade, sexo e tempo: três aspectos da psicologia humana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

- LIMA, Fernanda Gabrielle Andrade. *O processo de comunicação pós-ressocialização de duas crianças selvagens*. Recife: Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pernambuco, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- LOBATO, Monteiro<sub>1</sub>. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro<sub>2</sub>. *História das Invenções*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro<sub>3</sub>. *Serões de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro<sub>4</sub>. *A chave do tamanho*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro<sub>5</sub>. *História do Mundo para as Crianças*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro<sub>6</sub>. *O poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro<sub>7</sub>. *O Minotauro*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro<sub>8</sub>. *O Picapau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro<sub>9</sub>. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro<sub>10</sub>. *Memórias de Emília*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro. *Na antevéspera: reações mentais de um ingênuo*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933.
- LOBATO, Monteiro. *O presidente negro*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.
- LOBATO, Monteiro. *Cartas de Amor*. São Paulo: Globo, 2011.
- LOURO, Guaracira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: UNESP, 1999.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Um “compromisso de honra”: reflexões sobre a participação de duas manifestantes de 1932 no movimento de renovação educacional. In: MAGALDI, Ana Maria; GONDRA, José Gonçalves (orgs.). *A reorganização do campo educacional no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 77-97.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Assim falou D. Júlia. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 82-85, 2008.

MALRAUX, André. *A condição humana*. Trad. de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. v. 3

MARTINS, Milena Ribeiro. Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos. Tese (Doutorado em História e Teoria Literária). – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2003. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/>> Acesso em: novembro de 2012.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Summus Editorial, 1979.

MENDONÇA, Ana Waleska P. C. Anísio Teixeira e a Escola Nova. In: XAVIER, Maria do Carmo. (Org.) *Manifesto dos Pioneiros da Educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Armanda Álvaro Alberto*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco : Massangana, 2010.

MORONARI, Denilma Garcia. *Trabalho, educação e família: questões e direitos femininos em debate na Constituinte de 1934*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, 2006.

NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: UNB, 1998.

NUNES, Cassiano. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: Copidart, 1983.

NUNES, Cassiano. *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília: Thesarus, 1984.

NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato Vivo (1882...1948)*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda; Record, 1986.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros. (Orgs.). *Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC/INEP, 1999. p.71-79.

PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru: Edusc, 2002.

PAULA, João Antônio de. Caio Prado Júnior e o desenvolvimento econômico brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Pesquisa e Debate*. São Paulo: EPOCOL/PUC-SP, 2006.

PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

REIS, Arthur Henock. O trabalho da mulher fora do lar. In: *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*. Rio de Janeiro: 1942.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RODRIGUES, Rosane Nunes. Educação doméstica e a produção de imagens femininas (DF-1920-1930). *Caderno de resumos do I Congresso Brasileiro de História da Educação. Educação no Brasil: história e historiografia*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Educação. 2000.

ROQUETTE, J. *Código do bom tom: as regras da civilidade e de bem viver no séc. XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *O Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: Técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p. 513 – 621.

SILVA, João Paulo Braga Correia da. *Retórica da ficção: a construção da narrativa camiliana*. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa e Filosofia) – Faculdade de Filosofia. Universidade Católica Portuguesa, 2011. Disponível em: <[http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/7258/1/Tese\\_Doutoramento\\_Ret%C3%B3rica%20da%20Fic%C3%A7%C3%A3o\\_J.Paulo%20Braga.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/7258/1/Tese_Doutoramento_Ret%C3%B3rica%20da%20Fic%C3%A7%C3%A3o_J.Paulo%20Braga.pdf)>. Acesso em: dezembro de 2012.

SILVA, José Cláudio Sooma. O aprendizado nosso de cada dia: a educação primária carioca e os investimentos nos mandamentos higiênicos nos anos 1920. In: LOPES, Sonia de Castro Lopes; CHAVES, Miriam Waidenfeld. (orgs) *A História da Educação em Debate*. Rio de Janeiro, Mauad X/FAPERJ, 2012.

SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

SILVA, Márcia Cabral da. *Infância e Literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SILVA, Márcia Cabral da. *Leitura, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. *Por uma história política*. trad.: Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SOUZA, Cynthia Pereira de. Os caminhos da educação masculina e feminina no debate entre católicos e liberais: a questão da co-educação dos sexos, anos 30 e 40. In: GONDRA, José Gonçalves; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. (orgs.). *Pesquisa Histórica: retratos da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995. p. 37-57.

SOUZA, Solange Jobim e. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vigotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 2006.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TEIXEIRA, Anísio. Porque "Escola Nova". *Boletim da Associação Bahiana de Educação*, Salvador, n.1, p.2-30, 1930.

TEIXEIRA, Anísio. O sistema escolar do Rio de Janeiro/DF. Relatório de um ano de administração. *Boletim de Educação Pública*, v. 2, n. 3-4, 1932.

TEIXEIRA, Anísio. O manifesto dos pioneiros da educação nova. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. (1937), Brasília, v. 65, n. 150, p. 407-425, maio/ago. 1984.

TIN, Emerson. Fragmentos da gênese de Vida Ociosa, de Godofredo Rangel, n'a Barca de Gleyre. *Anais do Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética*, X Edição, 2012.

VALLERIO, Ciça. *Feminista precoce: amiga de Quintana e Lobato*. Estadão on-line. 07/03/2009 Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,feminista-precoce-amiga-de-quintana-e-lobato,335267,0.htm>>.

VAZ, Léo. *Página Vadias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

VELOSO, Ana Carolina. *A Leitura do Jovem: Concepções e Práticas. Relatório parcial da pesquisa*. - Universidade do Estado do Rio de Janeiro / CNPQ - Rio de Janeiro, 2007.

VELOSO, Ana Carolina; SILVA, Márcia Cabral da. Perfis femininos na literatura infantil: uma abordagem histórica e comparativa (1930-1950). *Mosaico: Revista do mestrado em História*. Goiás: PUC, 2012. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/issue/view/147/showToc>>.

VIDAL, Diana Gonçalves. "Educação doméstica" e reforma da instrução pública do distrito federal. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1996.

VIDAL, Diana Gonçalves; RODRIGUES, Rosane Nunes. A casa, a escola ou o trabalho: o Manifesto e a profissionalização feminina no Rio de Janeiro (1920-30). In: XAVIER, Maria do Carmo (org). *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Edi. FGV, 2004.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. La crisis de três años. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Trad.: L.Kuper. 2. ed. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006. v. IV. Disponível em: <<http://www.vigotski.net>>. Acesso em: janeiro de 2013.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *La crisis de los siete años*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas*. Trad.: L.Kuper. 2. ed. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006. v. IV. Disponível em: <<http://www.vigotski.net>>. Acesso em: janeiro de 2013.

XAVIER, Maria do Carmo (org). *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ZILBERMAN, Regina. (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler: a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

**APÊNDICE A – Obras Completas de Monteiro Lobato – Literatura Infantil**

<b>I - COLEÇÃO OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO – LITERATURA INFANTIL (EDITORA BRASILIENSE, 1931-1944)</b>		
<b>LIVROS</b>	<b>ANO DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>RESUMO</b>
<b><u>1º – Reinações de Narizinho</u></b>	1931	Neste livro estão reunidos contos e histórias publicadas pelo autor a partir de 1921, que foram adaptados e tornaram-se capítulos de uma única história. O primeiro livro sobre a menina Lúcia, por exemplo, A menina do narizinho arrebitado é nesta publicação definitiva o 1º capítulo. Entre as aventuras nos Reinos das Águas Claras e as Terras do Faz-de-conta aparecem Narizinho, Pedrinho, Emília, D. Benta, Nastácia, o Visconde, Rabicó, Quindim, o Burro Falante...
<b><u>2º – Viagem ao céu e O Saci</u></b>	1932	Em <i>Viagem ao céu</i> , Pedrinho com uma boa dose do pó de pirlimpimpim, transporta Narizinho, Emília, Visconde, Nastácia e o Burro Falante ao céu. Vão parar na Lua, onde tia Nastácia vira cozinheira de São Jorge, visitam Marte, Saturno e aprendem noções de astronomia. Em <i>O Saci</i> mais uma vez é Pedrinho quem inicia a aventura. Dessa vez seu objetivo é pegar um saci com a peneira e conservá-lo preso numa garrafa. Ao lado desse novo personagem, o menino conhece as principais criações mitológicas do nosso folclore: Mula Sem Cabeça, Caapora, Lobisomem, Boitatá etc.
<b><u>3º Caçadas de Pedrinho e Hans Staden</u></b>	1933	Pedrinho organiza uma caçada de onça e sai vitorioso, como também sai vitorioso do ataque das onças e outros animais ao sítio de dona Benta. Depois encontra um rinoceronte, fugido de um circo do Rio de Janeiro. Emília, ao ver o animal tão pacato e amigável, o batiza de Quindim. No segundo título, dona Benta narra as aventuras de Hans Staden. Esse aventureiro alemão veio ao Brasil em 1559 e esteve nove meses prisioneiro dos tupinambás, assistindo a cenas de antropofagia e à espera de ser devorado de um momento para outro. Mas se salvou e voltou para a Alemanha. Lá publicou o seu livro: o primeiro que aparece com cenário brasileiro.
<b><u>4º – História do mundo para as crianças</u></b>	1933	Este livro trata da evolução humana e da história da humanidade no planeta. No entanto, do modo como D. Benta conta as histórias, mais parece um romance. As crianças recebem lições sobre Roma e Grécia, sobre a descoberta da América e as grandes navegações. No último capítulo, a narradora reflete sobre seu próprio tempo e o classifica como a Era dos Milagres.
<b><u>5º – Memórias da Emília* e Peter an</u></b>	1936	Emília resolve contar suas memórias, ditando-as ao Visconde de Sabugosa. Neste livro temos a interessante visita das crianças inglesas ao sítio de dona Benta, trazidas pelo velho almirante Brown. A criançada queria conhecer o Anjinho de Asa Quebrada, que Emília descobriu na Via Láctea, durante a Viagem ao Céu. Na segunda parte, <i>Peter Pan</i> , dona Benta recebe o famoso livro de John Barrie e o lê à sua moda para as crianças. Durante a leitura, às vezes interrompida por cenas provocadas pelos meninos e sobretudo pela Emília, ocorre o caso do desaparecimento da sombra da tia Nastácia.

<b><u>6º – Emília no país da gramática e Aritmética da Emília</u></b>	1934	Neste livro, Monteiro Lobato apresenta a língua como uma cidade, a cidade da Gramática, e leva para lá Emília, Pedrinho, Narizinho e o Visconde montados no rinoceronte. E é esse paciente animal, Quindim, o gramático que tudo mostra e explica. Há a entrevista de Emília com o venerando Verbo Ser e a reforma ortográfica que a boneca de pano opera. Na Aritmética da Emília, Monteiro Lobato usa do mesmo recurso e consegue, a partir das brincadeiras das crianças ensinar noções de aritmética.
<b><u>7º – Geografia de Dona Benta</u></b>	1935	Em vez de estudar geografia nos livros, como fazem todas as crianças, os personagens do sítio embarcam no navio "O terror dos Mares" e sai pelo mundo afora, a "viver" geografia. (1935)
<b><u>8º – Serões de Dona Benta e História das invenções</u></b>	1937	Certo dia, dona Benta resolve ensinar física aos meninos, e em vários serões faz um verdadeiro curso da matéria com muitas experiências, desenhos e observações em seu laboratório. Em História das Invenções, D. Benta re-conta o livro História das invenções – O Fazedor de Milagres, do cientista e filósofo Hendrik Van Loon. Os estudos das invenções são desenvolvidos através da ampliação dos sentidos humanos: invenções que ampliaram o poder das mãos e dos pés, do ouvido, da visão, do nariz...
<b><u>9º – D. Quixote das crianças</u></b>	1936	As famosas aventuras de D. Quixote de la Mancha e de seu escudeiro, Sancho, são aqui contadas por dona Benta. Emília entusiasma-se com o herói e em certo momento resolve imitá-lo - e armada dum cabo de vassoura, feito lança, investe contra as galinhas do quintal.
<b><u>10º – O poço do Visconde</u></b>	1937	O Visconde vira geólogo, faz conferências, ensina a teoria e depois passa à prática, com a abertura de poços de petróleo nas terras do sítio de dona Benta. Com a fundação da Companhia Donabentense de Petróleo, conseguem abrir o primeiro poço de petróleo do Brasil: o Caraminguá nº 1. Assim como havia feito em O Escândalo do Petróleo, para o público adulto, neste livro Monteiro Lobato apresenta sua campanha petrolífera ao público infantil.
<b><u>11º – Histórias de tia Nastácia</u></b>	1937	As histórias populares do nosso folclore são contadas por tia Nastácia tal e qual ela as ouviu de sua mãe e outras pessoas do povo. No final de cada história Narizinho, Emília e Pedrinho comentam os personagens e a moral dos contos revelando um senso crítico aguçado.
<b><u>12º – O Picapau Amarelo e A reforma da natureza</u></b>	1939	Dona Benta adquire todas as terras em redor do sítio para atender a uma solicitação dos personagens das fábulas. Gostaram tanto de visitar o sítio em outras aventuras que queriam morar ali com a criançada. Uma das surpresas desse livro é o casamento de Branca de Neve com o príncipe Codadad, das Mil e uma Noites. Durante a festa de casamento o sítio é assaltado pelos monstros da Fábula e no tumulto tia Nastácia desaparece. Em a Reforma da Natureza Dona Benta, Tia Nastácia e o Visconde de Sabugosa são convidados pelos chefes de Estado da Europa para participar da Conferência da Paz, como representantes da Humanidade e do Bom Senso. Desta forma, a pequena "República do Sítio do Picapau Amarelo" poderá ensinar à humanidade o segredo de bem governar os povos. Pedrinho e Narizinho acompanham a comitiva, mas Emília fica no Sítio e aproveita para fazer algumas modificações na natureza como o passarinho-ninho, o livro comestível, o porco magro...

<b><u>13º – O Minotauro</u></b>	1937	<p>Neste livro Pedrinho tem a idéia de procurar Tia Nastácia na Grécia Heróica, sumida desde o casamento de Branca de Neve. Viajam com ele o Visconde e a Emília, enquanto D. Benta E Narizinho assistem a inauguração do Pantheon e conversam com Sócrates.</p> <p>O primeiro grupo descobre que Nastácia está presa no Labirinto de Creta, nas unhas do Minotauro, o que eles não esperavam e que ela já havia domesticado o monstro, à força de bolinhos e quitutes. O Minotauro estava tão gordo que os meninos puderam entrar no Labirinto e salvá-la sem que ele pudesse reagir.</p>
<b><u>14º– A chave do tamanho</u></b>	1942	<p>Emília resolve acabar com a Segunda Guerra Mundial. Para isso ela vai até a Casa das Chaves, lá nos confins do mundo e "vira" a Chave da Guerra. Mas comete um erro e em vez da Chave da Guerra roda a Chave do Tamanho, chave que regula o tamanho das criaturas humanas. Em consequência da "arte" de Emília, todas as criaturas humanas do mundo inteiro "perdem o tamanho", ficam de dois, três centímetros de estatura.</p>
<b><u>15º – Fábulas</u></b>	1922	<p>Monteiro Lobato reescreve as fábulas de Esopo e La Fontaine, mas de modo comentado. Assim como no livro "Histórias de tia Nastácia", ao final de cada fábula as crianças tecem suas críticas às morais e enredos das histórias.</p>
<b><u>16º e 17º – Os doze trabalhos de Hércules (1º tomo e 2º tomo)</u></b>	1944	<p>Pedrinho, Emília e o Visconde vão para a Grécia, a fim de acompanhar as façanhas de Hércules - e o fazem tomando parte nelas e muitas vezes salvando o grande herói.</p>

## APÊNDICE B – Livros escolhidos

<b>LIVROS ESCOLHIDOS (Coleção Obras Completas Monteiro Lobato – Literatura Infantil/Editora Brasiliense)</b>	
<b>Livros em que as personagens Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho e Emília são respectivamente as protagonistas</b>	
<b>Título</b>	<b>Ano de publicação</b>
Serões de Dona Benta	1937
Histórias de tia Nastácia	1937
Reinações de Narizinho	1931
Memórias de Emília	1936
<b>Livros sobre história, evolução da humanidade e inovações tecnológicas</b>	
História do mundo para as crianças	1933
História das invenções	1937
O poço do Visconde	1937